REPULSA CRITICA,
E
APOLOGETICA
De um livro intitulado
CRITICA DA CRITICA,
E
DEFENSA DA DEFENSA;
Que contra dois Tranſtaganos eſcreveo um anonimo com o nome de
D. JOAQUIM VELHO DO CANTO
PRESBITERO LISBONENSE
A favor do Poema intitulado
TRIUNFO DA RELIGIAM;
QUE COMPOZ
FRANCISCO DE PINA E DE MELO.
OFERECIDA AGORA AO PUBLICO CRITICO
POR
J. J. N. DE F. S. C. DE M.
OU
JOZE JEUNE DE LA AVE.

LISBOA,
Na Offic. de ANTONIO RODRIGUES GALHARDO.

M. DCC. LXIV.
Com todas as licenças neceſſarias.

LICENÇAS

DO S.TO OFFICIO.

VIstas as informaçoens, pode-se imprimir a obra, de que se faz mençaõ; e despois voltará conferida para se dar licença que corra, sem a qual naõ correrá. Lisboa 12 de Julho de 1763.

Trigozo. Carvalho. Mello. Thorel.

DO ORDINARIO.

VIsta a informaçaõ, pode-se imprimir o papel de que se trata; e despois de impresso e conferido torne. Lisboa 24 de Julho de 1763.

D. J. Arc. Lac.

DO PAÇO.

QUe se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario; tornará para a licença de correr. Lisboa 13 de Outubro de 1763.

Affonseca. Pacheco. Castro.

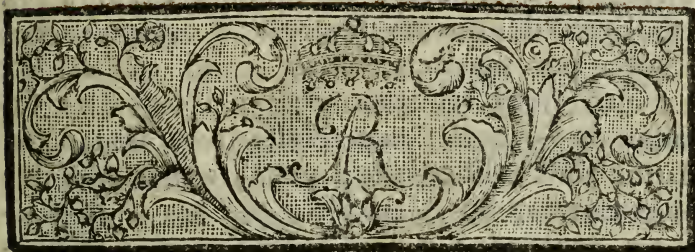
POde correr. Lisboa 18. de Mayo de 1764.

Trigozo. Lima.

POde correr. Lisboa 18. de Mayo de 1764.

D. J. Arc. Lac.

TAxaõ para correr em duzentos reis. Lisboa 20. de Mayo de 1764.

Affonseça. Pacheco. Castro.

DISCURSO I.

Screveo Francifco de Pina e de Melo um Poema, que intitulou *Triunfo da Religiam*, obra digna de um omem tam erudito; mas emfim obra de omem, que nunca pode fer totalmente perfeita. Afim que faío a luz em Coimbra fez mimo de um exemplar a um feu amigo; e efte o remeteo a outro que tinha em Vila Viçoza, pedindo-lhe o feu parecer, que ele declarou em uma breve carta, a que ajuntou outra de um Eborenfe, com quem conferio o Poema; as quaes ambas foram parar á mão do dito Pina, que fe defendeo com uma larga apologia, que imprimio, tratando nela bem mal os dous Tranftaganos, que nam refpondêram por nam moftrarem o empenho, que nam tinham tido quando efcrevêram as duas cartas, de criticar o Poema, e fó de fatisfazer particularmente ao que o feu amigo lhe pedia. Pafados 5 anos, quando ja

 nin-

ninguem ſe lembrava de tal obra, ſaío a luz um livro de quarto impreſo e compoſto em Lisboa por um Ecleziaſtico muito conhecido, e douto; mas rebuçado com um cognome ſupoſto de *Velho do Canto.* Neſte livro deu o ſeu Autor toda a liberdade á pena, zombando dos dous criticos do Alemtejo, que em nada o tinham dezafiado: e nam querendo eſtes reſponder, tomei eu eſe trabalho por evitar a ociozidade. E principiando a ler o tal livro, lhe achei deſde o principio continuados deſcuidos, que me deram fundamento a muitos reparos; e ſuceſivas chufas, que me facultáram a liberdade do eſtilo jocoſerio, de que tambem uzou o dito Autor.

Principía queixando-ſe de moleſtias, e intimando a todo o mundo a ſua aplicaſam: e depois de eſcrever em proza quanto é baſtante a oſtentar o ſeu empenho, quiz moſtrar as ſuas abilidades todas, e que tambem fazia verſos: para o que introduz um Romance, por modo bem digno de rizo; pois dizendo que pedio a um amigo que *em ſegredo onde ninguem os ouve, lhe diga que juizo faz das cenſuras, e do Poema*; o tal amigo lhe reſponde que *ſim, e que pegue na pena, e lhe dirá o ſeu ſentimento em bom Romance.* Nam á maior frioleira! Com que para um amigo me dizer uma coiza em ſegredo, *onde ninguem nos ouve*, é neceſario que eu eſcreva o que ele me diz? Se ele o eſcreveſe para eu o ler, poderiamos entender que aſim quiz evitar o perigo de que alguem o ouviſe; mas eſcreve-lo eu ſó para o ouvir, e ninguem mais,

nam

nam ſei para que ſerve. Nam lhe ficava mais barato, viſto querer empurrar-nos o Romance, dizer que, perguntando ao amigo o ſeu parecer, ele lhe reſpondêra com aquele Romance, ſem dizer que lho mandára eſcrever? E quanto melhor fora que o guardáſe!

Principía como quem entra em uma caza eſcura, palpando, e ſem poder tomar tino, com mais interrogaçoens que inquiriſam de prezos do ſegredo, ſem teſtemunhas do delito. Ali duvida ſe tem os ſeus *ſete ſentidos*; o que eu tambem duvido, porque (com licença do ſapientiſimo Feijó) nam ſei mais que de ſinco. Ali ſe conſidera com *o fantaſma abſorto*; que nam ſei como póde acontecer, quando ſe julga inquieto, e cauzando iluzoens. Admira-ſe de que *os criticos Tranſtaganos*, *ſendo tam doutos*, deſcubram erros no Poema; como ſe os doutos eſtiveſem impoſibilitados para ſer criticos. Rouba ao entendimento, com que ſe conheſe o bem, e o mal, o microſcopio da critica, para o colocar na pena com que ſe eſcreve; como ſe a pena ſerviſe para diſcorrer. Chama *Promontorio* ao Parnaſo, quando eſte termo, que é proprio da Geografia, ſe deve aplicar aos rochedos iminentes ao mar, a que vulgarmente chamamos *cabos*. Cae em outras impropriedades deſtas: até que chega a dizer, louvando a patria do ſenhor Pina, e deſprezando a dos Criticos, que .... produz

Montemor ſublimes aguias,
O Alemtejo gafanhotos.

Em quanto aos gafanhotos provéra a Deos que nam falaſe verdade, como ſe experimenta á anos: mas a reſpeito das aguias de Montemor é noticia bem eſtranha. Talvez que ficaſem ahi por eſquecimento aos Romanos, ou que vieſem de arribaſam do Imperio. Porém para que eſas ſublimes aguias nam deſprezem eſtes gafanhotos, bom ſeria que tomaſem exemplo na aguia de Jupiter, que nam poude livrarſe da ruina, que lhe cauzou, com bem pouco trabalho, outro animal mais inerte que os gafanhotos, que é bem conhecido pelo oficio de tornear maſans para brincarem os rapazes. Advirta pois o ſenhor critico mór (doulhe eſte nome por ſer *critico dos criticos*) advirta que os gafanhotos tem por natureza o roer; e que nas ſuas cartas ſe lhe oferece muito paſto, por eſtarem cheias de verdura. Nam queira que lhe devorem o ſeu trabalho, e digamos com David: *Et dedit ærugini fructus eorum*, *et labores eorum locuſtæ.* Tomára perguntar a eſe ſeu amigo trovista, que ſemelhanſas achou de gafanhotos aos criticos Tranſtaganos? Em ſua mercê é que eu acho alguma; porque ſe de ſi meſmo confeſa na pag. 8. que é um *parvulozinho*, eſtes véjo eu comparados áqueles inſetos em um texto, que lhe vem de molde: *Parvuli tui quaſi locuſtæ locuſtarum, quæ conſidunt in ſepibus in die frigoris*: e ſendo ſua mercê critico dos criticos, a que chama *gafanhotos*, vem forçozamente a ſer gafanhoto dos gafanhotos: *Locuſtæ locuſtarum*: conſervando tambem a ſemelhanſa de eſtar meti-

do

do em caza, por ser velho (como diz no principio da sua primeira carta) que a velhice, como é inverno da idade, é tambem o tempo do frio na vida do omem: *Quæ considunt in sepibus in die frigoris.* Ultimamente devem os Transtaganos estar consolados, porque ja ouve gafanhotos que nam faziam mal ás arvores, e ervas, mas só aos omens: *Et præceptum est illis ne læderent fœnum terræ, neque omne viride, neque omnem arborem, nisi tantum homines*: e outro tanto nam pode dizer o senhor Apologista quando se considera no principio da sua primeira carta convertido, por virtude da sua metempsicose, no animal que canta as letras vogaes.

Deixando porém ja esta bicharia, vamos ao fim do Romance, que acaba deste modo:

Nada disto foi, se nam
que, tendo o Pina composto
hum Poema incomparavel,
Venit inimicus homo.

Teve sua graça o remate da cantiga. Bem mostra o Poeta ser Prégador da moda, porque quiz acabar com o texto. Ora digame, senhor Poeta: se vosa mercê conheceu que nada daquilo foi, para que nos esteve quebrando a cabesa com coizas que nam eram asim? Esteve arengando duas oras para no fim se desmentir, e inutilizar todo o Romance com aquela negaçam *nada disto foi.* E ja que conheceo a superfluidade antes de imprimir o livro, porque nam a evitou, visto que podia explicarnos o seu parecer nos tres versos que restam, de que ninguem

guem poderá formar juizo certo; porque chamar *incomparavel* ao Poema nam é elogio nem vituperio, por poder ſer uma, e outra coiza, pois á coizas incomparaveis por muito boas, e outras incomparaveis por muito más. Para o contexto nam póde apelar; e ainda que quizeſemos intender que iſto é louvor, nam nos conſente eſte juizo a negaçam, que ja notei, que afirma que nada daquilo foi. Ora infiro: logo, ſe nada foi do que diſe quando quiz louvar o ſenhor Pina, e vituperar os ſeus criticos, ſam eſtes os que merecem o premio, e aquele a cenſura. Iſto é claro: mas o Romanciſta eſtava preocupado do entuziaſmo dos velhancicos, e nam cuidou que alguem cometeria o ſacrilegio de formar eſta ilaſam. E temos que nam ſoube declarar o juizo, que fez do Poema.

O meſmo lhe aconteceo a reſpeito das cenſuras; porque o texto, que alega, nam ſó é confuzo para aquele lugar, mas tambem falſo na inteligencia, que lhe dá. Nas cartas dos Tranſtaganos achavaſe a maior parte de elogios ao *Triunfo*, principalmente na de Evora, que entre outras expreſoens, dizia a reſpeito do tal Poema, que „ A verſificaſam é fluida, cadente, „ e numeroza; as deſcripçoens muito boas, „ as imitaçoens bem executadas, as imagens „ beliſimas, a fraze pura, elegante, e poetica *et c.* E é iſto ſer *inimicus homo*? Eu nunca vi que o louvor ſincero foſe açam de inimigos: e quem eſcreve o que refiro, e ſe vê tambem copiado na apologia do ſenhor Pina, bem moſtra nam ſer contrario.

trario. A reſpeito de Vila Viçoza, vemos nós na meſma apologia que o ſeu Autor confeſa que, tendo-o aquele critico *levado ao mais alto cume dos elogios* (ſam as formais palavras) *paſáſe tam de repente para a acuzaſam do Poema* et c. E iſto é que chama o ſenhor Apologiſta *Inimicus homo*? Que mais poderám fazer os ſeus amigos do que levalo *ao mais alto cume dos elogios*? Que mais dirám do ſeu Poema Indico, que nam diſeſe o Eborenſe na paſagem da ſua carta, que aſima tranſcrevi? Eu acento em que chamar o ſenhor D. Joaquim *Inimicus homo* a quem levou o ſenhor Pina *ao mais alto cume dos elogios*, é modo de meter a bulha; porque nos dá a entender que lhe chama inimigos fundado na opiniam do veneravel Beda: *Duo ſunt genera perſecutorum: unum palam ſævientium, alterum ficte, fraudulenterque blandientium*: e ja que nam os poude fazer perſeguidores declarados, os fez inimigos lizonjeiros.

Nas cartas dos criticos ſó ſe cenſurava alguma falta, que avia para a perfeiçam do Poema; e eſta com tal modo, que mais parecia dezejo da correçam, do que caſtigo do defeito. Veja-ſe ou lugar da carta do Eborenſe: „ A dicçam (*diz*) é limada, exceptuando „ tal, ou qual palavra umilde; como v. g. „ *coxás*, *pernas*, *tronchas*, *et c.* e outras no- „ vas, ou eſtrangeiras, como *anatyzar*, *ori-* „ *entar*, *genitor et c.* Em quanto ao primeiro genero de palavras, a que chama *umildes*, pelo diſcurſo deſta crize ſe tratará: e no que reſpeita

ás

ás eſtrangeiras, o meſmo Autor do Poema confeſa que uma é Grega, outra Latina, e outra a vio em um livro Caſtelhano. Bem eſtá: qual é agora a Portugueza? Em que lhe levantou teſtemunho falſo o Eborenſe? Emfim com as palavras *inimicus homo* nam declarou, como tinha prometido, o juizo das cenſuras; porque a palavra *inimicus* é indiferente para o bem, e para o mal; e deixou aquele lugar confuzo, ſem explicar o que o Romanciſta tinha intentado. Iſto meſmo conheceo ele; porque acabando o Romance, principiou imediatamente um paragrafo, em que ſe declara em proza o que nam ſe lê no verſo com clareza: e venha ele que nam me deixará mentir: „ Mais algumas palavras
„ diſemos ſobre a materia, e nos conformamos
„ no dictame de que as duas criticas Tranſtaga-
„ nas ſó tiveram por fim o querer oſtentar no-
„ ticia; mas com infeliz ſuceſo, porque o Pina
„ lhes reſponde com tam nervozos argumentos,
„ que ja os ſuponho arrependidos de o terem
„ dezafiado.

Eſtamos no cazo do pintor que tendo pintado um galo, duvidou ſe os outros o conheceriam, e lhe eſcreveo por baxo *Iſto é galo.* Porém ainda no fim do ſobredito paragrafo á coiza mais digna de reparo, que é a baxeza de eſpirito, com que o ſenhor Apologiſta empreendeo o caſtigo de uns omens, que ja *ſupunha arrependidos.* Os miniſtros de Deos devem mais que todos imitar as Divinas açoens: e ſe Deos perdoa aos arrependidos, o ſenhor

Pres-

Presbitero Lisbonenſe para que obra o contrario? O certo é que ſahio na intelligencia de que nam averia quem lhe reſpondêſe. Mas fatigado eu de ler, e notar os deſcuidos tam continuados da Apologia, me rezólvo a ir tocando ſó os pontos mais principais, reſpondendo aos ſeus argumentos, e moſtrandolhe tambem os ſeus erros. Para o que devo advertir aos meus leitores que eſta obra do ſenhor D. Joaquim ſó é uma *amplificaſam*, como ele meſmo confeſa, ao que diſe na ſua Apologia o ſenhor Pina, a quem ele crimína de ter ſido *muito remiſo, e demaziadamente modeſto.* Foi o ſenhor Presbitero Lisbonenſe o primeiro omem de juizo, que achou demazia na modeſtia, ſendo certo que toda é diminuta; mas proteſtolhe que me nam á de notar eſe defeito, ſem embargo de que, atendido o mereſimento da ſua obra, ſempre direi pouco: e confeſo que nam diria tanto, ſe nam quizeſe imitar o ſeu exemplo, e ſeguir o ſeu conſelho; ainda que me lembro de que *Prava exempla non ſunt imitanda.*

Entra pois o ſenhor Apologiſta a querer defender o ſeu afilhado pela introduçam de palavras novas; e repete logo o meſmo texto de Horacio, que traz o ſenhor Pina: *Ego cur acquirere pauca, ſi poſſum, invideor?* acreſcentando ſómente *pezados montantes*, *biſidos cutelos*, *Rigoriſtas de idiomas etc.* até que, por nam esperdiçar a gracinha de apropriar os dous votos de caſtidade, e pobreza, traz arraſtado o da obedienſia: e por querer fazer a profiçam ſolene,

 intro-

introduz uma frioleira bem indiſcreta. „ Os Ri-
„ goriſtas de qualquer idioma (*diz*) fazem vo-
„ to de caſtidade da lingua, e ao meſmo tem-
„ po lhe obſervam, e tambem conſervam o vo-
„ to de pobreza; mas o da obedienſia aos pre-
„ ceitos dos Meſtres, nam chega a tanto a Re-
ligiam dos bemfalantes. Deixemos o velhanſico
de *obſervam*, *e conſervam*, e vamos ſómente á
obedienſia dos bemfalantes. Pergunto: ſe eſes Ri-
goriſtas nam obſervam os preceitos dos Meſ-
tres, como lhe chama *bemfalantes*? E ſe ſam
bemfalantes, como nam obedecem aos precei-
tos dos Meſtres? Daqui podemos inferir que
os taes preceitos ſam inuteis, viſto que ainda
quem nam os obſerva é *bemfalante*: e por con-
ſeguinte é ſuperfluo que nos alegue nenhum.
Mas vejamos com tudo quaes aponta a ſeu favor.

O primeiro que vem a campo é um de
Lucrecio, e por ſinal que alterado: *Sæpe novis
verbis, præterquam cum ſit agendum, propter ege-
ſtatem linguæ, et rerum novitatem.* Neſte texto,
que o ſenhor Apologiſta com os ſobrolhos le-
vantados chama *terminante*, temos muito que
advertir; porque nam é texto, mas pretexto,
que o meſmo Lucrecio tomou para deſculpar-
ſe da introduçam de algumas palavras novas, a
que o obrigaria a neceſidade do aſunto que to-
mava; e diz aſim:

Nec me animi fallit graiorum obſcura reperta
Difficile illuſtrare latinis verſibus eſſe.
Multa novis verbis, præſertim cum ſit agendum,
Propter egeſtatem linguæ; et rerũ novitatẽ. etc.

Mas

Mas quando eſta verdade nam eſtiveſe tam patente, eu lhe concedera de boa vontade que daqui ſe pudeſe inferir liberdade de uzar de palavras novas; mas advirta nas condiçoens. A primeira ſó ſe dá quando no idioma nam á palavra ſignificativa do objeto que ſe pertende reprezentar: *Propter egeſtatem linguæ.* A ſegunda, quando ſe trata de materias, que nam ſam vulgares: *Et rerum novitatem.* Porém dezejara que me diſeſe o ſenhor Apologiſta onde ſe davam eſtas condiçoens quando o ſenhor Pina diſe *Genitor*, em lugar de *Pai*; *orientar* em vez de *naſcer*, ou *aparecer*, *et c.* Por ventura é novo entre nós o aver *pais*, e nunca viſto o *naſcer*, ou *aparecer*? O ſenhor Pina quer falar como oraculo para que o adevinhem. Porém dezenganeſe que o nam á de ſer em quanto as ſuas repoſtas forem como a que deo aos Tranſtaganos, cheia de mais malicia, que ſiencia, como adiante moſtrarei. Senhor Franciſco de Pina, veja que a noite é orroroza, por eſcura; e o dia agradavel, por ſer claro. Se voſa mercê quer agradar, á de falar claro. Só é entendido quem ſe ſabe dar a entender. Nam queira que algum diga de voſa mercê, com pouca variaſam no ſentido, o que outro Poeta diſe de um boſque tenebrozo:

Pela boca da noite é que reſponde
Quando a manhãa vai dar-lhe algum recado;
Sendo com tam boſal fizionomia
Eſpantalho do Sol, coco do dia.

Eſte boſque lá tinha ſuas ſemelhanſas com aquele dos Hottentots, que vem no ſeu Poema,

que, por ſer a primeira ſena daquele teatro, bem póde ſervir de agoiro ao *emaranhado* do eſtilo. Voſa mercê nam ſervirá de eſpantalho ao Sol;

Que nó repararà el Sol
En atomos tan pequeños:

porém ao menos eſpanta os leitores; ſem embargo de que alguns ja vam perdendo o medo ao eſpantalho.

Do meſmo modo ſe deve entender o texto de Horacio: *Ego cur acquirere pauca, ſi poſſum, invideor*? Em duas coizas ſe deve advertir: a primeira é aquele *pauca*, em que o Poeta nos moſtra que as vozes eſtranhas, de que devemos uzar, amde ſer *poucas*; e ſó tantas quantos forem os cazos de neceſidade, e novidade: *Et rerum novitatem*: a ſegunda é aquela condiſam *ſi poſſum*, com que declara que ſe deve coarċtar eſta liberdade ſómente para quando for licita, *ſi poſſum*; que ſó o póde ſer por pobreza da lingua, *Propter egeſtatem linguæ*. E além deſta coarċtaſam, vemos que Horacio nam permite que ſe peſam empreſtadas as vozes a muitas linguas, fazendo manta de retalhos (porque entam ſe lhe póde apropriar o *varias inducere plumas*) mas ſómente á uma, que ſeja mais culta, e abundante de termos, como era a Grega a reſpeito da Latina:

Et nova fictaque nuper habebunt verba fidem, ſi
Græco fonte cadant, parce detorta: etc.

Que um Poeta peſa á lingua Latina, quando tiver neceſidade, é juſto; porque eſta é muito

vaſta

vaſta de termos, por incluir muitos da Grega; mas tirar uma palavra da Italia, outra da Franſa, outra da Grecia etc. iſto é fazer capa de pobre, e uma confuzam de linguas como a de Babel. Além de que ſe podem abſtrair novas vozes de termos uzados, como v. g. *animalidade*, de *animal*, e outros ſemelhantes; uzandoſe ſempre com muita advertenſia, de ſorte que ſe prove aver neceſidade do ſeu uzo, para que aſſim tenham aceitaçam:

.... licuit, ſemperque licebit
Signatum præſente nota producere nomen.

Em quanto á diferenſa, com que quer que aos Poetas ſeja mais licito o uzo, e introduçam de termos novos, do que aos Eſcritores, que eſcrevem em proza, tambem lhe nam poſo achar razam; porque ſe eſtas ſe devem introduzir, e uzar, *propter egeſtatem linguæ, et rerum novitatem*, julgo que mais neceſidade terá a proza, do que o verſo, deſte ſocorro; pois em quanto á pobreza da lingua, é igual em uns, e outros, eſcreverem no meſmo idioma: e pelo que reſpeita á novidade dos objetos, ninguem duvida que a proza tem mais ocazioens de os encontrar; porque as ſiencias, que ſe explicam por termos facultativos, ſe tratam em proza, e nam em verſo. Alem diſto devemos bem ponderar que a pobreza de lingua procede da novidade dos objetos; e faltando eſta, nam ſe dá aquela: e iſto bem ſe prova nos ruſticos, que ſem dificuldade explicam todas as ſuas ideas, por ſerem uzuaes, e nam novas. Nem

quei-

queiram apelar para a desculpa dos consoantes, que muitas vezes obrigam; porque (dizem) nam é justo que por uma palavra se perca um soneto v. g., ou por falta de um consoante deixe de se exprimir um conceito; pois esta desculpa nem sempre póde valer; e é menos mal que se perca um pouco de trabalho, do que por forsa de consoante dizer uma parvoice. E se nam, digam-me que desculpa tem o senhor Pina neste lugar do seu Poema:

.... Vamos que eu te asisto:
E sem outra demora, que os detenha,
Ambos as luzes seguem, que os *empenha*
A procurar com animo devoto
Do universo o caminho mais remoto.

Que tal está a lingua de preto? *As luzes, que os empenha* nam diriam *os gafanhotos do Alentejo*, quanto mais *as Aguias de Montemor*! E quanto melhor fora que se perdesem aqueles quatro versos? Eu julgo que o senhor Pina muito bem vio estes descuidos; mas teve dô de riscar o que tinha escrito. No *quod scripsi, scripsi*, só Pilatos acertou. Lembrese, senhor Poeta, do rifam, que diz: *Autor, que nam bórra, Autor de bôrra.* Nam tenha tanto amor a dous versos; nem se deixe levar da forsa dos consoantes. Um poeta Italiano fez uma satira a uma senhora distinta; e para consoante de *Romana* só lhe poude servir a palavra *putana*: foi arguido do delito, e se desculpou, dizendo que foi forsa de consoante: entam o Papa lhe perguntou o seu nome; e respondendo que era
Fulano

Fulano Madera, foi ſentenciado tambem por forſa de conſoante a galé perpetua, ſem lhe valer a licenſa poetica, deſte modo:

Eſſerá ben' aſſai, ſignor Madera,
Ch' abbia per propria caſa una galera.

Porém paſemos adiante para ver o terceiro texto que o ſenhor D. Joaquim alega para provar que aos poetas é mais licito o uzo de termos novos, do que aos mais eſcritores:

.... *pictoribus*, *atque poetis*
Quidlibet audendi ſemper fuit æqua poteſtas.

Que tal eſtá a aplicaſam do texto? Haverá quem deixe de ſe rir? A propoziſam, que ſe intenta provar, diz que *é muito mais licito aos poetas*, *que eſcrevem em verſo*, *do que aos mais eſcritores*, *que eſcrevem em proza*, *o atrevimento de introduzir palavras novas*: e o texto diz que *os pintores*, *e os poetas ſempre tiveram igual poder de inventar o que lhe parecer.* Ora que parenteſco tem uma coiza com a outra? Em que ſe parece o requeijam com o eſpeto? Ouçamos a traduſam, que lhe faz, que é muito galante, e diz ſua mercê que é feita *ſem violentar a gramatica*: „ He muito digno (*diz*) de todo o en„ genho penetrante, que eſtas licenſas, ainda „ capituladas com o nome de atrevimentos, „ *audendi*, ſam um poder, e poder juſto; nam „ iniquo, nem alheio da razam, mas cheio de „ equidade, *æqua poteſtas*; e iſto nam ſó neſta, „ ou em outra circunſtanſia, mas em todo o „ tempo; que eſta é a forſa daquele *ſempre.*„ Ora vejam voſas mercês o que fazem os engenhos

pene-

penetrantes! Pois, ſenhor engenho penetrante, expozitor da força do *ſempre*, juiz conſervador dos atrevimentos dos poetas, *audendi*, com alçada ſobre o poder juſto, e iniquo et c., traduzio voſa mercê muito mal: e talvez que aquele criado do ſenhor Pina, que coſtuma conſtruirlhe os lugares de Horacio, diſeſe melhor. Ouça, e aprenda; ſem embargo de que ja é velho para iſo. *Poteſtas*, o poder, *quidlibet audendi*, de idear, ou inventar qualquer coiza; *ſemper fuit æqua*, ſempre foi igual, *pictoribus*, para os pintores; *atque poetis*, e para os poetas. Voſa mercê vio *audeo* na Prozodia de Bento Pereita com ſignificaçam de *atreverſe*, e entendeo que eſte atrevimento era o meſmo que dezaforo, e pouca vergonha; mas enganouſe, porque atreverſe aqui vale tanto como *empreender*, *ou intentar*. Para quem tem engenho tam penetrante vê as coizas muito ſuperficialmente. Quem quer que o reſpeitem como velho na ſiencia, nam á de uzar dela como rapaz.

Além diſto, devia advertir que Horacio naquele lugar nam fala na introduçam de palavras novas; porque entam era mal trazida a comparaçam, ou paralelo dos pintores com os poetas: e para iſto nam é perciza muita penetraçam. Os pintores ſó podem inventar figuras novas quando queiram fingir quimeras.

.... velut ægri ſomnia, vanæ
Fingentur ſpecies: ut nec pes, nec caput uni
Reddatur formæ. Pictorobus, atque poetis et c.

Quando os poetas ſe parecem aos pintores é

na

na invençam, na ideia, na dispoziçam da obra, na colocaçam das imagens, e na armonia, que deve fazer que o painel, ou poema seja agradavel, nam ficando monstruozo pela uniam de partes inconexas. E se o senhor Apologista quizer diso alguma noticia, veja o livro de Arte Grafica de Mr. du Fresnoy, que principia:

Ut Pictura Poesis erit, similisque Poesi
Sit Pictura: refert par, æmulat quæque sororem,
Alternantque vices, et nomina: muta Poesis
Dicitur hæc, et Pictura loquens solet illa vocari.

Daqui pasa logo o senhor D. Joaquim a contar grasas suas, e bons ditos, com que respondeo a varias pesoas; que melhor fora que os contáse a mãizinha para gloria do pai da criansa, e divertimento das vizinhas. Repete varias pasagens do seu *Poema Indico*, que está em quarentena á duzentos anos. Mas se eu tivera mais paciensia, nam me avia sua mercê levar esa de mais, porque fazia uma quantidade de pedasos de oitavas, e alegava a estansia quinze mil, e tantas, do vigesimo livro do meu *Tartaro Metrico*; tal, e tal pasagem do meu *Orbe reformado*; tal, e tal epizodio do meu *D. Sebastiam encantado et c.* e quem ouvise isto ficava com grande pezar de nam sairem aquelas obras a luz. Ali finalmente diz o senhor D. Joaquim, depois de muitas outras vaidades, que *abertamente, e sem jatansia corria sem tropeço na idade juvenil pelo vasto campo da versificasam Latina. et c.* E aqui me calo eu, por deixar aos leitores a inteligensia que póde ter quem

conhece tam pouco as dificuldades do metro Latino.

Seguefe um defcuido de maior confideraſam. Porque, querendo moſtrar a dificuldade, que á em imitar as obras belas, aſim da natureza, como da arte, diz deſte modo: „ Toma „ um pintor nos dedos o ſeu pincel para fazer „ o retrato de huma cara feia; e ſahe tam pro- „ prio, que nam ſe diſtingue do original: em- „ penhaſe em retratar uma formozura; e nunca „ a copia pode jactarſe de inteira ſemelhanſa. „ Quer darnos em um quadro uma ideia do „ inferno; e ali vemos com orror a dezeſpera- „ çam de um reprobo, a figura de um demo- „ nio, o aſpetto de uma furia, a voracidade „ de uma chama, e a tyrania dos inſtrumen- „ tos, que caſtigam aos que padecem. Vai a „ pintar uma gloria, e faltam as ideias, as „ cores, os rasgos, e nam pinta mais que uma „ ſombra do que na verdade é„. Nam á paridade mais bem lembrada! Serám da meſma maſa as imagens do ſeu Poema detal? Intenta aqui perſuadirnos que ſe pode pintar o inferno como ele é realmente em ſi, de modo que a copia ſe nam diſtingua do original. Que bem concorda iſto com o que diz S. Agoſtinho que o noſſo fogo natural é frio a reſpeito daquele do inferno! E com tudo ade ſer tam imitavel a ſua voracidade, que ſe veja perfeitamente na pintura?

Diz o ſenhor Apologiſta que ali ſe vê *a figura de um demonio*. Tomára que me diſéſe

a

a razam porque o pintor tem abilidade de pintar a figura do demonio tam propria que nam se distingua do original, e lhe será imposivel fingir a de um Anjo celestial, sendo que um, e outro sam espiritos sem corpo. Diz tambem que se vê *o aspetto de uma furia.* Se entende por *furias* as que a cega Gentilidade fingio estarem no inferno, faz muito mal em misturar a fabula, que sonháram os Gentios, com a verdade que acreditamos os Catolicos. Tenho visto em pintura reprezentado o inferno, e nunca vi nele as filhas de Erebo: vi Lucifer aos pés de S. Miguel; e nunca me mostráram Alecto, Tizifone, nem Megara: vi a outros demonios atormentando os condenados; e ninguem me dise, aquele é Minoos, este Radamanto, e o outro Eaco. Se um erege ouvir dizer a um Cristam (e ministro da Igreja Romana, como é o senhor Presbitero Lisbonense, que tem obrigasam de saber o que diz) que no inferno, cuja existensia acreditamos, estam as Furias, julgará que tam fabuloza é uma coiza como a outra. Poderá dizer a isto o senhor D. Joaquim que este nome *furia* se entende aqui por *demonio*: mas se quiz que assim o entendesemos, para que fez aquela separasam de *A figura de um demonio, e o aspetto de uma furia* ? Se tudo era o mesmo, para que nos deo a entender com a divizam serem coizas distintas? Diz tambem que se vê *a voracidade de uma chama.* Tomára que me emprestáse os seus oculos, que tambem queria admirar; porque a minha

viſta nam chega a tanto. Ainda no fogo natural ſó ſe vê a voracidade nos efeitos; pois vizivelmente ſe vai deſtruindo, e aniquilando a materia em que o fogo ſe acende. E ſe nam á outro modo de lhe conhecer a voracidade, como lha vê tam claramente o ſenhor D. Joaquim no fogo do inferno, que nam tem materia de que ſe alimente, e abraza os condenados ſem os conſumir? Nam á mais ver! Belo era para a anatomia dos inſetos.

Finalmente mais que tudo repreenſivel é o epíteto, que dá aos inſtrumentos, que por mandado de Deos caſtigam os condenados, chamando-lhes tyranos: *a tyrania dos inſtrumentos.* E é poſivel que um omem tam erudito, tam famozo, e tam grande prégador tenha tais tropeços! Chamar *tyrania* á execuſam da Divina juſtiſa! Nam ſabe que *tyrano* é ſinonimo de *injuſto*? Ignora que *tyrania* vale tanto como *iniquidade*? Veja todos os vocabularios (a que ſua mercê chama *prozodias*, ſem ſaber que *prozodia* ſignifica a pronuncia das ſilabas) procure todos os Dicionarios, e digame depois ſe acha algum ſignificado da palavra *tyrania*, que poſa acomodarſe ſem diſonanſia grande aos inſtrumentos da Divina juſtiſa. Niſto devia reparar o ſenhor Presbitero Lisbonenſe; e nam em que o critico de Vila Viçoza eſcrevêſe *gazofilacio* com *ço* em lugar de *zo*, como nota na ſua carta nona. E eſte é um ponto, em que eu eſpero repoſta, e ſatisfaſam, no cazo que o ſenhor D. Joaquim dê ao publico as obras, que me dizem

eſtá

eſtá eſcrevendo contra eſte meu papel, que eu lhe remeti manuſcrito, e ſem intenſam de o publicar; o que ſó agora faſo incitado deſta noticia, pois me conſta que reſponde com dois entremezes, que ſerá bom que ſejam da vida de D. Quixote, em algum lanſe, em que entre o cura, e o barbeiro, para ficar o paſo mais ao natural.

Parece que quem diz deſtas nam podia ter boca para criticar os outros: porém é tal a mizeria, que paſa logo o ſenhor Apologiſta a ſatirizar os Academicos da ſociedade inſtituida no palacio do Conde da Ericeira, que ele mesmo confeſa ſerem *todos os omens doutos da corte, e que naquele tempo eram muitos.* Intentáram eſtes melhorar a palavra *caga-lume*, por mal ſoante, e groſeira; e eſcolhêram em ſeu lugar a de *noite-luz.* Nam pedíram para iſto licenſa ao ſenhor D. Joaquim Velho do Canto; e eſcandalizado ele, lhe nota a *má eſcolha*; e dá a razam, dizendo que deviam ter a meſma providencia com a palavra *cágado*, que, em lhe tirando o acento, fica muito mais aſcoroza que *caga-lume*: *atqui* eles o nam fizeram aſim: *ergo* má eſcolha. Ora que tal é a logica do amigo? Aprenderia, ou ſerá curiozidade? Com que ninguem pode emendar um erro, ſe nam remediando todos? Vejamos ſe ſei eu formar tambem um ſilogiſmo por eſta logica. Voſa mercê repreende aos Tranſtaganos de *alguns deſcuidos*; como ſe lê no roſto do ſeu livro: *atqui* que, repreendendo *alguns* ſó, nam argue *todos* como devia

devia conforme o seu sistema: *ergo* gorou o trabalho, porque nada dise no que escreveo. Meu amigo: *Versa est sagitta in caput sagittantis.* Digame, nam adverte com o seu ingenho penetrante que *caga-lume* sempre soa mal; e que *cágado* para que fique ascorozo é precizo que se lhe mude o acento da primeira para a segunda silaba? Está bem dezencaixada!

Continûa a crize, dizendo que *noite-luz* é um termo equivoco a tudo o que luz de noite: e refere logo um catalogo de coizas, que luzem de noite, que sam, *as velas, os rolos, as candeias, os candieiros, as tochas, as alampadas, as fornalhas, os fornos de tijolo, de telha, e de cal et c.* Que me dizem á discriçam? Está bem cheio de noticias este cavalheiro! Vejam o que aqui ajuntou! Nam sei como, sendo tam versado nas Escrituras, lhe esqueceo a lanterna de Malco! Pois, senhor mestre reparante, solicitador das questoens bolorentas, e cronista das coizas que luzem de noite, com licensa da sua autoridade, e destes senhores, que nos ouvem, oiçame um segredo: vosa mercê em cada palavra daquelas dise uma criansada; porque nada daquilo luz de noite, mas sim o fogo, que naquelas coizas se acende. E se nam, ponha esas *velas*, eses *rolos*, eses *fornos et c.* e tudo o mais, que refere, apagado, e sem fogo, e veremos se luzem de noite. Além de que, ainda que todas estas coizas luzisem de noite, nenhuma delas se chama *noite-luz*; mas cada uma tem o seu nome: a vela é *vela*,

e

e nam *noite-luz*; o torno é *forno*, e nam *noite-luz et c.* e aſim ſendo ja eſta palavra reputada como nome eſpecial daquele inſeto, nam ficava equivoco, como diz. E para os exemplos do que luz de noite melhor faria ſe referiſe ás coizas que tem qualidade de fosforo, como ſam as entranhas de quazi todos os peixes, a pedra Bononia et c. e nam contentarſe com os olhos dos gatos ſómente.

Por forſa quer que, chegada a ocaziam de adoptar uma palavra, que foſe propria para eſte inſeto, lhe chamaſemos *Pirilampo*, como os Caſtelhanos, dispenſando para iſto no contrabando da fazenda de Caſtela. Dá por fundamento que *noite-luz* é uma voz remendada, que ſe compoem de duas: e que *pirilampo* é um nome *muito agradavel*, *muito bonito*, *muito ſonoro*, e para ſe parecer em tudo com o ſeu ſignificado, até quer que ſeja *muito brilhante*. Agora arguo eu: *Per te* a voz *noite-luz* é má por ſer remendada, e compoſta de duas: *ergo* tambem a voz *pirilampo*, que tanto lhe agrada, é ruim, por ſer remendada, e compoſta de duas. Meu ſenhor, *Incidit in foveam*, *quam fecit*. Veio a cair-lhe o raio em caza. Iſto ſucede a quem fala no que nam ſabe. Ora com que concienſia vem enganar a gente, intimando a ſua grande inteligenſia das linguas? Eſtude, ſe quizer; e nam coma o beneficio com bulas falſas. Para ſaber que *pirilampo* ſe compoem de duas diçoens Gregas, nam lhe ſerá precizo mais que ver o Faciolati verbo *Lampyris*: e ahi lerá que ſe fórma

ma de πῦρ., *pyr*, que significa *fogo*; e de λαμπω., *splendeo*, que significa *luzir*: e esta palavra, que tanto lhe cahio em grasa, é que fica equivoca a tudo o que luz com o fogo, e mais propria ás *velas*, *candeias*, *fornos et c.* No mesmo citado Autor verá que nam é novo o termo *noite-luz*, pois nenhuma diferensa tem o que ele lá traz entre outros, *noctiluca*, composto de *nox*, *a noite*, e de *luceo*, *luzir*. Nam cuidou vosa mercê que estava tam adiantado no Grego, visto que fala palavras Gregas, cuidando que sam Castelhanas.

Tambem nam sofro o dizer que *noite-luz é uma voz medonha, terminada em uz, que parece que nos está metendo medo.* Se as palavras acabadas em *uz* metem medo ao senhor Apologista, poso eu julgar que fugirá da Cruz, e falará poucas vezes no santisimo nome de JESUS. Entendo eu que com medo de algum leitor destes fugiram do Dicionario em meias as palavras *chuz*, *e buz*, como diz o Autor do *Governo do mundo em seco.* E nam se envergonha o senhor D. Joaquim de escarnecer com contos de benzedeiras as Aserloens de uma Academia, em que ele confesa que entravam todos os omens doutos da corte? E vai outro argumentinho. Pergunto: Se *tantos omens sem controversia eruditos*, *depois de disputarem a questam*, *nam tiveram bom gosto para a eleisam de uma voz*, como vosa mercê diz; como o ade ter o senhor Pina, que é um só omem, para a eleisam, e introdusam de tantas? E se vosa mercê tem liber-

dade

dade para inſultar com tam pouco reſpeito em publico a veneravel autoridade de uma Academia tam grande, ſó porque introduzio uma palavra, que anda nos Dicionarios; como quer negar aos criticos Tranſtaganos a licenſa de notar com moderaſam, e decenſia em duas cartas manuſcritas, que nam ſe publicáram, tantas vozes alheias, ou novas, introduzidas por um ſó omem, que muitas nam tem exemplo que as patrocine? A iſto é que ſe chama, meu Reverendo, dar corda para ſe enforcar.

O outro fundamento, em que ſe firma o ſenhor Apologiſta para provar a liberdade da invenſam de palavras, nam me ocuparia o tempo para a repoſta, ſe ele nam diſeſe que *é tam vigorozo, e de tanta valentia, que ſe lizongeia de que ninguem ſe ha de atrever ao contraſtar*: e é o ſeguinte: ,, He certo que, ſe nam ha licen- ,, ſa para introduzir novas vozes em uma lin- ,, gua viva, muito menos ſe deve admitir eſta ,, liberdade em uma lingua morta,,. Eisaqui o argumento que nos apregoa por incontraſtavel; em que nenhuma dificuldade á para ſe desfazer. Primeiramente por ſer fundado em uma ſupoziſam falſa, qual é aquela *Se nam ha licenſa para introduzir novas vozes em uma lingua*: a qual ninguem nega, com tanto que aja as duas coizas condicionaes de pobreza da lingua, e novidade de objetos: *Propter egeſtatem linguæ, et rerum novitatem.* Em ſegundo lugar, porque a lingua viva nam tem mais privilegio, que a morta, quando deſta ſe uza. Nunca a lingua Latina foi

mais viva que depois de morta; porque entam era particular de uma naçam, oje é univerʃal em todas as gentes cultas. Quando um Portuguez v. g. ʃe explica em Latim, nam ade deixar de exprimir o ʃeu conceito, porque no idioma nam tem palavra ʃignificativa dele; mas ʃim aproveitar-ʃe da liberdade de introduzir as vozes, de que careʃe para reprezentar a ʃua ideia. Sem embargo de que Joam Baptiʃta Pio nas notas, com que comentou Lucrecio, nam lhe acha razam para que chame *pobre* á lingua Latina, no ʃobredito lugar onde diz: *Propter egeʃtatem linguæ*: e nota eʃte comentador com alguma impacienʃia que o Poeta ʃe abatêʃe tam vergonhozamente: *Verecunde ʃe attenuat Poeta. Non eʃt egeʃtuoʃa lingua Romana. Imo, ut cenʃet Theodorus Gaza, verba Latina Græcis reʃpondent: ʃententiæ ʃententiis: ut tolerandus quandoque ʃit Marcus Tullius, qui pauperem Græciam vocat.* Mas quero conceder que aja na lingua Latina eʃa pobreza, ou ʃeja procedida de defeito do idioma, ou de falta de notiʃia de quem o fala: o certo é que ʃeria coiza ridicula que um omem meʃtre diʃcorrendo publicamente em um ponto da Filozofia v. g., e vendo-ʃe falto de um termo, paráʃe com o diʃcurʃo, e principiáʃe a falar Portuguez, dando por motivo o nam ter licenʃa de introduzir uma palavra nova em a lingua Latina, por ʃer morta. Se a razám principal, que diʃpenʃa a introduçam de termos novos, é a neceʃidade procedida da novidade dos objetos, em nenhuma lingua ʃe encontra maior varieda-

de; porque em Latim ſe coſtumam tratar todas ou quazi todas as cienſias, que ſó ſe podem explicar por termos facultativos, que cada dia ſe eſtam neceſitando para explicar novas invenſoens; eſpecialmente na Filozofia, em que cada um diſcorre diverſamente, e tem neceſidade de maior ſocorro de palavras para intimar os penſamentos ideiados de novo: o que tambem ſe colhe da caterva de termos claſicos, que o ſenhor Velho repete na pag. 51; advertindo com tudo que muitos dos que ali vem nam ſam novos, e para eſe fim vieram mal aplicados; eſpecialmente a voz *Magnete*, que, além de ſer muito conhecida entre nós pelos nomes de *Iman*, *pedra de cevar*, ou *calamíta*, é tam antiga, que bem a pode ver no livro 6. do ſeu Lucrecio o ſenhor Apologiſta; e diz Platam que Euripides lhe dera o nome: *Sicut in lapide, quem magnetem Euripides nominavit: non nulli Heraclium vocant*: e do meſmo modo o traz o primeiro Claudiano, e outros muitos

.... lapis eſt cognomine magnes.

A reſpeito das meſmas *vozes facultativas ja vulgares á noticia dos Profeſores* adianta mais o penſamento o ſenhor D. Joaquim, e diz: „ Suponhamos por hum momento que hum poe„ ta heroico para dizer que um Coronel de Ca„ valaria formou o ſeu regimento em um meio „ circulo, e foi aſim marchando com muita pau„ ſa, ſe explicava deſta fórma:

Levando em marcha vagaroza, e ſéria
O bellico eſquadram em periferia.

D ii „ Tor-

„ Tornemos a ſupor que para pintar o Sol ca-
„ indo no Ocidente dizia em outros dous verſos:

Nos braços de Neptuno procellozo
Buſcava tumba o diſco luminozo.

„ Se o critico Eborenſe nam eſtiver prezente
„ em que *periferia* quer dizer um ſemicirculo;
„ e que *diſco luminozo* he o Sol, na linguagem
„ dos Fizicos, e Aſtronomos, parecer-lhe-ha
„ que ſam uns termos inventados de novo, e
„ fabricados *ad libitum* na fantazia do poeta,
„ ſendo ja tam velhos como a Aſtronomia, e
Fizica„.

Até aqui a erudiſam do ſenhor D. Joaquim: agora a minha crize. Tomára primeiro adivinhar ſe eſtes quatro verſinhos pertenſem ao poema, que eſtá de ſalmoira com mil, e oitocentas oitavas. Eu deſconfio da coiza: e ſe o mais é aſim, ade ſer lindo como o ouro. Mas que ſejam, ou nam ſejam, *quid ad nos*? O certo é que vem para moſtra do pano; e foram feitos de encomenda para ſervirem de exemplar de erudiçam poetica. Vamos a contas. Eu quero ſupor com o ſenhor Apologiſta que o Poeta fazia aquela deſcripſam da marcha do regimento; mas eſtou certo que incluia dois erros craſos. O primeiro é que *periferia* tem a penultima longa, e nam pode ſer conſoante de *Séria*: é *perifería*, e nam *periféria*. O poeta pegouſe á regra de vogal antes de vogal, que é breve, e nam ſoube que eſte nome é Grego, e ſe eſcreve com diphtongo de *ei* onde nós eſcrevemos ſómente *i* longo na penultima ſilaba,

cuja

cuja pronuncia pode ver na Arte de Grego de Port-Royal, (liv 1. cap 4.) Se o ſabe ler, aqui lho moſtro: περιφερεια. ; e ſe nam, procure algum vizinho, que ſaiba, que lho ade tranſcrever em letras Latinas aſim: *periphereia*: e aqui conhecerá voſa mercê que ſe intrometeo a explicar o que nem ao menos ſabe ler, ſegundo ſe infere da pronuncia, que lhe dá. O ſegundo erro conſiſte em ignorar tambem a ſignificaçam deſta palavra, que nam é *ſemicirculo*, como ſua mercê quer; mas ſim a parte exterior do circulo inteiro: vem de φερω., *fero*, e de περι., *circum*, e traduzido ao pé da letra é o meſmo que *circumferencia*; o que pode ver no ſobredito Metodo (liv. 6. cap. 2.) Se o ſenhor D. Joaquim ſoubéſe alguma coiza de Geometria, que é a cienſia, a que pertenſe eſta palavra, e nam á Aſtronomia, e Fizica, como quer, teria lido que o circulo ſe principia da periferia para o centro, e do centro para a periferia, e ſaberia entam o ſeu ſignificado. Quanto melhor era, ſenhor Apologiſta, pôr o exemplo em coiza que ſoubéſe, e nam neſta que ignorava! Mas tudo iſto ſucede a quem ſe mete a falar o que nam ſabe; julgando que tem cienſia infuza, e trata de qualquer materia, ſem a eſtudar. Ora envergonheſe: e depois de ſe ver apanhado em erros tam craſos, nam queira reſponderme com entremezes, como me dizem que eſtá fazendo; porque o verdadeiro entremez é a ſua primeira obra *Critica da Critica*; que nam faltaria aos ouvintes que rir, e a voſa mercê que raivar, ſe eu

pudeſe

pudeſe comentar-lha cara a cara com o livro na mam.

Daqui por diante quando vir a lua em quarto minguante, ou creſcente, eide chamar-lhe *periferia luminoza*, para ſervir de conſorte ao *diſco luminozo*, que vem nos outros dous verſos, que na verdade eſtavam alegrinhos, ſe nam vieſe ali aquela *tumba* fazer a funſam orroroza. Nam ſei como nam lhe fez o enterro no eſquife dos pobres! Que bem condiz a *tumba* com o *diſco luminozo*! Os Gregos ſim chamavam ao Sol δισκος, *Diſcus*; mas era por uma translaſam, aludindo á ſemelhanſa, que tinha na figura com os *diſcos*, que eram uns como queijos de metal, com que jogavam como oje entre nós ſe joga á barra: porém a ſignificaſam propria deſte nome é de *prato*, como oje, e ſempre uzáram os Latinos, de quem o ſenhor D. Joaquim quer que tiremos as etimologias das palavras do ſenhor Pina, como v. g. do *conato*, do *germinar*, etc. Alem de que é falſidade dizer que os Aſtronomos, e Fizicos lhe poem eſta alcunha ao pobre planeta, de quem dizia Fr. Pedro de Sá que ja mais apareſia com o nome da pia; porque uns lhe chamavam *nacarada cifra do Olimpo*, *Fenis de oiro da celeſte Arabia*, outros *dobrám do ofir*, *coraſam de nacar*, *olho do Olimpo*, etc. e ele, ainda que indigno croniſta, eſteve tentado a chamarlhe *embigo celeſte*, ou *diurno caga-lume*. E eu digo que neſte catalogo de epitetos podia entrar o *diſco luminozo* muito melhor do que a palavra *noite-luz* na arenga da benze-

deira

deira de quebranto, em que a mete o ſenhor Apologiſta.

Proſegue eſte cavalheiro a ſua apologia; e depois de alegar *textos Horacianos*, *liricos* etc. e intimarnos que, *ſe nam imaginaſe que impugnava os criticos Tranſtaganos a concluir*, *eſcuzava de pôr os oculos para eſcrever*: e jactarſe de que em mil, e oitocentas oitavas, de que consta o ſeu Poema encantado, apenas ſe encontrará uma, ou outra voz, que poſa cauzar remorſo nas conſiencias eſcrupulozas; expreſám em que imita o ſenhor Pina, que tambem no § 33. do Prolegomeno afirma que raras ſam as palavras Latinas, ou Greco-Latinas de que uza no Poema, vendo nós o contrario: ultimamente ſe mete no numero dos que *abrem os livros*, *e os ſabem ler*, ſem deixar o ſeu credito em mãos alheias. Paſa depois a fazer uma grande crize á palavra *baſta*, de que uza a gente culta, e quer preferirlhe a voz *abonda*, de que ſó uza a gente groſeira; dando por fundamento que eſtá naſcendo nos braſos do verbo *abundo*, de que eſtá como *indigitando o parenteſco da ſua origem*; que é uma galante fraze. Ora pergunto, ſenhor Poeta dos enterros do Sol; ſe voſa mercê diante de gente chamáſe o ſeu criado, e lhe diſéſe que lhe *mondáſe* os ſapatos, que eſtavam *enlutados*, dando por fundamento que a voz *mondar* eſtava naſcendo nos braſos do verbo Latino *mundare*, *limpar*; e que o termo *enlutados* indigitava o parenteſco da origem com o adjectivo *lutatus*, que ſignifica *coiza enlodada*, poderiam

riam os ouvintes fazer papel dos Pizoens ſem dar liberdade ao rizo ? Pois aplico a paridade. Alem de que; ſe o termo Portuguez *abonda* vale o meſmo que o Latino *abundo*, tem muito diverſa ſignificaſam da palavra *baſta*; porque eſta declara ſuficienſia, e aquela ſuperfluidade. *Abundar* é o meſmo que *ter de mais*. Veja os vocabularios, e achará que *abundo* ſignifica *trasbordar*, *lançar por fora*, que tanto vale o *epandre par deſſus*, *eſtre plein jusques a deborder*, que tras o Calepino. *Baſta* em Portuguez é o meſmo que em Latim *ſufficit*, *ſatis eſt*. O que baſta é o que chega ao juſto; o que abunda é o que chega, e ſobeja. E meteſe a fazer eleiçam de palavras, ſem ſaber o que ſignificam! Ora obrigado pela liçam.

Depois de tam largos documentos, e alegaſoens nam provadas, rezolveſe o ſenhor Critico dos Criticos a dar a ſentenſa final, e para iſo traz o pobre Horacio a baraſo, e pregám, por nam ſaber o que diſe; arguindolhe incoerenſias, e lizongeandoſe de lhe dar umas calſas, ja que lhe perdoa o jubam de aſoites, porque diſe

.... *ſi volet uſus*,

Quem penes arbitrium, et jus, et norma loquendi.

E argumentalhe dizendo que *ſe o uzo comum é a regra de bem falar*, ſi volet uſus, *para que recomenda a parſimonia em ſemear palavras*? Por certo que ninguem poderá achar incoerencia nestes dous lugares: pois tendo dito Horacio que ſe deviam praticar as vozes que eſtiveſem em uzo, nam lhe fica impropria a recomendaſam

da

da cautela em introduzir palavras novas.

Continûa o reparo, dizendo que, *ſe o uzo comum é o que tem toda a autoridade nas vozes, com que falamos, ja os poetas nam tem a liberdade, ou atrevimento de introduzir termos novos: Pictoribus atque poetis quidlibet audendi ſemper fuit æqua poteſtas.* A iſto reſpondi eu ja que Horacio neſte lugar nam fala da invenſam de palavras, mas ſim da eleiſam das ideias, em que o uzo nam tem dominio. Diz mais que, *ſe o uzo comum é o unico, e verdadeiro Conſervador das palavras; de que ſerve a fonte Grega, da qual vem como naſcidas as vozes: ſi Græco fonte cadant?* Ora digame, ſenhor Apologiſta; qual era o uzo no tempo, em que Horacio eſcreveo, ſe nam terem aceitaſam as palavras, que vinham do Grego? As leis, as artes, as cienſias, e os coſtumes, tudo os Romanos erdavam dos Gregos; e eram com as coizas de Grecia como nós com as modas de Franſa, que todas acham aceitaſam, e ſe poem em uzo. Veja pois que nam tem incoerenſia o *ſi volet uſus*, com o *ſi Græco fonte cadant*; porque vendo aquele Autor que todas as palavras que procediam da Grecia eram aceitas ao uzo comum, ſe rezolveo a dar liberdade franca para aquela introduſam condicionada: *Habebunt nova verba fidem, ſi Græco fonte cadant.* Emfim aſenta o ſenhor Lisbonenſe que *Horacio eſcreveo arbitrariamente, ou talvez eſquecendoſe depois do que tinha dito antes.* Mal poderiam eſcapar os criticos Tranſtaganos quando nam eſcapou um omem tam grande! Iſto lhe

pode ſervir de conſolaſam a eles; aſim como a mim o exemplo do ſenhor D. Joaquim para me ir meter onde me nam chamam.

Dá eſte ſenhor um conſelho, por deſpedida da primeira carta, aos dois criticos, repetindo dois aforismos de um dos ſabios da Grecia, e dizlhe que tome cada um o que lhe parecer:

Quid ſtulti proprium? Non poſſe, et velle nocere.
Quid prudentis opus? Cum poſſit, nolle nocere.

Deſtes dois verſinhos faz uma repartiſam dando o ultimo ao ſenhor Pina, e o primeiro aos Tranſtaganos; de que eles lhe ficam muito obrigados, porque lhes chamou tolos em Latim, ſendo que tem dezembaraſo para lho dizer em Portuguez. Porém eu em ſeu nome, por minha livre vontade e ſem conſtrangimento de peſoa alguma, lhe quero dar o agradecimento com os meſmos verſinhos pouco alterados: tome-os ambos para ſi, que eu nam ſou de migalhiſes. Só lhe digo que o primeiro é advertenſia do paſado; o ſegundo conſelho para o futuro, ſe o quizer tomar.

Quid ſtulti proprium? Neſcire, et velle docere.
Quid prudentis opus? Quæ neſcit, cuncta tacere.

DIS-

DISCURSO II.

NA ſua ſegunda carta apurou o ſenhor D. Joaquim mais, que na primeira, a ſua erudiſam, e eſtilo, para criticar o reparo, que ſobre o ponto do Eroismo do Peregrino fez o critico de Vila Viçoza, e atégora falſamente atribue ao Eborenſe, que, ſó por defender o ſeu amigo, reſpondeo tambem felizmente a eſte ponto; motivo, que me induz para que eu o nam faſa com mais extenſam. Deſte falſo teſtemunho, que o ſenhor Apologiſta eſcreveo, infiro que nam leo as cartas originais, que nos afirma na pag. 5. que *ja vio*; porque nam o poſo julgar tam iniquo, que ſe rezolveſe a atribuir ao Eborenſe eſte reparo, que ele nam fez, dizendo na pag. 74., que *nam alcanſa o fundamento, que tem o Eborenſe para querer que ſó aja de ſer Eroe o que ſe emprega, e ſe distingue nas emprezas militares*; o que confirma na pag. 72, e 75, nomeando ſempre por Autor o meſmo critico, e dirigindo contra ele toda a ſegunda carta. A frequenſia, com que lhe repete o nome patronimico, bem moſtra que nam foi equivocaſam. Por outra parte é dificil de crer que mentiſe quando afirmou na pag. 5. que *ja vio as cartas, e que lhas fiou de Coimbra um Ecleziaſtico autorizado.* Para julgarmos que foi inadvertenſia de nam ter prezentes as cartas, que impugnava, tambem é arduo de crer; pois

ſendo tam prudente em rever as ſuas obras, que nam contente com o prazo que conſina Horacio: *Nonum ſervetur in annum*; tem o ſeu Poeme *á mais de doze anos* em parto; parece que agora que, por mais velho, deve ſer mais cautelozo, nam deixaria de ver exactamente o que intentava imprimir; porque (como diz na pag. 71.) dezeja ſer lido por todos, e para iſo busca induſtrias, e desfaſtios, que confeſa. Ultimamente para inferirmos que ſó por antipatia quiz atribuir ao Eborenſe aquele chamado erro, tambem nam é crivel tanta malevolenſia em uma peſoa do ſeo eſtado; e poderiamos perguntar com Virgilio:

.... Tantæne animis cœleſtibus iræ?

Eu nam ſei que ſentido lhe dê: ſó digo que foi imprudenſia imprimir uma tam grande falſidade, que baſta ler a apologia do ſenhor Pina na pag. 2. em dois lugares, e na 3., para conhecer que ſó o critico de Vila Viçoza tocou eſte ponto do Eroismo. A ele dirige o ſenhor Pina a reconvenſam, de que o Eborenſe doutamente o livra na ſua apologia, que nam quiz imprimir por nam moſtrar o empenho, que nunca teve, de criticar o Poema. Eu refiro um dos lugares, em que prova que o Peregrino nam deve chamarſe Eroe, ſó por ſe diſtinguir nas emprezas Polemicas, para que nam fique o cazo na fé dos padrinhos: e é o ſeguinte: „ Nos „ primeiros ſeculos da Igreja nam permitia o „ coſtume Ecleziaſtico chamar Eroes aos San„ tos, como ſe vê de um lugar de S. Agoſti-

nho:

„ nho: *Hos (martyres) multo elegantius, ſi*
„ *Eccleſiaſtica loquendi conſuetudo pateretur, no-*
„ *ſtros heroas vocaremus..... Sed a contrario mar-*
„ *tyres noſtri heroes nuncuparentur, ſi, ut dixi, uſus*
„ *Eccleſiaſtici ſermonis admitteret..... Non omni-*
„ *no, ſi dici uſitate poſſet, heroes noſtri ſupplici-*
„ *bus donis, ſed virtutibus Divinis horam ſupe-*
„ *rant*: (de Civ. Dei, l. 10. cap. 21.) Heroes,
„ como diz Luciano, nam eram deozes, nem
„ omens; porque eram uma, e outra coiza jun-
„ tamente: e vinham a ſer aqueles ſemideozes,
„ que os Pagaõs crêraõ ſer naſcidos do comer-
„ cio dos deozes, e das mulheres, ou dos
„ omens, e das deozas, como Hercules, filho
„ de Jupiter, e Alcmena; Romulo, de Mar-
„ te, e Rhea; Eneas, de Venus, e Anchiſes;
„ e ainda Alexandre, de Jupiter, e Olympias,
„ ſe lho ſofre Filipe, e lho nam diſputa Ne-
„ ctanebo. E eſtes comercios (como diz Feijó)
„ que entre os Gentios paſavam por favores
„ das ſuas Divindades, entre os Chriſtaõs ſam
„ atentados de demonios incubos. E fica eſta
„ qualidade de filhos do demonio ſendo um
„ belo elogio para os Cortezaõs da Bemaven-
„ turança, que, por terem recebido a Chriſto,
„ lhes foi dado o poder de ſe fazerem filhos de
„ Deos.

Nam é menos vigoroza para convenſer eſta autoridade de S. Agoſtinho, do que o parece para perſuadir a ultima propoziçam do ſenhor Lisbonenſe, em que pergunta: *Quem é mais juſtamente Eroe, o tyrano, que com robuſto*

braſo

braſo dezembainha o cutelo, *ou o martir*, *que ofe-
rece o peſcoço ao golpe*? Eu reſpondo que nenhum
dos dois: nam o é o martir; porque S. Agos-
tinho nos enſina, que a eſtes nam é permitido
dar tal nome: nam o é o tyrano; porque nenhu-
ma açam iluſtre obra em empregar os fios da
eſpada em uma garganta, que voluntariamen-
te ſe lhe umilha. Por iſto nam confunda o ſe-
nhor D. Joaquim os termos; nem faſa bulha
com ſofismas. E alem diſto, é eſcuzado inquie-
tarmos a autoridade deſte grande Padre, quan-
do a temos no meſmo Calepino, para que o ſe-
nhor Velho, e o ſenhor Pina nos convidam.
Nele vejo que nos tempos antigos ſe chama-
vam Eroes aos demonios: *Antiquiſſimis tempori-
bus Heroes iidem erant ac dæmones*. E como pode
ſer bom atributo para os ſantos um nome, que
era proprio dos demonios? Daqui vinha o cha-
marem tambem Eroes ás almas do defuntos;
porque eſtas em quanto unidas ao corpo eram
o que ſe chamava *Genios*; e depois de ſepara-
das dele, ſe denominavam *Manes*; o que tudo
tinha em geral o nome de Eroes: e como á in-
fluenſia deſtes Genios atribuiam o governo das
açoens de cada omem, começáram a chamar
Eroes a todos os varoens famozos, que obra-
vam faſanhas, que pareciam tranſcendentes ao
esforſo umano; e ſó executadas por auxilio ſu-
perior: e eſta é a ſignificaſam que traz o Fa-
ciolati: *Vir nobilis*, *et illuſtris*, *et magnus ſupra
humanæ naturæ condicionem*; *qui*, *mortalis cum
eſſet*, *rerum tamen a ſe geſtarum magnitudine quam*

proxime

proxime ad cœleſtium numen acceſſit; eamque apud vulgum opinionem emeruit, ut poſt mortem in deorum numerum relatus exiſtimetur.

Eſta é a autoridade, que por ſi alegam aſim o ſenhor Pina, como o ſenhor Velho, que me parece de nada lhe ſerve. Eu nam quero ſeguir a opiniam de que ſó a campanha ſeja aula de Eroes: mas tambem nam acredíto que o Peregrino Teologo mereça o nome de Eroe pelas ſuas açoens; pois lhe nam vejo ao menos uma, que foſe impoſivel a qualquer omem. Viajou por todo o mundo: iſto faz qualquer mendicante, nam conſeguindo com iſo mais que o nome de vagabundo. Aprendeo muitas artes: mas outro, que tiveſe abilidade, nam neceſitando de exercitar ſó uma para viver dela, conſeguiria o meſmo, como á muitos, ſem que mereſam mais que o epíteto de *prendàdos*. Curſou muitas aulas: iſto faz qualquer eſtudante de bom entendimento, e memoria; vindo ſó a coroarſe com o gráo de Doutor. Convenceo os ſequazes das ſeitas eterodoxas: iſto faria qualquer Teologo, que eſtudáſe bem a Polemica. Brigou contra os Libertinos de tinta, e papel: iſo fez D. Quixote, Amadiz de Gaula, Roldam *et c.*, e o fazem todos aqueles, a quem os Italianos chamam *Spaca-trone*: e por final que nam falta quem diga que neſta açam ficára excomungado pela Bula da ceia o Peregrino por dar adjutorio aos Deiſtas, que ſam inimigos de noſa Santa Fé. Nam conſta que o Peregrino obráſe mais coiza alguma memoravel: e ſe qual-

quer

quer deſtas é baſtante para o conſtituir *Varám grande ſobre os limites da umana natureza*, entam ja lhe nam negarei o Eroiſmo. E com iſto ſe reſponde a todas as paridades da ſegunda carta do ſenhor Lisbonenſe.

Eſte foi, ſegundo entendo, o motivo, porque o Genio veio no Poema ſómente *ad honorem* (a pezar das replicas do ſenhor Pina, que ſe eſcandaliza de que o critico de Vila Viçoza diſéſe que o Genio era como mudo, e que viera por demais). Iſto ſe confirma com muitas razoens. Primeira; porque muitas vezes eſtava tam ignorante como o Peregrino, ſem ſaber nenhum em que ſe rezolvêſe: ſegunda; porque ouve ocaziam, que o Peregrino ſe nam quiz ſujeitar aos conſelhos do Genio. Parecerá iſto um falar abſoluto; porém os lugares do Poema provarám o meu dito.

Na pag. 14. perguntando o Peregrino que gente era a que eſtava vendo; o Genio o repreende de lhe chamar *gente*, dizendo que certamente o nam é, porque nam conhece a Deos, a gloria, o abyſmo, *et c.* Porém eſta exortaſam fez tam pouco fruto, que, acabadas de proferir as ultimas palavras dela, ſe voltou o Peregrino para os Hottentots (que eram os tais omens) e muito enfadado lhes diſe: *O' gente infame!* E neſtes termos nam querem que ſe diga que o Genio veio como ſe nam vieſe, porque nam foi recebida a ſua doutrina, que na verdade era erronea, e nam ſoube o que diſe. O lugar é eſte:

Que

Que trifte mizeravel gente é efta?
Gente nam; diz o Genio: fe o parece,
Certamente o nam é, negando a Gloria,
O abyfmo, a alma, e Deos: Quanto envilece
(Pondera o Peregrino) efe conceito
A natureza umana! O' gente infame *et c.*

O que faz defculpavel efta dezobediensia, que foi erro crafo do fenhor Poeta, é o vermos que o tal Anjo fonhado nam tinha razam para negar o nome *gente* aos Hottentots, fó porque nam conheciam a Deos. Devia o fenhor Pina inftruilo (ja que o queria digno de refpeitos) para nam dizer parvoices, vifto que nam o poude crear com fiencia infuza. Podia enfinarlhe que *gente* é o mefmo que multidam de omens, compofta de muitas familias, como nos enfina entre outros o Faciolati: *Gens eft multitudo hominum, quæ ex pluribus familiis conftat*; para que nam negáfe efte nome aos abitadores daquele bofque, a quem na pag. 12. do mefmo Poema chama *povo necio*, *e turba*, *fociedade unida* etc. quando o mefmo citado Autor enfina que *gente* é o mefmo que *povo*, ou *nafam*, fundado na autoridade de Plinio: *Mithridates rex Ponti duarum, et viginti gentium ore loquebatur*; coiza, que até fabem os rapazes, que dam Rudimenta, e viram a definifam dos nomes coleƈtivos, onde vem por exemplares *populus*, *gens*, *turba* etc. Podia finalmente dizerlhe que com tanta liberdade fe pode aplicar efte nome *gente* a qualquer multidam, que Virgilio o aplicou aos cavalos:

Nec non, et pecori est idem delectus equino.
Tu modo, quos in spem statuis submittere gentis.
Onde Minelio, e os mais comentadores, expoem a palavra *gentis*, id est, *generis*, *et gregis equini.* O que tambem praticou com as abelhas:
Admiranda tibi levium spectacula rerum,
Magnanimosque duces, totiusque ex ordine gẽtis.
Gentis, id est, *generis apum*, dizem os comentarios. Porém como o Anjo do senhor Pina era tam ignorante, entendeo que só era gente quem *Theologice* nam pode ter este nome. *Nequando dicant gentes*: *Ubi est Deus eorum*? dise David: e mais abaxo no mesmo psalmo: *Simulacra gentium argentum*, *et aurum.* Foi mal empregado nam se achar prezente o Genio para dizer a David que nam chamáse *gente* áqueles omẽs que nam conheciam a Deos, o Ceo, nem o inferno.

Bem asistido do seu Genio (sejame licito darlhe este nome) estava Tobias, que tambem era peregrino; e querendo persuadir a noiva para a demora da consumasam do matrimonio, lhe deo por motivo a obrigasam que tinham de distinguirse das gentes, que nam conhesem a Deos: *Filii quippe sanctorum sumus*, *et non possumus ita conjungi sicut gentes*, *quæ ignorant Deum.* E nam consta que o Anjo S. Rafael, que lhe servia de Genio, o repreendêse de chamar *gente* aos que nam conheciam o Deos verdadeiro. Finalmente deixo a multidam de exemplos, que podia referir para este fim (que, sem sair da Biblia Sagrada, poderia ajuntar até uns 600) porque me envergonho de tomar por empreza

uma

uma coiza, que todos ſabem: e fatigarme com iſto era o meſmo que alegar textos para provar que os omens andam com os pés para a terra; ou ſer como o Prégador que dizia que *o mel é doce, como refere Plinio.*

Em outra ocaziam moſtrou o Genio a ſua ignorancia: pois ouvindo o ſuzurro de um bosque, que lhe parecia *roncos do mar ao longe*, ficou tam temerozo como o Peregrino, até que ambos fugiram de medo. Aſim ſe lê na pag. 44.

Do Mar,q̃ ao longe ronca,ou do granizo
O anticipado eſtrondo, reprezenta
O murmureo do boſque: . . . . .
O Genio, e o Peregrino duvidozo
Nota ibi. *Nam ſabem* ſe eſte alento pavorozo
De tam rudo, funeſto domicilio
Seria ſediçam, em vez de auxilio *et c.*

Depois diſto ſe retiráram por *julgar ſuspeitozo o clima*: e chegando á cidade dos Deístas, paſmáram de ver a diverſidade das naçoens, que alí abitavam; ſendo que todas eram Européas: até que o Peregrino ſe lembrou de ter ouvido falar naquela gente, e na ſeita que ſeguia, e diſe ao Genio: (pag. 92.)

Sebei que pelo aſpetto deſtas viſtas
Temos chegado á eſtanſia dos Deíſtas.

Nam falemos no *aſpéto das viſtas*; porque ja determinei nam fazer cazo deſtes erros, por evitar trabalho em os repetir, e aborrecimento em os notar: ſó nam poſo conter o rizo vendo que o Peregrino enſinou ao Genio o que ele ignorava. Ja nam me admiro do ſuceſo dos ron-

cos do mar, em que tam ignorante foi um como outro, como ſe vê no Poema: *O Genio, e o Peregrino duvidozo nam ſabem*: mas chegar a tal exceſo a inercia do Anjinho, que era percizo que lhe enſinaſem o meſmo que via: *Sabei que eſtes ſam os Deíſtas*! Sendo percizo depois que o Peregrino perguntáſe a um daqueles *moradores, ſe haveria ali alguns ſenhores, em quem ſe acháſe o dictame civil.* Forte mizeria! Por certo que um anjinho dos que vam ás prociſoens ganhar o ſeu papeliſo de paſtilhas nam ſabe menos que tal mandriam.

No livro 6. diz o ſenhor Pina que *o ſeu Genio moſtrou nam ter pevide na lingua*: e fez bem em ſe oſtentar ſam da goſma, ja que era tam galinha. Eu diſera mais que tambem neſte lugar deo indicios de nam ſer dezázado, pela ligeireza com que fugio tanto que vio o Peregrino em poder dos demonios, que eſtavam na caverna, onde ele adormeceo: e depois de alguns dias, eſtando ja livre do perigo, entam lhe apareceo oferecendoſe para *Auxiliador*, e dizendolhe ſem vergonha do que tinha obrado: *Aqui eſtou para quanto ſolicitas*. Ja lhe nam ganha Manoel Gonſalves do Prezepio, que em quanto durava a pendenſia eſtava eſcondido rezando a ladainha; e depois de tudo acabado ſahiá com a eſpada na mam a dezafiar os ventos. Podia o ſenhor Pina fazer eſta foſca em outra ocaziam menos ſuſpeitoza, e eſconder o ſeu Anjo em tempo que ninguem julgaſe ſer por medo: ainda que iſto de eſcondidas é jogo de

rapa-

rapazes, e devia omitirſe. O Genio alí reprezentava o Anjo da guarda; e eſtes nam dezampáram nos cazos de neceſidade; antes entam ſocorrem com maior esforſo, como tem de obrigaſam: porém eſte cuidou tam pouco nela, que deixou em poder dos demonios o pobre Peregrino, cuja guarda, e direçam lhe eſtáva cometida. E ultimamente, devendo vir no Poema para influir, era dezobedecido, ainda quando com palavras aconſelhava: mas como o ſenhor Pina criminou o Telemaco de muito obediente a Mentor, quiz fugir de Scyla, e deo em Caribdis: devendo enſinar, era enſinado por neceſidade da ſua ignoranſia: devendo animar, era o primeiro a fugir, por efeito do ſeu medo. Logo para que veio eſte Genio ao Poema? De que ſervio ao Peregrino? Em fim eu nam me meto com o que diſe o critico de Vila Viçoza a reſpeito do Genio ſer, ou nam ſer mudo: ſó digo que era melhor que ficaſe em caza feito duende, viſto que no Poema ſó ſervio de figura de cantareira.

Ora perdoe a minha confianſa, ſenhor Franciſco de Pina: mas ja que voſa mercê tem tanta, que até prezume de ter poder para crear *Eſpiritos Angelicos*; ſejame permítida a de lhe advertir que nam pode ſervir o oficio *ex defectu ſcientiæ*: e ja que é tam verſado nos emblemas de Alciato, veja aquele (121) que diz:

Dextra tenet lapidem, manus altera ſuſtinet alas;
Sic me pluma levat, ſic grave mergit onus.
Ingenio poteram ſuperas volitare per auras,
Me niſi paupertas invida deprimeret.

Os

Os primeiros dois pertenſem ao ſeu Anjo, que pertendendo ſer eſpirito, ſahio materia rude. Voſa mercê ſim lhe quiz dar azas; mas ele nam pôde voar, por ſer de pezada natureza. Por iſto quando fizer outro Anjo nam o faſa tam material. O 3. e 4. verſo aſentam bem em voſa mercê; pois o ſeu engenho o *arrebata ao alto cume do ſempre claro incompreenſivel Lume*: (que nam ſei onde fica eſte *cume.*) Porém quanto o eleva o ſeu engenho, o abate a ſua pobreza. Para fazer verſos, e verſos bons (que, ſe eu aſim os fizera, me contentava) ainda voſa mercê tem inſtruçam: porém para crear Anjos tem pouco cabedal: e até em ſe meter niſo foi pobre omem. Perdoe a confianſa; mas a verdade ſempre ſe pintou nua; e o atrevimento, com que voſa mercê eſcreveo neſte ponto, nam merece mais modeſtia. Diſe o critico de Vila Viçoza que *ſe em lugar do Genio tiveſe o Peregrino ao ſeu lado a Mentor, nunca mentiria a Confucio.* E a iſto reſponde voſa mercê todo admirado: (Apolog. pag. 14.)

„ Eu ainda agora me eſtou a benzer de „ tal ouvir a um Chriſtam, quanto mais a um „ Miniſtro da Igreja. Supoem que ſe daria me- „ nor influencia em um eſpirito Angelico, que „ em um Nume do Gentiliſmo, para que o Pere- „ grino falaſe verdade; ſendo que quem falava „ neſtes Numes era o demonio, que é o Pai da „ mentira: Há quem tal oiça entre Catolicos, „ que nam feche as mãos na cabeça? „ Que tal eſtá a vaidade? Que figura é cá o boneco, que foi

foi concebido na ſua ideia, e naſcido da ſua pena, para que voſa mercê todo ſerio lhe queira atribuir os reſpeitos de verdadeiro Anjo? Diſto é que eu me benzo, e por iſto *fecho as mãos na cabeſa* quando o leio impreſo. Grande cegueira de amor proprio, que o obriga a dizer em defenſa das ſuas obras o que nas alheias condenára por erezia! Veja agora aqui o ſenhor Lisbonenſe ſe nos livros Francezes uzados em Portugal, e admitidos pela Santa Inquiziſam, cuja liçam condena por ſuſpeita ao Eborenſe, ſe acham coizas que ajam de ſer lidas com mais cautela do que eſta, e outras que direi, e eſtam na apologia do ſenhor Pina, que a ſua mercê tanto lhe ſerve de recreio do corpo, e eſpirito.

Aqui devia eu acabar eſte ſegundo Discurſo: mas ja que aſima tratei a reſpeito dos Hottentots, moſtrando ſerem gente; agora os quero defender de ſerem Atheiſtas. Nam ſe espante o ſenhor Pina de repente, *fechando as mãos na cabeſa*; que eu para lho provar nam eide ir fora do Poema. Define voſa mercê logo no principio das ſuas notas o Atheiſmo; e diz que *vem do Grego* Theos, *que ſignifica* Deos, *e do ſeu* (a) *privativo*; *e he o meſmo que ſeita, que nega a exiſtenſia de Deos.* Explica voſa mercê na pag. 11. quem ſejam os Hottentots, e diz que *eſtes barbaros ja vem nos mapas modernos*: *e vivem da meſma ſorte que os brutos.* Agora pergunto: Se eles vivem como brutos, para que diz voſa mercê que ſam Atheiſtas? O Atheiſta

per te é aquele, que nega a exiſtenſia de Deos: *atqui* eles nam o conhecem: *ergo* nam o negam. Ninguem pode negar a exiſtenſia de uma coiza, de que nam tem noticia: ſe eles nam ſabem que ha Deos; como negam a ſua exiſtenſia? Do ignorar ao negar vai muita diferenſa. Que os Hottentots nam conhecem a Deos ſe prova claramente da pag. 11. do Poema; onde diz que eſtam eſtes omens *vivendo em tanta mizeravel cegueira*, *ſem nunca ver o Ceo* etc. A alegoria de nam ver o Ceo eſtá bem evidente para o intento; mas ainda mais claramente ſe moſtra na pag. 14., onde diz que *deſcuidados vivem neſte embriam*, *neſte jazigo*, *ignorantes do premio*, *e do Caſtigo*. O que ſeja *embriam* todos ſabem: ſe eles vivem em embriam, nada negam, nem afirmam; antes eſtam como materia diſpoſta, ſem forma determinada. Alem diſto, o verſo ſeguinte claramente explica que eſtam *ignorantes do premio*, *e do caſtigo*; e por ſinal que lhe deveo mais veneraſam o inferno que o Ceo, pois eſcreveo *premio* com letra pequena, e *caſtigo* com letra grande inicial; uzo, que repetidas vezes ſe acha no Poema, neſtas, e outras materias. Daqui ſe ſeguem tambem algumas incoerenſias; pois ſe eles ignoram o premio, e o caſtigo, que é o Ceo, e o inferno, para que diz logo que negam a Gloria, e o Abiſmo? E temos o meſmo ſilogiſmo que ja fiz a reſpeito da exiſtenſia de Deos. Mais. Se em ſima diz que vivem *ſem nunca ver o Ceo*; para que eſcreve mais abaxo:

quanto

.... quanto medes,
Quanto julgas do abysmo até o Empyreo
Nas toscas apreensoens de tua ideia *et c.*

Se eles nam vem o Ceo, nem o inferno, como lhe medem os intervalos ? Vosa mercê senhor Pina ora os faz Filozofos com apreensoens de ideias, ora os reputa como porcos que nam sabem olhar para o Ceo. Mais. Se vosa mercê diz que *vivem como brutos*: para que nos afirma que os regía Epicuro, Lucrecio, Liszink, Espinoza, Vanini, e os seus sequazes? Os Hottentots tem lá noticia de Epinoza, nem de Epicuro? ou sabem que tais omens ouve neste mundo? Vosa mercê os descreve sepultados em um *lugubre sono*, com *gomas de opio*, *modorras*, *e dias negros*, e todo o genero de dormideiras; e quer que os acreditemos tam letrados? Nam, meu senhor; dormindo nam se pode adquirir a noticia de tantos sistemas, de que cada um daqueles Autores uzou para negar a existensia da Divindade. E se nam, julguese por si; e veja se dormindo poderia adquirir a erudisam, que tem, e eu confeso ser grande; mas nam quanta baste para comunicar ciensia rigoroza aos seus espiritos Angelicos com predicados de Celestiaes. E aqui pode tambem servir de testemunha o senhor D. Joaquim; pois a instrusam, com que tem ganhado a fama de omem douto, suponho nam foi grangeada dormindo; suposto que eu julgo que ambos vosas mercês estam agora verificando a segunda parte do proloquio que diz: *Cobra boa fama, e deitate a dormir.*

DISCURSO III.

O Asunto da 3. carta do senhor Lisbonense é só a defensa da nobreza da palavra *pernas*, de que o senhor Pina uza repetidas vezes no seu Poema, e lhe notou entre outras o Eborense, por menos decente á magestade Epica. Responderei com a posivel brevidade: mas nenhuma instansia deixarei sem reposta; pois niso nunca imitarei o senhor D. Joaquim que pasa em silensio a solusam dos argumentos, e só se despica com pulhas. Primeiramente permito que seja licito o uzo desta, e semelhantes palavras, em cazo de necesidade, como no exemplo da descripsam da estatua de Nabuco, que refere o senhor Apologista; porque alí nam só ouve percizam, mas diferensa, pois as pernas da estatua, formadas de ferro, muito polidas, e aseadas, nam sam o mesmo, que as do Peregrino, nuas, e sujas: e deve darse a mesma razam de diversidade, que o senhor Lisbonense concede a respeito das pernas da mulher, que nam devem descreverse, nem ainda em estilo jocozo, como se vê no exemplo do Graciozo da comedia de Euridice, e Orfeo, que alega. E alem disto diz que
„ Quando o Poeta se acha necesitado, pelo
„ asunto sobre que escreve, a falar em partes,
„ de que a pena deve fugir, para encher as
„ obrigasoens da modestia; para este cazo se
„ fize-

„ fizeram as frazes, as metaforas, os circumlo-
„ quios, *et c.* Daqui devemos tirar duas liço-
ens : primeira que ade ſer em cazo de neceſidade :
ſegunda que ade ſer quando infalivelmente o
pedir o aſunto ſobre que eſcreve. Logo ſe o
ſenhor Pina nam eſcreveo em aſunto que o obri-
gáſe a falar em *pernas*, nam devia uzar deſte
termo. Se eſcrevêſe de Anatomia, Medicina,
Cirurgia, Pintura *et c.*, ninguem lhe notaria
a palavra: porém para a Polemica de nada ſer-
ve. Podiam muito bem convencerſe as ſeitas
heterodoxas, e fazerſe o *Triunfo da Religiam*,
ſem que o ſenhor Pina citáſe os ſeus Catecume-
nos para ver as *pernas*, *pés*, *coxas* et c. (p. 37)

.... attende aos braſos,

A's pernas, *mãos*, *e pés*, *coxas*, *e peito* et c.

Eſte conſelho ſó era bom para ſe dar aos pa-
voens, para que, vendo os ſeus pés feios, e ne-
gros, perdeſem a vaidade da ſua beleza.

Vamos á outra liçam de que os circumlo-
quios ſe fizeram para quando o Poeta ſe acha
neceſitado a falar em partes, de que a pena de-
ve fugir por conſervar a modeſtia. Em um dos
lugares (que é no Poema o primeiro) em que
o ſenhor Pina faz um retrato do corpo umano
parte por parte, principía pela cara; e enver-
gonhandoſe de lhe dar eſte nome, chamalhe
lamina vivente: (pag. 36.)

O nariz n' hum parenteſis concizo
Proporcionar a lamina vivente:

e daqui proſegue logo com as pernas, pés,
coxas, *et c.* Donde devemos inferir que *cara* é

palavra menos modeſta que *pernas*, porque eſta ſe eſcreveo, e aquela ſe ſuprio com um circumloquio (que é muito galante no ſeu tanto) atendida a doutrina do ſenhor D. Joaquim, que ſe enfada de que o Eborenſe fizeſe eſte reparo, depois de ver que o ſenhor Pina retratou com tanta vergonha a cara do omem, que teve pejo de a nomear pelo ſeu nome. Porém eu ſuponho que ele quiz experimentar a ſua abilidade; e como vio que a primeira fraze lhe nam ſahio boa, rezolveoſe a falar claro, como pratíca neſta materia em todo o Poema dali por diante. Nam falando na impropriedade, com que o nariz proporciona a *lamina vivente*, como *parentezis concizo*, porque *parentezis* é uma oraçam intrometida em outra diferente, com quem tem tam pouca conexam, que, tirandoſe, ou pondoſe o tal parentezis, ſempre a oraçam principal fica perfeita; o que nam acontece na cara, que, ſe lhe cortarem o nariz, ficará orrivel: por iſo muito mal lembrada foi ali a ſemelhanſa do *parentezis*; e tambem do oficio deſta figura, que nunca ſerve de *proporcionar*.

Os lugares, que o ſenhor Lisbonenſe refere para exemplo da decenſia da palavra *pernas*, nam vem para o intento. O primeiro de Bacelar, em que diz: *Meteo pernas ao cavalo*: é muito galante exemplar para um Poema eroico, e ſacro! Que importa que o eſcrevêſe Bacelar, ſe nam foi em cazo ſemelhante ao de que ſe trata? alem de nam ſer obrigado o verſo lirico á mageſtade do eroico. Quanto mais que ali

ali aquela palavra entra por uma fraze do idioma, mais de pasagem que Pilatos no Credo. E o segundo exemplo de Jacinto Freire, sem embargo de ser em verso endecasilabo, bem mostra em si a qualidade do estilo:

Porque de Polifemo uma só perna
Calça catorze pontos de caverna.

Que tais sam os dois versinhos para um Poema Epico? Se o senhor Apologista no seu Poema Indico imitou destes exemplares, sem duvida que ade estar obra nobilisima. Mas o peior é que queira este senhor que tambem para texto da Epica sirvam os livros de Alveitaria, e Cavalaria! Com que porque Galvam, Rego, Sande, Pacheco, e os mais, que tratáram de Picaria, uzam mil vezes, como sua mercê diz, da palavra *pernas*, tambem o Poema Epico pode ter a mesma palavra? Visto iso, uze tambem de atafal, cabresto, e albarda *et c.* porque estas se acham nos Vocabularios, que sam livros de maior considerasam, que os de Galvam, e Rego.

O texto, que alega da Escritura Santa: *Non fregerunt ejus crura*: tambem nada prova. E se no Poema Epico se pode uzar de todas as palavras, que se acham nas Sagradas Biblias, fez mal o senhor Pina, quando escreveo a concepçam do Peregrino, nam falar claro; pois ali acharia até 145 textos, com que defenderse, tam claros como isto: *Fornicata est Thamar nurus. Uxor tua in civitate fornicabitur. Et fornicata fuerit cum eis* et c. E tambem aqui se lograva no verosimil do suceso o admiravel da

expre-

expreſam; viſto que ſó por ſe *lograr o veroſimil no admiravel* (palavras, com que repetidas vezes comenta o ſenhor Pina as milagreiras do ſeu Poema) ſe encheo o *Triunfo* de coizas bem ſuperfluas. Suponho que com a liberdade de achar na Biblia cento e quatro vezes repetida a palavra *cornos* (ſegundo a Concordanſia) uzou tambem dela na ſua Epopeia (pag. 130.)

Com cabeſa de vaca, e com uns cornos.

Certamente creio que, ſe ouvéſe de falar em Moizés quando deſceo do monte, lhe chamava *cornudo*, por traduzir fielmente o texto: *Cornutam Moyſi faciem.* Mas que muito que iſto diſéſe, ſe até achou dignas da mageſtade Epica as pulgas, e os piolhos *et.c.* com que reduzio o Poema a ſólheira de pobres! Envergonhaſe um eſcritor prozista de falar v. g em *burro*, *porco*, et c. de ſorte, que até o ſenhor Apologiſta com o ſeu eſtrondo jocozo uza de circumloquio quando lhe é percizo falar no primeiro deſtes dois animaes que digo, chamandolhe *aquele animalejo*, *que ſe deita á margem por inutil*; e iſto em umas cartas em eſtilo nam ſó familiar, mas ſatirico; e entam ade ſer licito ao ſenhor Pina encher de tediozos inſectos um Poema Sacro, e Epico, ſendo que aquelas ſevandijas, ou *animalejos* (que aqui é onde aſenta bem eſte nome) ſam propriamente produzidos entre a imundicia, e por iſo muito mais asquerozos que aqueles animaes!

Diz tambem o ſenhor Velho que *nam ſabe que* pernas *ſejam uma entidade imunda, ſó*

ſe

ſe eſtiverem ſujas, por nam andarem bem lavadas. Ora pergunto: e as pernas do Peregrino quando ſahio da cova, onde o criou a loba, no fim de tantos anos aviam de ſair muito lavadas? Tam ſujas ſahiram, que em ſua vida nam tinham ſido lavadas, nem ainda dos ventos; porque, ſupoſto que ſempre andou deſcalſo, e nû, até aquele tempo eſtava em uma cova ſubterranea, onde nam dava Sol, nem Lua, e menos vento; pois tinha a boca tam apertada, que quando o Peregrino quiz ſair de dentro a primeira vez, que foi ja *na idade mais florecente*, como conſta do Poema, foi percizo que ſe obráſe um milagre; e fez o ſenhor Pina tremer a terra, para que com o impulſo do terremoto cahiſe uma pedra, que impedia a ſaida da gruta: milagre por certo bem ſuperfluo, pois podia o ſenhor Poeta fazer a pedra mais pequena, de ſorte que o Peregrino a pudeſe mover, ainda que foſe com muito trabalho; que era melhor agoiro dos ſuceſos futuros conſeguir com dificuldade a primeira empreza da ſua vida, do que desfalecer dela, conhecendo, e moſtrando a ſua fraqueza; que ficaria ſepultada, ſe nam vieſe o terremoto levantarlhe a pedra da cova. Chriſto nam quiz obrar eſte milagre na reſurreiſam de Lazaro; porque vio que os omens podiam mover a pedra: melhor fôra que cá aſim ſe fizeſe, pois na dificuldade conſiſtia a gloria da empreza, e em ſe conſeguir eſtava o premio do trabalho

Na tal cova nam conſta que ouvéſe agua, em que o Peregrino pudeſe lavarſe (que até

deve

deve cauzar admiraſam que paſáſe tantos anos ſem beber; porque de comer poderia levarlhe a loba; mas agua para beber era impoſivel que lha leváſe: nem podemos inferir que ſe nutrio todo aquele tempo com o meſmo leite: porque nam podia a fera ſuſtentar um omem tantos anos por eſe modo.) Logo ſe ele nam tinha com que lavarſe, eram as ſuas pernas, por ſujas, objetos dignos de ſe excluirem da mageſtade Epica, conforme a meſma doutrina do ſenhor D. Joaquim, que diz que *as regras, que ſobre o uzo das palavras nos dicta a razam, e enſinam os meſtres, excluem todas as palavras, cujos ſinificados exprimem objetos imundos*: *e pernas nam ſabe que ſejam uma entidade imunda, ſó ſe eſtiverem ſujas por nam andarem bem lavadas*. E como nas do Peregrino ſe dava eſte defeito, devem incluirſe no anátema, e deſterrarſe da Epopeia. Bem podiamos nós evitar eſtas diſputas ſobre aſunto tam nojento: porém depois de dar o ſenhor Pina o motivo, o ſenhor Lisbonenſe o fomentou.

Mas ja que falei aſima em ter eſtado o Peregrino deſcalſo, e nû até áquele tempo, que ſahio da gruta, tomára que alguem me tiráſe de uma duvida, e é: que, ſe ele eſtava nû, como diz o poeta que a gente, que dezembarcou de uma náo, que lhe cauzou grande admiraſam, parecendolhe *um monſtro cheio de tecidas plumas*, era *quazi do meſmo trage*?

Chegou junto da praia onde vomita
Da minha propria eſpecie varios entes,
Quazi do meſmo traje *et c.* (pag. 57.)

Se

Se isto fose na America, nam me admirava; porque, ainda que ao andar nû nam se deve chamar *traje*, poderia julgar que os marinheiros tambem vinham nûz, asentando aquele *quazi* na diversidade da cor, por serem os taes navegantes pretos, e ele branco: mas como aconteceo em Marselha, conforme a noticia, que depois deo Polifilo, encontrase dificuldade neste ponto. Se eles fosem estudantes, tambem lhe poderiamos dar alguma semelhansa metaforica, por ter estado até entam o Peregrino sempre de loba: mas como o nam eram, e as metaforas estam reprovadas, (nam sei porque cauza) ignoro que saida se lhe posa dar a este ponto. Que o Peregrino estivese ainda nû ninguem o pode duvidar, lendo o Poema; porque alguns dias, que se tinham pasado depois de sair *do centro infausto da funesta alcoba*, tinhamse consumido todos em pasmatorios, sem ter

.... outro recurso
Mais, que estar-lhe observando o ethereo curso
No circulo luzente: etc.

E algum bocadinho de tempo, que lhe ficava nos outros dias seguintes, era pouco para estar olhando para

A garganta do monte, que rasgava
Na fralda a gruta atroz, em que nascêra:

até que de todo lhe

.... levou todo o cuidado
Outro prodigio, que no inchado pégo
Alterou inda mais o seu socego:

que este prodigio, que veio a furo por inchasam

do pégo, foi o tal *monstro cheio de plumas* (que é coiza que ainda nam vi; porque, se acazo ha monstros de plumas, sam cobertos, e nam cheios; que só sei que os colchoens, travesseiros, almofadas, *et c.* sejam cheios de plumas.) Este monstro pois, que sem dar á costa veio á praia enjoado a vomitar *os entes* etc., quer o senhor Pina nas suas notas que seja *bom exemplo para nam reputarmos por demonstrasoens fizicas as nosas conjecturas*; porque o Peregrino se capacitou de que a nau era um monstro, e que os omens sahiam vomitados; e enganouse nisto. Ora pergunto, senhor Pina: nam aconteceo isto com a balêa de Jonas? Logo como quer que uma iluzam que teve o Peregrino de uma coiza que acidentalmente foi falsa, sendo realmente posivel, e devemos crer sem duvida que ja aconteceo, sirva de dezengano contra os experimentas da filozofia moderna? Eu me admiro de que, sendo o senhor Pina tam inclinado á novidade das palavras, em que *non sumus auctores*, *sed custodes*, seja oposto á dos discursos, que só devem cativarse *in obsequium Fidei*.

Para acreditarmos que o Peregrino tinha vestido a roupa da mãi, isto é, da loba, a quem ele *só reconheceo por mãi*, fazendo alguma cobertura de peles; lembrome de que Adam, tendo ciensia infuza, nam lhe ocorreo ese recurso, e foi percizo que Deos lhe fizese o vestido: *Fecit quoque Deus Adæ, et uxori ejus tunicas pelliceas*; e o Peregrino, a quem cauzavam admirasam, e novidade os *entes da sua especie*,

pare-

pareceme que nam teria juizo para tanto. E para entendermos que eſtava veſtido de folhas como Adam, nam entendo como os navegantes vinham *no meſmo trage.* Emfim confeſo que nam entendo eſte ponto.

Tornando agora ao outro, que deixámos, vejo que diz o ſenhor Apologiſta, para provar a neceſidade que o ſenhor Pina teve de falar em *pernas*, que *era indiſpenſavel*; *porque vai pintando as partes do racional artefacto*; *e neſte quadro da ſua bem delineada pintura ficaria diminuta a imagem*, *ſe lhe faltaſem pernas* etc. E nam repara eſte iſtoriador *do racional artefacto* em que em nenhum deſtes retratos ſe fala em cabeſa, quando eſta é parte mais principal; porque muita gente vive ſem pernas, ninguem ſem cabeſa. Uma unica vez, que ſe intentou falar em cara, veio maſcarada com o epíteto de *lamina vivente*: e ſe a imagem ficava defeituoza ſem pernas, quanto mais o ſerá ſem cabeſa?

A reſpeito da voz *coxa*, que tambem quiz defender, nam diz o ſenhor Lisbonenſe coiza, que mereſa repoſta; porque nada prova o texto: *Tetigit femur ejus, et claudicabat*: pois ainda que *femur* ſó pudeſe traduzirſe com a voz *coxa*, nam era baſtante para que foſe decente á Epica o acharſe aquele termo na iſtoria de Jacob, nam ſó porque ali houve neceſidade de ſinalar a parte em que tinha recebido a ferida; mas porque o eſtilo liberal das Sagradas Letras é todo ſimples, e livre de circumloquios. Mas ja que ſua mercê é tam Eſcriturario, que para

exemplos da Epopeia alega textos da Biblia, podia nela meſma achar lugares, com que desculpáſe a liberdade, que tomou o critico de Evora em uma carta familiar, que nam eſtava ſujeita aos preceitos da Epica, em dizer que *o ſenhor Pina podia eſcuzar o fazer o ſeu Ero filho da puta.* Podia ver, ſem ſair da carta Apologetica do ſenhor Pina, o que ele diz que *Puta* na acepçaõ Portugueza correſponde ao *meretrix*, ou *ſcortum* dos Latinos. E ſendo aſſim, devia diſimular que o Eborenſe eſcrevêſe o termo *puta* em uma carta, depois de ter eſcrito S. Jeronimo na Eſcritura Santa oito vezes a palavra *ſcortum*, e quarenta e uma o nome *meretrix*; que ambas confeſa o ſenhor Pina ſerem o meſmo que em Portuguez *puta.*

Chama o ſenhor Velho do Canto ao termo *filho da puta nam ſó baixa, mas baxiſima, porquiſima, e indecentiſima, e tam eſcandaloza para os olhos de quem a lê eſcrita.* Eu lhe perdoára o eſcandalo dos olhos, porque as palavras ſó escandalizam *ouvidos pios*; mas nam paſo em ſilenſio aquele pleonaſmo *de quem a lê eſcrita*; pois nam ſei que ſe poſa ler ſe nam o que eſtá eſcrito. Nam avia eu reparar nele para o criticar, pois ſeria proceſo infinito notar todos os que ſe achain no livro do ſenhor D. Joaquim: porém lembrome de que o ſenhor Pina notou na ſua carta Apologetica que o Eborenſe cometêſe um *formozo pleonaſmo* quando eſcreveo *Estreiteza conciza.* Podia negarlhe o ſupoſto; porque ſer eſtreito nam é o meſmo que ſer conci-

zo: mas nam quero gaſtar niſo o tempo, que poſo aproveitar em lhe advertir que peior é aquele, que ſua mercê eſcreveo no Poema de *genuflexar o joelho*; porque todos ſabem que *genuflexar* nam é palavra Portugueza verdadeira, mas derivada do verbo Latino *genuflecto*, que ſe forma de *genu*, que ſignifica *joelho*, e de *flecto dobrar*: e ſe *genuflexar*, ſó por ſi ſignifica *ajoelhar* (que eſta é a verdadeira Portugueza) ſe quer dizer *dobrar o joelho*, para que lhe acreſcenta outra vez *joelho*? Iſto nam ſó é pleonaſmo, mas ignoranſia. Eu ſuponho que deſconfiou de que genuflexar era ſómente dobrar um joelho, e quiz pôr-lhe tambem o outro em terra para ficar a poſtura mais devota.

Porém tornando aos encarecimentos do ſenhor D. Joaquim a reſpeito do termo *filho da puta*, vejo que diz que *mais autoridade tinha em Jonatas ſeu pai Saul; e querendo-o deſcompor, nam ſe atreveo a falar com tanta claridade, e ſó lhe diſe*: „Fili mulieris virum ultro rapientis„. Podia tambem o ſenhor Apologiſta aqui ajuntar que tambem o ſenhor Pina tinha autoridade no ſeu Peregrino, e nam lhe chamou ſe nam *filho de cóito damnado*, que é fraze bem ridicula para ſe uzar em eſtilo epiſtolar, e fóra das aulas; porque de trés palavras, que tem, ſó uma é Portugueza; pois *cóito* é Latina, e vale o meſmo que vulgarmente dizemos *copula*: e *damnado* tambem é termo, que abſolutamente ſe nam recebe do Latim para o noſo idioma, e ſó ſe diz *illicito*: e ſe podemos dizer *filho de copula ilicita*, para

que

que é dizer *filho de côito damnado*? *Danados* em Portuguez sam os caẽs, e os outros animais, que padecem o mal de raiva. E alem disto, nam é o mesmo ser *filho de cóito damnado*, ou de *copula ilicita*, que ser *filho da puta*; pois ha muita diversidade de copulas ilicitas. Por ventura é o mesmo ser filho natural, que filho adulterino? Nem todos os filhos de copula ilicita se podem chamar filhos da puta. E na pag. 38. da sua apologia defende este ponto muito bem o senhor Piña: motivo, porque me admiro de que, sabendo ele isto, queira explicar com a fraze de *filho de cóito damnado* o significado de filho da puta; sendo certo que todo, o que nam é filho de legitimo matrimonio, é filho de cóito damnado, ou copula ilicita. Por iso eu dise que a fraze era ridicula: e perdoe, se falei mal ensinado.

Tornemos agora ao senhor Velho, que entra a meter a bulha o Eborense, dizendolhe que *veja lá se encontra por eses livros Francezes, de que bebe as mais saudaveis doutrinas, algum exemplo, ou razam, que lhe autorizem esta sua sentensa.* Para isto, senhor D. Joaquim Velho, nam é percizo ir aos livros Francezes, que vosa mercê condena por suspeitos na Fé, e tambem a quem os lê. Na mesma Sagrada Escritura achará vosa mercê a Jephte, um dos Juizes mais celebres do povo Hebreo, tratado com o nome de *filho da puta*, sem circumloquio algum, que coonéste o epíteto: *Fuit illo tempore Jephte Galaadites vir fortissimus, atque pugnator, filius mulieris

lieris meretricis. Este nome dá o istoriador Sagrado a um omem governador do Povo de Deos; a um Varám, a quem ninguem disputa o Eroismo, *vir fortissimus, atque pugnator*; e a um Juiz, que realmente existio, e governou os Israelitas. E que muito é que, nam na sua istoria publica, mas em uma carta particular, se intituláse com o mesmo nome um omem sonhado, que só existio na mente do senhor Pina; e um Peregrino, que ainda que fose de *altos genitores*, nam pasava de romeiro de bordám, e cabaça? Quanto mais que ninguem teve a culpa de que o senhor Pina o fizese concebido a furto. E se queria que lhe tributasemos respeitos, devia fazelo legitimo erdeiro desas onras; pois a sua esclavina nam é mais nobre para lhas merecer, do que a purpura daquele Vice-Rei de Israel: e se o seu Peregrino (que por nome nam perca) fez o seu Triunfo, tambem Jephte gozou o mesmo privilegio; e com diferensa, que a um tributoulhe os vivas todo o Povo; e a outro só vosa mercê lhe levantou as figuras, e os *carros orientantes*, que *orientavam* ao longe.

O senhor Pina na sua carta Apologetica pertende sacodir a garrocha, dizendo que o Eborense *levanta ao Eroe o testemunho falso de ser filho da puta, nascendo, como claramente consta do poem , de legitimo matrimonio*; o que eu, nem pesoa alguma dirá depois de ler o *Triunfo*, ainda que o seu Autor afirma que *o lugar é expreso, e sem contradiçam*; e é o seguinte:

rizo-

.... rizonha,
E benigna permite que eu lhe exponha
A minha adoraſam, e ſe aſegura
Na palavra de eſpozo, que lhe ofreſo:
E ocultamente teve em outro inſtante
Do meu empenho o efeito mais conſtante.

Eſta é toda a paſagem que refere o ſenhor Pina para provar que o ſeu Eroe é filho de legitimo matrimonio; e quem dela o nam inferir aſim, manda ele que *tome outro oficio, e que em lugar de Poemas ſe divirta com autos de Maria Parda.* Fala bem forte! Faz bem em lhe meter medo para que ſe calem: mas eu, que nenhum tenho das ſuas pulhas, pergunto: oferecer a palavra de eſpozo é o meſmo que cazar? Quantos a ofereſem, e depois faltam a ela? Se o aljube faláſe, ele ſerviria de teſtemunha. Se diſeſe que lhe deo a mam de eſpozo, mais equivoca ficava a coiza, e nam lhe aviamos perguntar pelos pregoens: mas dar palavra de cazamento é prometer para o futuro: e ſe ele cazou entam, como lhe prometeo cazamento? Prometer uma coiza ao meſmo tempo, em que ſe dá, nam vi ainda! Só em materia de pancadas ha ſugeitos tam pontuaes, que quando chegam a prometer ja tem dado algumas á conta: mas em outra coiza nam ſei que tal ſe pratique. Quiz Camoens explicar a brevidade, com que um omem de onra deve ſatisfazer as ſuas promeſas, e diſe:

Quem

Quem no mundo quizer ſer
havido por ſingular,
ha de trazer ſempre o dar
nas ancas do prometer.

Eſta é a maior pontualidade, que pode dezejarſe: de ſorte que ſe dá logo depois que ſe promete: mas ſempre a promeſa deve preceder á dadiva. E principalmente niſto de cazamentos, que ſó com fianſa a banhos, que nam consta que Polifilo tiveſe, ſe podem fazer tam breves. E emfim cazamentos de jardim ſam cazamentos de comedia, ſendo fingidos; ou clandeſtinos, ſe ſam verdadeiros. Alem diſto, ſe ele cazou com a tal Dama, para que conſumou o matrimonio *ocultamente*? Por ventura é coiza ilicita, que haja de ocultarſe? Ainda entre os Gentios era coiza juſta: *Matrimonii jus caſtum, et legitimum*, eſcreveo Cicero. Nam falo tambem na prontidam, com que conſeguio o efeito do ſeu empenho *em outro inſtante*; porque iſto dependia de reparos mais licenſiozos: mas tambem nam me admiro, viſto que a Dama cahio de madura.

O certo é que o ſenhor Pina, quando eſcreveo a ſua apologia, foi ſó a empalhar para que nam ſe diſéſe que ficava calado; julgando que ninguem teria a curiozidade de conferir o Poema. Eſte foi ſem duvida o motivo, que teve para transcrever aquele lugar, e paſar em ſilenſio eſte que repito:

Deſde o feliz momento nunca avara
Foi a ſorte comigo, até que pára
Tam doce elevaſam no termo injuſto
De fecundarſe o talamo: rezervo
A' voſa inteligencia o orror, e o ſuſto,
Que cauzaria um fado tam protervo
Na minha adverſidade; pois a vida
Só podia ſalvarſe na fugida. (pag. 187.)

E querem á forſa eſtes ſenhores que, depois de ler iſto, acreditemos que Polifilo eſtava legitimamente cazado com a Dama. E ja que pertende tirarnos os olhos; para que rezerva á noſa inteligençia o orror, e o ſuſto, que lhe cauzou *o fado protervo*? Conceber uma mulher de ſeo marido é coiza orroroza, ou que poſa cauzar tam grande ſuſto? Se o Peregrino apanháſe o ſenhor Poeta com aquele celebrado montante, com que peleijou contra os Libertinos, ele lhe perguntaria quem o obrigou a deſcobrir as ſuas faltas, ou as demazias da mãi, que, ſegundo nos diz, depois que perdeo a primeira vez a vergonha, nam ſe deſcuidou do divertimento; que aſim ſe conſtroe aquele lugar: *Deſde o feliz momento nunca avara foi a ſorte comigo.* Sem duvida que foi como os ruins muzicos que cantam depois de vinte rogos, e para ſe calarem neceſitam de quarenta. Ou talvez que a cauza da ſua eſquivanſa foſe a ignorancia das delicias do *efeito do empenho conſtante*, em cuja narraſam ſe deixou ir o ſenhor Pina atraz do choro, e diſe maravilhas, como ſe pode ler na pag. 187. Como nam ha boda ſem baile, introduziolhe uma dan-

ſa

ſa *de eſpiritos frecheiros* (que era qualidade que baſtava que ſe déſe no noivo) *vibrando placidos luzeiros*. E por fim para ficar a funſam mais alegre poemlhe de uma parte *os zefiros gemendo*, e da outra *a fonte chorando*. Eiſaqui o que é falar com propriedade! E nam querem que a gente ria! Empenhaſe o poeta neſte epizodio a descrever o jardim mais deliciozo; e depois de fazer o que poude, ſahio um vale de lagrimas. Perdoeme; mas aqui entra bem o *Parturiunt montes, naſcetur ridiculus mus*.

Mas tornando ao fio da iſtoria, pergunto: Se Polifilo eſtava cazado, para que ſe veio jactar de ter desfrutado bem o matrimonio? Nenhum omem de juizo ſe gaba de ſua mulher lhe pagar o debito; pois nam é iſto novidade entre os cazados; antes obrigaſam, como todos ſabem, e S. Paulo recomendou aos Corintos, e neles a todo o mundo: *Uxori vir debitum reddat: ſimiliter autem et uxor viro*. Ja o Eborenſe notou iſto meſmo; e o fará qualquer que nam eſtiver dominado de afeiſam ao Poema.

O meſmo critico eſtranhou tambem que o ſenhor Pina chamáſe á açám pecaminoza *feliz momento*, ao meſmo tempo que nomeia o parto, que dela procedeo, *termo injuſto*. Mas a iſto responde o Autor que *o Eborenſe, para notar eſta açám, trabalha ſobre o ſupoſto falſiſimo de imaginar que Polifilo era amante, e nam marido da Dama*. Pois de duas uma: ou era amante, ou marido? Se amante, nam devia voſa mercê como Chriſtam chamar ao primeiro acto venereo *feliz*

 momen-

momento; á continuaſam dele, *doce elevaſam*; e á frequenſia, com que ſe repetio, *ſorte nunca avara*: e ſe era marido, nam pode como bom Teologo, que é, chamar *termo injuſto* ao parto procedido de legitimo matrimonio. Pergunto: ſe Polifilo nam queria ter filhos, para que cazou? Nam ſabe voſa mercê que o matrimonio ſe inſtituio a beneficio da prole? Ignora que o fim dele é a propagaſam? O primeiro matrimonio, que ouve no mundo, foi o de Adam, e Eva, aos quaes diſe Deos: *Creſcite, et multiplicamini, et replete terram.* Deſtruio-ſe o mundo com o diluvio; e logo que Noé, e ſeus filhos ſairam da arca, lhes confirmou o Senhor os matrimonios com as meſmas palavras. Entre os Hebreos era a maior afronta para os cazados a falta de ſuceſam. Entre os Chriſtaós acontece o que o ſenhor Pina diz no ſeu Abſalam pag. 2. que, *como os filhos ſam frutos do talamo, ſem eles fica deſconſolado, e froxo o matrimonio. Na ſua falta ſe converte em triſteza a alegria do conſorſio.* Aſim o eſcreveo entam; mas oje pareſe que ja mudou de opiniam. Os que cazam ſomente com o fim de ſatisfazer o apetite, e ſem dezejo de deſcendenſia, alem de merecerem o nome de brutos, ſe fazem ſujeitos ao demonio. Aſim o diſe a Tobias o Anjo S. Rafael: *Hi namque, qui conjugium ita ſuſcipiunt.... et ſuæ libidini ita vacent, ſicut equus, et mulus, quibus non eſt intellectus, habet poteſtatem dæmonium ſuper eos.* E para que lhe nam aconteceſe iſto, lhe aconſelhou que, paſada a terceira noite, conſumáſe

ſumáſe o matrimonio, movido do dezejo da prole: *Accipies virginem in timore Domini, amore filiorum magis, quam libidine ductus.* Neſte merecimento ſe fundou a oraſam do meſmo Tobias: *Et nunc, Domine, tu ſcis quia non luxuriæ cauſa accipio conjugem, ſed ſola poſteritatis dilectione.* E finalmente, ſe nos enſina o Apoſtolo que o matrimonio ſe deve contrair *Non in paſſione deſiderii*, mas com atenſam ao fim para que foi inſtituido, *propter bonum prolis*; como chama o ſenhor Pina *termo injuſto* á fecundidade daquele conſorſio? A iſto reſponde que „ chamarſe neſta „ ocaziam *termo injuſto á fecundidade*, nam foi „ porque nas concepſoens do matrimonio haja „ alguma injuſtiça, mas pelas infelizes conſe- „ quencias, que dele ſe ſeguiram„. Má deſculpa! As conſequenſias que dali ſe ſeguiram, meu ſenhor, ſam as que mais o criminam; e nam vemos que ſejam outras, que fugirem os dois chamados eſpozos, para ſalvarem as vidas, que (ſegundo voſa mercê nos diz) ſó por eſte modo ſe podiam livrar de quem quer que era que os perſeguia (que ficou no tinteiro) tendo nós neſte cazo a liberdade de dizer de Polifilo: *Fugit impius, nemine perſequente.*

Chama voſa mercê *fado protervo* á prenhez da eſpoza: dálhe o nome de *adverſidade*; e finalmente poem os dois cazados em fuga, para ſalvarem as vidas. Ora quem vio que ſeja crime de morte o parir uma mulher cazada, tendo concebido de ſeu marido; e que, chegada a ocaziam do parto, ſeja percizo fugirem ambos para

ſalva-

ſalvarem as vidas? Senhor Franciſco de Pina, aqui houve traficanſia: e ſe precedeo matrimonio, foi clandeſtino, e eſte bem ſabe voſa mercê que é proibido. E com tudo iſto ainda voſa mercê ſe atreve a dizer ao critico de Evora que leia autos de Maria Parda, ſe nam inferir que Polifilo eſtava cazado com a Dama! Com iſto faz voſa mercê muita bulha a quem o venera por oraculo: e eiſaqui porque eu diſe no primeiro Diſcurſo que as ſuas repoſtas tem mais malicia que cienſia; pois nam ſoube defenderſe, e ſó acodio a empalhar, calando o que o condena, a pezar de toda a ſua erudiſam. Mas eu deſculpára todas eſtas ſimulaſoens, ſe alguma nam tiveſe ſeus fumos de eretica. Digame, ſenhor; em que Teologia achou que os actos venereos, e libidinozos, antecedentes ao matrimonio, nam ſejam pecaminozos? Semelhantes açoens ſó ſam permitidas depois, e nam antes. Bem reconheceo voſa mercê iſto; e com malicia grande deixou de dizer *actos*, e eſcreveo *affectos*. „ Da mes„ ma ſorte (diz) é falſo o ſupoſto de ſe ima„ ginar que eu chamáſe a uma açám pecamino„ za *feliz momento*; pois nam ſe podia conſide„ rar culpa em uns afetos, que tendiam ao con„ ſorcio „. Por certo que é muito bom modo de *tender*, que lhe introduzio de ſorte o fermento, que logo a fez levedar! Forte giria foi eſta para cooneſtar a falcatrûa! Eſtá boa caſta de *afetos tendentes ao conſorcio ſem culpa*, que a fizeram conceber um filho! Por eſta Teologia nenhum cazava ſe nam na ora da morte, por evitar a

vergonha de ir receberse á igreja; pois com o intento de cazar por fim de tudo, podia pasar a vida fazendo *afetos tendentes ao consorcio*, visto serem *sem culpa*; e no fim pagaria tudo, como mariola, que tem credito na taverna. Destas nam dizem os Transtaganos, senhor Pina; e mais nam sam *aguias* como vosa mercê. Destas doutrinas nam tem cá entrada: se vosa mercê as quer seguir (quod absit) que lhe preste; mas livrese de que á forsa lhe fasam alguma vez variar o sistema, e se tornem a juntar os papeis, que vosa mercê espalhar, com prejuizo dos compradores, que nam tiverem breve, como o que vosa mercê por secia copiou no principio do seu Triunfo, como se nam tivesemos visto daquilo muito. Emfim, deixo os mais reparos que podia fazer a respeito da verdade, ou falsidade do despozorio de Polifilo, porque o Eborense respondeo ja, nam *nervozo*, como o senhor D. Joaquim, mas *osudo*, que é mais duro alguma coiza; e dise o que havia na materia com largueza, erudiçam, e modestia, que eu lhe louvo, mas nam imito, por nam ficar criminozo de *demaziadamente modesto*, como o senhor o está no cartorio do senhor Presbitero Lisbonense.

Acaba este senhor a sua 3. carta perguntando; *que coiza é perna?* E responde logo: *Perna é um membro do umano composto, que consta de diversas partes como sam: o quadril, coxa, joelho, barriga da perna, canela, tornozelo, peito, e planta do pé, calcanhar, sola*, etc. Aqui

basta

baſta; que a arenga é comprida. Eſtá bem viſto na Anatomia! Aprenderia em Franſa? Tomára quem me explicáſe o que quer dizer aquele termo *ſola*; pois eu por *ſola do pé* ſempre entendí o lugar que cobre a ſola do ſapato; mas como iſo ja eſtava explicado quando diſe *planta do pé*, nam entendo o que ſignifica. Porém paſemos adiante para ouvir que diz o ſenhor Apologiſta que *pode uzarſe deſtes termos*. Eu tambem aſim digo; mas ade ſer falando com gente menos polida; e nunca eſcrevendo Epopeias. Seria coiza muito galante introduzir em um poema Epico os tornozelos, unhas dos pés, barrigas das pernas *et c.*! Podia tambem alí ajuntar as nadegas, virilhas, ſovacos, toitiço, cachaſo, ventas, eſpinhaſo, e a concavidade, em que ele ſe termina, que todas ſam partes do umano compoſto: e nada diſto devia cauzar admiraſam depois de afirmar o ſenhor Apologiſta que *até ſe pode falar em calos*, eſcrevendo Epicas; que nelas, e nam em outro lugar, ſe condena o uzo da palavra *pernas*, na qual julgo que o Eborenſe nam repararia, ſe nam viſe antes tratada com tanto rebuſo a cara, debaxo do apelido de *lamina vivente*.

Diz finalmente o ſenhor Lisbonenſe que ainda nam reconheſe autoridade nos dois criticos Tranſtaganos para advogarem pelo uzo: e eu digo que tambem nam a reconheſo em voſa mercê para dar licenſa ao ſenhor Pina para ſer Promotor de palavras, pois diz que *todas as vezes que um omem como ele deo uzo a uma palavra*,

vra, fica ja caracterizada para o uzo de todos. Quantas palavras estamos vendo a cada paso nos maiores Escritores, que absolutamente se reprovam, sem que lhes valha o respeito de quem as uzou! Por ser um omem douto nam está izento de errar. E além disto, se toda uma Academia dos omens mais doutos da Corte nam teve liberdade para a introduçam da palavra *noite-luz*, que nam era nova, como disemos na 1. carta, e nam escapou ás investidas do senhor D. Joaquim, como concede agora tanta licensa ao senhor Pina? Emfim, senhor Apologista, se o Autor do Poema quizese tomar a liberdade que vosa mercê lhe concede, certamente quando poz a mãi do Peregrino em parto, e a fez morrer nele, a pintaria lansando um alguidar de parias, até que ficáse estendida como um atúm, que é a coiza mais estendida que os nosos velhos quizeram que hovése; e por outra parte o pai da criansa chorando, e fazendo cara de provar vinagre; que em tudo *se lograva o verosimil no admiravel.*

DISCURSO IV.

AQui agora confeſa o ſenhor Apologiſta que ſe lhe exaltou totalmente a colera: e eu diſera mais; viſto que entra a declinar tanto da ſua literatura, achando ſó investidas de eſtrada de Coimbra para ultrajar o Eborenſe; até, por ultimo deſpique, chama á ſua crize *peixe podre*, quando eſtamos vendo que para reſponder a meia folha de papel, que ela ocupava, necceſitou ſua mercê de eſcrever um livro tam volumozo, depois de eſgotada a Medicina pelo ſenhor Pina. E todo o motivo, que teve o ſenhor D. Joaquim para eſta impacienſia, foi o ter dito o critico de Evora que *eſtes titulos de Poema Epico-Polemico, Tragicomedias*, etc. *ſam miſticos; e ſendo concebidos no concurſo de eſpecies heterogeneas, ficam ſendo umas quimeras, que nunca perdem a monſtruozidade.* Eu lhe concedêra de boa vontade que aſim nam ſeja: mas nam conſinto que com um ſofisma nos queira reduzir á ſua opiniam o ſenhor Apologiſta; intentando provar que *do concurſo de eſpecies heterogeneas nam rezulta precizamente o quimerico.* E quem lhe diſe que o quimerico pode rezultar *precizamente*? Uma coiza é *precizamente*, que ſua mercê diſe; e outra *percizamente*, que quiz dizer: e eſta é uma das diſtinſoens, que ſe dam á quimera, que ſó pode rezultar do concurſo das eſpecies heterogeneas ſimultaneamente; e concor-

concorrendo eſtas *precizamente*, ja nam ha quimera. O argumento, com que quer provar o ſeo dito, é eſte: „ *Animal*, e *racional* ſam
„ duas eſpecies heterogeneas, e tanto como o
„ ter, ou nam ter raciocinio; *atqui* do concur-
„ ſo deſtas duas eſpecies nam rezulta quimera,
„ antes bem uma entidade exiſtente, qual é o
„ *omem*: *ergo* et c. Se acazo foſe licito, com licenſa do adagio vulgar, eſcrever a palavra *mente*, era a repoſta mais concordante, que iſto tinha: mas ſupra a boa vontade. Digame, ſenhor; nam ſabe que a palavra *animal* é genero comum a todos os viventes ſenſitivos, a que *racional* é diferenſa, com que o omem ſe distingue dos brutos, que ſam *animaes irracionaes*? Para que diz logo que *animal*, e *racional* ſam eſpecies heterogeneas? Digame mais. Quem lhe meteo na cabeſa que *racional* era eſpecie? Achou iſo em alguma poſtila das naſoens, em cujos idiomas (ſegundo nos intima) é tam verſado? Bom conceito ham de elas fazer dos Portuguezes quando o virem à voſa mercê, dizendo destas, venerado por omem grande! Ouvio ja dizer que neſte mundo ſe poſa dar *racionalidade* ſe nam em *animal*? Poderám ſubſiſtir os predicados ſem ſujeito?

Continúa as provas, querendo que filozofo, e critico ſejam eſpecies heterogeneas; ſendo tam certo que o filozofo ſó é filozofo quando é critico, e o critico ſó é critico quando é filozofo; pois o fim de ambos é conſeguir o criterió da verdade. Para provar eſta hetero-

geneidade diz que *critico*, *do seu conceito formal*, *é um omem*, *que nota erros.* Donde lhe viria esta notisia tam estranha? Eu creio que entre todos os Filozofos dáquem, e dálem mar, os de Africa, Persia, e India, e até os de Guiné, e suas conquistas, nam haverá outro que tal diga, se nam este senhor; pois é coiza sabida que *critico* é aquele que distingue o bem do mal: e o que nota erros nam é absolutamente critico, mas sim censor, ou corrector; porque, ainda que é necesario para notar erros o ser critico, com tudo a açám de notar o erro é censura, e nam criterio; porque o criterio em tal cazo é cauza; e a censura, ou correçam, efeito E no fim de tam futil argumento fica o senhor Apologista tam cativo do seu juizo, que nam se envergonha de dizer que *se o Eborense desfizer como bom Logico estes silogismos*, *lhe dirá lá de longe*: Dic quibus in terris, et eris mihi magnus Apollo. Eu nam vi maior vaidade, nem mais mal fundada!

Tudo o mais, que diz nesta carta, que é extensa, como se funda neste primeiro, e principal argumento, fica disolvido. Sobre os ornatos direi alguma coiza. Alí pertende achar na Sagrada Escritura a notisia de que *para as febres*, *pleurizes* et c. *houvése uzo de sangria*: e como nam achou, nam ouve tal uzo antigamente. Tambem lá se nam fala de Platam, Solon, Catám, *et c.* nem das suas leis: logo nam as ouve? Refere S. Jeronimo os preceitos do Decalogo escritos nas duas taboas para os Hebreos: nam

nam fala nas leis das doze taboas inftituidas para os Gregos, e Romanos: logo nam exiftiram tais leis das doze taboas, mas fó as taboas da lei dada a Moizes? Senhor D. Joaquim, vofa mercê eftá coftumado a ver no Poema do fenhor Pina toda a cafta de droga, como na botica; e cuida que os mais Efcritores tem o mefmo vagar. Talvez que ele, e vofa mercê confervafem melhor o credito de eruditos, fe nam quizefem tanto á forfa oftentar a fua inftruçam, a qual fe extende a tratar do que ignoram; como v. g. quando o fenhor Pina, metido a falar em termos muzicos, chamou á confonanfia *unifona*, e *diverfa*, fem faber que efta nam pode fer unifona quando é diverfa, nem diverfa quando unifona: e tambem quando vofa mercê dife das *periférias*, dos *pirilampos* et c. e outras muitas que direi no Difcurfo 9.

Alí faz vofa mercê uma feira da ladra, ajuntando toda a farraparia de cazacas, calfoens, fapatos, cabeleiras, e *veftias* (que é palavra que erdou da avó) e por fim vai tudo a queimar por feu mandado (fem fer Juiz da faude) nam fei fe por defconfianfa de que os donos morrefem tizicos. Alí eftá meza pofta com colhéres, e garfos, mas nam vejo facas, e entendo que é meza de Judeos que partiam o pam com as maons. Aparece logo a primeira cuberta com varios ragûs, fricandós, gigotes *et c.*, e aqui devia vir logo a *fôpa*, que tambem é prato de novidade; porque antigamente nam era *fôpa*, mas *fôpas*. Na fegunda cuberta *houve muito*

to boa vitela, e recental aſado capaz de o comerem os Anjos, á cuſta do *Patriarca Abraham.* Na terceira veio cidram, ovos moles, manjar real, bolos da Eſperanſa *et c.* e por fim de tudo *os ricos bocadinhos, que em Evora comeo ja* o ſenhor Lisbonenſe, que nos conta iſto como quem diz: *contentate papo, que ja foſte farto.*

Depois de todas eſtas iguarias, faz eſte ſenhor a ſegunda parte do banquete de Erodes, pois (por modo de dar graças, ou de as dizer) pronuncia imediatamente eſta ſentenſa contra o Eborenſe: „ O que viſto, e o mais, que dos „ autos conſta, condenamos ao critico reo a „ que nam viſta outro algum trage, ſe nam um „ ſayo de peles com ſua guarniſam de folhas de „ figueira. Outro ſim mandamos que para todo „ ſempre ſe prive de aſentarſe em meza lauta, „ opipara, e delicada; e que na ſua nam uze „ de colher, e garſo; *item* que por eſpaſo de „ dez anos nam coma doce algum de qualquer „ genero que ſeja; e pague as cuſtas. E, para „ que compreenda a todos eſte noſo verbal de- „ creto, e ſe evitem com a ocaziam tantos pe- „ cados da gula, mandamos com a meſma for- „ ſa de lei que no Reino de Andaluzia ſe lan- „ ce o fogo a todos os trepiches, como na Ame- „ rica a todos os engenhos; viſto que a Anti- „ guidade nos nam dá exemplo de Fabricarſe „ aſucar „. Em nome do Eborenſe devo eu ago- ra divertirme um pouco com eſte decreto, que o ſeu Autor chama *verbal*, ſendo na verdade impreſo. Em primeiro lugar lhe dou o agrade-

cimento

cimento da onra, que faz ao critico em lhe dar o veſtido de noſo pai Adam; e pode ele dizer, como D. Feliciana de Milam a ElRei D. Afonſo VI, quando lhe chamou *Eva*, que reſpondeo que ſó ſua Mageſtade a podia fazer a primeira mulher do mundo; e agora cá ſó o ſenhor D. Joaquim, que tem poder para tudo, poderia fazer o critico o primeiro omem do mundo. Mas o máo é que para lhe evitar a vaidade o manda logo comer em terra. Ora diga, ſenhor Velho; quem lhe deo licenſa para ſer reformador geral das barrigas dos criticos de Portugal, e Caſtela, e Juiz Conſervador das mezas *lautas*, e *opiparas*? Se eu tiveſe mais vagar, avia de fazer por parte de Eliogabalo uns artigos de ſuſpeiçam contra o ſeu decreto, e moverlhe uma cauza de eſpolio, viſto eſtar exercitando o oficio com bulas falſas, a pezar dos *ricos bocadinhos que comeo em Evora*. Coitado do pobre que o oſpedou! E além diſto, voſa mercê nam ſabe no que ſe meteo, mandando queimar os trepiches de Andaluzia; pois, ſe ElRei de Caſtela pede ſatisfaçam do cazo, ahi teremos nova guerra: e tambem fica voſa mercê excomungado, com abſolviçam rezervada, por incendiario.

Paſa logo voſa mercê a tirar as ſuas concluzoens contra o Eborenſe, ás quaes, por ſerem 8, dá o nome das ſuas 8 Bemaventuranſas: e diz na ſetima que „ A mulher com cauda de „ peixe, de que fala Horacio, nenhum paren- „ teſco tem com o Epico-Polemico do Pina; „ porque

„ porque eſta ſua Epopeia por ſima, e por bai-
„ xo, por dentro, e por fora, toda é formo-
„ zura, toda eſtá ornada de mil belezas, que
„ ſó conhece quem ſabe diſtinguir „. Em quanto ás belezas, nam ſam tantas como ſe diz; e lhe fez grande favor o Eborenſe nos elogios, que lhe fez; podendo notarlhe muitos deſcuidos na fraze, a que chamou *pura*, na diçam, que intitula *limada*, etc. ſendo certo que lá aparece de quando em quando ſeu Hebraiſmo, como v. g.

Tam ſantos, tam illuſtres penſamentos,
Tomai por voſa conta o dirigilos.

E aqui temos o *urbem*, *quam ſtatuo*, *tua eſt*, de Virgilio; e o *lapidem*, *quem reprobaverunt ædificantes*, *hic factus eſt in caput anguli*, de David. E ainda que nam condeno iſto por erro craſo, ſó o refiro para moſtrar que nam é a pureza tanta como ſe diz. E muito mais quando vemos que tambem nam eſtá livre de ſeus idiotiſmos, como v. g.

.... ſe as nam obſerva,
Bem que exiſtente á ideia ſe traslada,
Outra ideia dirá que nam é nada.

Deſta fraze *nam é nada* ninguem ja uza; porque todos ſabem que o que nam é nada é alguma coiza. Aqui pudera eu falar nas repetidas cacofonias, que no Poema ſe acham, viſto que aquele *as nam* do primeiro verſo nos vinha lembrar iſo; mas como é proceſo infinito, paſe em claro.

Nam é menos ridicula a antigualha de que uza quando, fazendo um formozo catalogo dos

melho-

melhores livros de todas as faculdades, e avaliando o merecimento de cada um tam ſeriamente como pede eſte ponto, e o oficio de contraſte das Bibliotecas, diz:

Nos livros de Galeno, e de Avicena,
E nos deſta farinha *et c.*

Fez mal nam guardar eſta expreſám para quando chegáſe aos de Direito; pois, alegando o Farinacio, podia entrar mais elegantemente a palavrinha. Por certo que iſto baſta para lhe nam ficar improprio o *mulier formóſa ſupérne*; pois, principiando tam ſerio, ſae de repente com aquele farelorio, para completar o *turpiter atrum deſinat in piſcem*: e ſe nam receáſe o perigo de ſe enfadar, lhe havia contar a iſtoria da Dama Gata, que lhe vinha de molde.

Achaſe tambem muita impertinenſia nas expreſoens, com que muitas vezes ſe explica, por um modo enigmatico, e confuzo, ſemelhante ás profecias do Bandarra; e examinando da taboada os ſeus leitores, como quando diſe *cem vezes oito, com dez vezes ſinco, e duas vezes tres* et c. Tanta *vez* nam tem um lagar de uvas! Eſtá boa matraca de *vezes*! Nam condeno eſte eſtilo de numerar: mas tudo o que é continuado aborreſe. Baſtava para defenſa o exemplo do grande Camoens:

Curſos do Sol catorze vezes cento,
Com mais noventa, e ſete *et c.*

Mas ſe iſto uma vez dito tem ſua graſa, toda a perde com a repetiçam. E ainda mais quando paſa a impertinenſia, como quando o ſenhor

 Pina

Pina deſcreve o decurſo de quarenta anos, reduzido a dias, que é neceſario que o leitor tenha comſigo papel, e tinta para a conta, ſe nam quizer ficar jejuando; como ſe vê:

Quatorze vezes mil, e mais ſeiscentos,
Com quatro vezes dez, o Sol diſpunha
Seus raios entre as ſombras ſonolentas *et c.*

E no fim de tudo quem fizer a conta ade achala errada; porque, ficam os anos todos de 366 dias cada um, e gozando privilegios de biſextos: pois a 365 dias, que tem os anos, que o nam ſam, faz a ſoma em 40 de 14600; e acrescentando a eſte numero mais dez dias, que ſam os que creſcem em dez anos biſextos, que devia aver neſtes 40, faz a quantia de 14610: e eſtá errada a conta do ſenhor Pina em 30 dias; *ſalvo meliori judicio.* Empregou muito bem o trabalho de eſtar multiplicando os dias para fazer mais enigmatica a narraſam; pois é impoſivel que iſto lhe lembráſe de repente, e ſem eſtudo particular, que lhe louvo muito, pela grande utilidade, que dalí ſe ſegue ao público: mas eu julgo que nos quiz moſtrar que eſtava mais adiantado que aqueles, de quem ſe diz que ſabem quantos dias tem 30 anos. Nam ſei como nam multiplicou tambem por oras, e minutos, para ficar a coiza mais inteligivel; porque tudo trocado em miudos eſtá mais explicado. Se nam fôra por parecer inveſtida, propunhalhe o cázo dos 4 com 9, e 14 com 10; porque lhe ſinto abilidade de deslindar o enigma. Más deixemos graſas, e vamos adiante.

A dicçam

A dicçam diſe o Eborenſe que era limada: e na minha opiniam diſe bem: mas dêveſe entender a limadura em todo o rigor. Eu digo que é limada, porque nam chegou a ſer polida, e eſtá ainda imperfeita. Primeiramente é muito dezigual; pois uzando de palavras muito altiſonantes, como v. g. *fruiçam*, *triſulco*, *inſectivel*, *plauſtro*, *conato*, *imolar*, *germinar*, *fragor*, *rotunda*, *inhoſpita*, *deſolado*, *turbilhoens*, *indelevel*, *munificencia*, *aſpectavel*, *bifronte*, *phalanges*, *preſtigiozo*, etc. lhe miſtura outras muito toſcas, como v. g. *borrar*, *fartar*, *cornos*, *fralda*, *derradeiro*, *arrebentar*, *corróe* (que, nam ſendo indigna, ſoa mal) *borbulha*, *tamanha*, *gadanha*, *fitar*, *trabucar* etc. Eſta ultima ſó ſe conſerva oje naquele rifám, que diz: *Quem nam trabuca, nam manduca*: mas em eſtilo culto nam ſei que ſe uze dela; porque, depois que ſe inventáram os petardos, e ſe perdêram os aríetes, e catapultas, vagou eſte oficio para a Coroa; e julgo ſe nam proverá outra vez em quanto ouver bombas, e artelharia.

Em ſegundo lugar tem o ſenhor Pina muita impropriedade em acomodar adjectivos a ſubſtantivos inconexos, como v. g. *incendio canoro*, *e deſtilado*; *impulſo inerte* (que é impoſivel darſe) *frondozo impulſo das arvores*: e eſta palavra é bordám, que para tudo ſerve, e ſe acha no Poema guizada por mais de 60 modos; *verdor criſtalino*, que é côr muito propria do criſtal; *donzelas ardentes*, expreſám, que mais inculca luxuria, que formozura; e ainda os *belli-*

geros ferrolhos; porque, ſem embargo de que ſe abriam as portas do templo de Jano, edificado por Numa Pompilio, quando em Roma ſe publicava a guerra; e ſe fechavam quando ſe estabelecia a paz; nem por iſto merecèm os ferrolhos o epíteto de *beligeros*: antes bem pelo contrario ſe deviam chamar pacificos; pois ſó quando ſerviam no ſeu deſtino, avia paz; e entendiam os Romanos que a guerra eſtava fechada naquele templo, e debaixo daqueles ferrolhos; como refere Moya: *Quando eſtaban cerradas era ſeñal de paz; denotando por ello que la guerra eſtaba encerrada, y preſa en aquel templo.*

Outras vezes uza de adjectivos, que, podendo acomodarſe aos ſubſtantivos, a que os ajunta, ficam improprios ao lugar, onde os escreve; como v. g. falando das trombetas, que ſoáram no Sinai na promulgaſam da lei do Decalogo, chamar ao ſeu ſom *bellicos clamores.* Aſim é que o ſom da trombeta é *belico*; mas ſómente o é na ocaziam da guerra: porém quando Deos veio dar as leis ao ſeu Povo amado, fezlhe alguma guerra? O ſino, que uma vez repica em ſinal de alegria, em outra dobra em demonſtraſam de triſteza. Nam ha mais do que eſcrever o que ocorre, venha, ou nam venha proprio ao lugar? Iſto ſó é deſculpavel em mim, ou outros tais, e nam em omens da primeira claſe como o ſenhor Pina. Os raios, que naquela ocaziam fulminavam, nam eram raios de juſtiſa, que moſtraſem a ira de Deos; mas ſim de mageſtade, que avizavam da Divina

prezen-

prezenſa aos que nam o podiam conhecer com os olhos.

Nam é menos digno de reparo o eſtilo, com que muitas vezes ſe explica com frazes, que nada dizem, ou vozes, que nada explicam; como v. g.

Nem ſe alcanſa algum monſtro, q̃ ſe enrosque
No emmaranhado eſcandalo do bosque.

Que *eſcandalo emmaranhado* ſerá eſte, que tam eſcandalizados deixou os monſtros, que todos fugiram? Suponho que ſeram os meſmos, que em outra parte apareceram *corruptos*, por eſtarem de môlho:

Em um charco de eſcandalos corruptos
Reſpiram ſeus alentos diſolutos.

E tambem em outra ocaziam ſae o tal eſcandalo aſado lá nas fornalhas das guerras, que naquele tempo tinham ventas, aſim como oje as noſas tem boca:

Entre o horrorozo eſtrondo das batalhas
Pulſava todo o incendio das fornalhas,
Reſpirando as particulas violentas
Pelo horrivel eſcandalo das ventas.

Ainda no ſimples uzo das palavras tem muitas vezes o ſenhor Pina os ſeus deſcuidos; como v. g. o adjectivo *rude*, que ſerve em Portuguez para todos os generos; e o uza ſempre com terminaçam feminina em *a*, *ruda*, *rudas*, ou maſculina em *o*, *rudo*, *rudos*. Nam é menos bonita a expreſám de *mais minimas*, que é companheira do *mais melhor* dos rapazes: e iſto em umas notas em proza (pag. 39) que nem ao

menos

menos tem a deſculpa, ainda que má, de encher o verſo; e ſe conhece muito bem ſer vicio natural. Ou tambem onde diz *jugo nutricio*, que devia dizer *ſuco*. *Jugo* em Portuguez é a canga dos bois, ou o lugar, onde eles a trazem. Só os Caſtelhanos aſim dizem; porque é entre eles *jugo* o meſmo que no noſo idioma *ſuco*. Eu a principio cuidei que ſeria erro da imprenſa; porque tambem me perſuadia a iſo ver que o adjectivo *nutricio* eſtava mal eſcrito *notricio*: porém examinando as erratas, vi que ſe tinha emendado o adjectivo, como devia ſer, e que o *jugo* paſou livre: de que inferi ſem duvida ſer aſim a vontade do ſeu Autor. Outras muitas miudezas deixo, por nam ſer importuno: e deſtas nam faria cazo, como das mais, ſe nam viſe o ſenhor Pina tam cheio de vaidade neſta materia, que diz na ſua apologia que *neſta rezerva, ou excepſam, que fez o Eborenſe na lima da diçam, nam pode a gente deixar de ſe rir, ainda que nam queira.*

Vejamos agora a oitava bemaventuranſa do ſenhor D. Joaquim; que conſiſte em *que todo o rizo dos Pizoens, e de qualquer omem dos que tem caracter de eruditos, eſtá guardado para celebrar aquela crize do Eborenſe, que ás vezes lá tem alguns vizos de ridicula.* Aqui nam ha coiza, que me obrigue a reſponder: mas veio lembrarme o rizo, que o ſenhor Pina nam poude conter quando vio a verſám, que o Eborenſe fez áquele lugar de Horacio: *Humano capiti cervicem pictor equinam* etc., que diz que o mandou

conſtruir

conſtruir por um criado, que andava entam aprendendo ſyntaxe; e que ele o fez deſte modo: „ *Si pictor velit jungere*: ſe algum pintor „ quizeſe ajuntar: *humano capiti*: a uma ca- „ beſa umana: *cervicem equinam*: o peſcoſo de „ um cavalo: *et inducere varias plumas*: e dis- „ tribuir diverſas penas: *undique collatis mem-* „ *bris*: por todos os outros membros: *ita ut* „ *mulier formoſa*: de ſorte que ſendo tambem „ eſta mulher muito bela: *deſinat turpiter in* „ *piſcem atrum*: tenha a cauda de um orrivel „ peixe: *admiſſi ſpectatum amici*: ſe foſeis chama- „ dos ó amigos para ver eſte eſpectaculo: *teneatis* „ *riſum*: ſeria poſivel que contiveſeis o rizo „? Para ſer rapaz ainda ſintaxiſta, nam o faz mal. Mas tambem o ſenhor Pina ſe leva por ditos de rapazes? Quem ſe deixa guiar por um rapaz, faz papel de cego, ou na verdade o é. Ora ſe quer ver a eleganſia da traduçam, tirelhe os pedaſos de Latim, que tem pelo meio, e ajunte tudo. Mas como voſa mercê nam eſtá aqui para o fazer, eu o faſo: *Se algum pintor quizeſe ajuntar a uma cabeſa umana o peſcoſo de um cavalo, e deſtribuir diverſas penas por todos os outros membros, de ſorte que, ſendo tambem eſta mulher muito bela, tenha a cauda de um orrivel peixe: ſe foſeis chamados ó amigos para ver eſte eſpetaculo, ſeria poſivel que contiveſeis o rizo?* Que tal? Eſtá elegantiſimo! Nam me admira ſe nam a boa uniám deſtes periodos. Ora, ſenhor Pina, N. Senhor lhe dê muita ſuade para ver bons goſtos do ſeu pequeno, que é eſpertinho: mas

peſo-

peſolhe que lhe advirta que, ja que tem abilidade, nam deixe eſquecer os atrazados; porque parece mal, ſendo ja ſintaxiſta, nam ſaber linguagens; pois *velit* nam é preterito imperfeito; e *ſe quizeſe*, fala neſe tempo. Que avia de dizer, ſe foſe *ſi velet*? O prezente do conjunctivo ſerve muitas vezes de futuro condicional; como verá no modo de conjugar eſte tempo na Arte de Gramatica de meu meſtre o ſenhor Antonio Felix Mendes, e na dos Padres da Congregaſam, eſcolhidas entre todas por decreto de ſua Mageſtade para educaſam dos eſtudantes Portuguezes. Devia dizer: *ſi pictor velit*: *ſe um pintor quizer*: ou *ſe houver algum pintor que queira.* E ſe nenhum deſtes dois modos lhe agradar, diga como lhe parecer; porque eu nam tenho obrigaſam de o enſinar. Mas ſempre merecia ſeus açoites para lhe tirar o coſtume de furtar palavras na conſtruçam; porque alí, onde diz *mulier formoſa*, deixou em ſilenſio o *ſuperne*, que tambem faz figura na oraſam, e no ſentido. Nam me capacito de que foſe ignoranſia, viſto que conſtroe pelo pai velho: mas é mao coſtume. E aquele *ita*, que lhe acreſcenta, tambem é ſuperfluo.

Deixemos tudo o que ſe podia dizer ſobre a boa traduçam; e vamos ao fim, por onde o ſenhor Pina principía, que é o ponto ſobre que devemos diſputar. Eu ſigo o meſmo ſentido, ainda que com alguma variaſam: mas quero moſtrar que o Eborenſe na verſám, que fez, nam diſe coiza de rizo, como ſua mercê quer,

antes

antes ſem muita dificuldade ſe poderiam neſta parte trocar as ſcenas. Como eu conſtruo é aſim : *Admiſſi* ſendo vós convidados : *amici* como amigos : *ſpectatum* para ver : *teneatis riſum* contereis o rizo ? Ou de outro modo : *Admiſſi* ſendo vós admitidos : *ſpectatum* para ver : *teneatis riſum* ſofrereis o rizo : *amici* ainda que ſejais amigos do tal pintor ? E ultimamente nenhuma duvida terei em concordar no vocativo , dizendo *amici ó amigos* , para diſpor com ele para o *teneatis* : mas nunca no tempo da linguagem , que certamente eſtá errado do meſmo modo que o *velim* , que aſima notei.

Para que eu traduza aſſim , ſó me perſuade aquela interrogaſam , que eſtá no fim do verſo ; pois , ſe nam fôra eſta , de nenhuma ſorte diria ſenam como diſe o Eborenſe (que pode ſer ſe nam lembráſe dela ; o que é facil eſcrevendo de memoria) pois é coiza bem ſabida que o imperativo nam admite interrogaſoens , nem tambem o conjunctivo quando faz as vezes de imperativo , como devia ſer neſta ocaziam. E bem ſe vê que ficava com energia a traduçam , e o ſentido , dizendo : *Admiſſi ſpectatum* ſendo convidados para ver : *teneatis riſum* diſimulai o rizo : *amici* como amigos : pois é açám mais propria dos amigos diſimular os defeitos , que eſcarnecelos. Para provar que aquele *teneatis* no conjunctivo pudéſe fazer as vezes de imperativo é ſuperfluo o referir exemplos : e baſta ſó lembrar de que Deos nos ſeus Mandamentos nos fala com imperio ; e com tudo explica-

ſe pelo conjunctivo: *Non occides*: nam matarás. *Non furtum facies*: nam furtarás *et c.*

Neſtes termos guarde o ſenhor Pina o ſeu rizo para outra ocaziam; ſem embargo de que neſta o podia empregar muito dignamente na conſtruçam do ſeu criado, que eu lhe nam noto toda pelo nam envergonhar. Rezerve tambem o ſenhor D. Joaquim a ſua oitava bemaventuranſa para outra vez, ou gozeſe dela com o ſeu Romance, com que acaba a 4. carta, que tem mais *A vós*, que arvore de geraſam: *A vós*, *a cujo nome*: *A vós*, *a cujas obras*: *A vós*, *por quem a Fama*: *A vós*, *A vós* etc. e no fim para coroa o *Periodico giro do ſacro luminar da quarta esfera.*

DIS-

DISCURSO V.

TRata na ſua 5. carta o ſenhor Velho de defender o Peregrino de uma mentira, que lhe eſtranháram os criticos; a qual ſempre ficará manifeſta, a pezar de todo o trabalho, com que aſim eſte cavalheiro, como o ſenhor Pina deitáram a livraria abaixo para provar que nam mentio, ou que (ſe mentio) nam foi ele o primeiro; que é muito boa ſoluſám. Foi o cazo que, andando pela Azia o Peregrino, encontrou um Filozofo chamado Confucio, que ſe admirou muito de o ver, e lhe perguntou o motivo da ſua peregrinaſam: e aſim a pergunta como a repoſta ſe vê na paſagem ſeguinte:

Quem vos tras a um clima tam diſtante,
Se é que ſois Europeos? a uma Provincia
Mais oriental da Azia? que dezejo
Vos move, que ambiçam, ou q̃ deſtino?
Ver o mundo (reſponde o Peregrino)
Nota ibi. *He todo o meu intento: toda a empreza*
Que me leva a medir a redondeza *et c.*

Eſte é o lugar fielmente copiado do poema. Vejamos agora ſe mentio, ou nam. Perguntou Confucio ao Peregrino que dezejo o obrigava a andar por tam remotas regioens? E ele lhe reſponde que *todo o ſeu empenho, e toda a ſua empreza era ver o mundo.* O principal *empenho, ambiçam, deſtino, e empreza* era converter o mundo á Fé ortodoxa: e o que diſe foi que ſó o vê-

lo. Nam consiste aqui a mentira em calar parte da verdade; mas em dizer que *todo* o empenho, e *toda* a empreza era ver o mundo. Quem diz *tudo*, nada exclue: e se ele dise qúe aquele era *todo* o empenho, nam rezervava sem mentir o principal intento. Ananias, e sua mulher Saphira quizeram oferecer aos Apostolos o producto de um campo, que vendêram com ese fim: mas considerando que ficavam sem outra coiza, determináram dar sómente uma parte. Vieram a S. Pedro; e lhe entregáram o dinheiro, dizendo que aquele fôra o preço do campo, que tinham vendido. Do que indignado o Santo, depois da repreensam, lhes deo o castigo, mandando que ficasem mortos, porque tinham mentido. O Peregrino dise que aquele era todo o seu intento, sendo só parte dele: Ananias afirmou que aquele era todo o producto do campo, sendo tambem parte dele: logo se Ananias foi castigado por mentirozo, o Peregrino porque nam ade ser ao menos reprehendido? Dezejarei ouvir a disparidade, porque sou curiozo.

Para provar que isto, que pareceo mentira, nam o foi, traz o senhor Lisbonense varios exemplos; e no primeiro diz que „ Perguntado „ Christo pelo iniquo prezidente se era filho de „ Deos: *Tu es filius Dei?* nam dise Christo o „ que era; antes deo a entender o que nam era, „ chamando-se filho do omem, e nada mais: „ *Ammodo videbitis Filium hominis venientem in nubibus cœli*: logo, porque Christo calou uma „ verdade, inferiremos que dise uma menti- „ ra?

,, ra,,? Pesima illasam, e sobre blasfema, heretical! *etc.* Respondo. Christo senhor N. quando estava na prezensa do iniquo prezidente, estava como reo, e como omem: e sendo perguntado se era filho de Deos, nam podia responder de outro modo: pois se diséee que nam era filho de Deos, faltava á verdade, e desmentia a voz do eterno Pai, que no Jordam claramente o tinha nomeado por filho: *Hic est filius meus dilectus.* Para confesar que era filho de Deos quando estava como reo, e como omem, parece que nam podia ser; porque a Doutrina, que profesamos, nos ensina que Christo, em quanto omem, nam tem pai. E que fez neste cazo a sabedoria infinita? Buscou um meio termo diferente, e nam excluzivo dos termos da pergunta. Denominouse filho do omem; e nam confesou, nem negou o ser juntamente filho de Deos: *Ammodo videbitis Filium hominis venientem in nubibus cœli.*

Aqui me admiro eu de que o senhor Presbitero Lisbonense soltáse uma propozisam, que lá tem seus fumos de blasfema; dizendo que o Senhor naquela reposta *deo a entender o que nam era.* E reparo em duas coizas: primeira, que nam se lembre o senhor Velho que mentir *est contra mentem ire*: e se Christo na reposta *deo a entender o que nam era* (o que eu nego totalmente) foi contra a mente da pergunta. E veja lá o senhor D. Joaquim o que diz, e como se dezembarasa deste silogismo, de que eu tremo ao tirar a ilasam. Segunda, que diga este senhor

Doutor

Doutor que Chriſto nam era filho do omem, como ſe denominou. Podia muito bem aprendelo em S. Agoſtinho (lib. 2. de conſenſ. Evangel. cap. 1.) onde expondo as palavras, com que o Evangeliſta principia a narrar a geraçam de JESU Chriſto, diz: *Quo exordio ſatis oſtendit, generationem Chriſti ſecundum carnem ſe ſuſcepiſſe narrandam. Secundum hanc enim Chriſtus filius hominis eſt; quod etiam ſe ipſe ſæpiſſime appellat, commendans nobis quid miſericorditer dignatus ſit eſſe pro nobis.* Nam ſei que mais claro ſe poſa dizer. E admirome de que o ſenhor D. Joaquim ſendo tam erudito, o nam tenha ja lido; para nam dizer que Chriſto nam era filho do omem, como naquela ocaziam, e em outras muitas ſe nomeou. Por certo que me deſconſóla muito que venha meter a ſua foice em ſeara alheia quem na ſua trabalha tam pouco. Podia o ſenhor Presbitero aperfeiſoarſe na Predica, e deixarſe de crizes de poemas, de que jejua; porque primeiro eſtá a obrigaſam do ſeu oficio, que a devoſam do ſeu recreio.

A ſegunda paridade (que ja tinha alegado o ſenhor Pina) é da cautela de que uzou Abraham com Abimelec, que receando lhe tiraſem a vida, para lhe uzurparem ſua eſpoza Sara, cuja formozura ſe fazia digna de todo o exceſo (como moſtrou a experienſia) lhe diſe que, ſendo perguntada pelo parenteſco, que tinha com Abraham, ocultáſe a afinidade, calando o ſer eſpoza; e declaráſe a conſanguinidade, dizendo ſer irmãa, ſendo uma, e outra coiza.

Que

Que isto nam fose mentira todos sabem; pois é bem notorio o costume dos Ebreos, que chamavam irmaõs a todos os parentes: e que isto tambem nam posa servir de paridade ao noso cazo, tambem qualquer conhece; pois é muito diferente o dizer Sara que era irmãa, pasando em silensio ser espoza; ou afirmar o Peregrino que *todo* o seu intento era ver o mundo. Se Sara tivese dito que todo o parentesco, que tinha com Abraham, era o de consanguinidade, entam mentia; porque excluia o da afinidade; e só asim podia fazer exemplo ao noso cazo: porém dizendo que era irmãa, ocultou sómente, e nam negou o ser espoza: mas o Peregrino afirmando declarar tudo, *é todo o meu intento, toda a empreza*, nam ocultou só o principal intento, mas o negou, como é evidente: e quem nega a verdade é certo que mente.

A terceira paridade é do cazo de Jacob quando por industria de sua mãi Rebeca (ou por permisam Divina) recebeo a bensam de primogenito, rezervada por seu pai para Ezaû. Em cada palavra deste paso, e ainda em cada açám (porque, como diz, *nem só se mente com a palavra, mas tambem com a obra*) quer que ouvése uma mentira; nam excluindo desta nota a reposta que deo Jacob, quando o pai se admirou de ter tam depresa achado caça: *Quomodo tam cito invenire potuisti?* Respondendo que fora vontade de Deos: *Voluntas Dei fuit.* A isto chama mentira o senhor Lisbonense, sem advertir que o mesmo Senhor mostrou tanto ser aquela a

sua

ſua vontade, que ſe intitulou *Deus Abraham*, *Deus Iſaac*, *et Deus Jacob*; e nam Deos de Ezaû. Quer tambem que mentiſe em ſe apelidar primogenito, ſendo filho de ſegundo parto: mas nam ſe lembra de que Ezaû lhe tinha vendido a primogenitura; e que, depois de Jacob a comprar, era ele o primogenito para os privilegios, que o irmam mais velho tinha cedido ao intereſe. Eu ſuponho que o ſenhor Apologiſta quiz denunciar eſte morgado á Coroa: ſe nam é que, por ſaber que fôra comprado por menos de metade do juſto preſo, lho queria tirar por mal vendido. Pois, meu amigo, tenha pacienſia, que lá eſtava o dono do conto, que tambem ſe arrependeo de ter feito a venda, e por ſinal que antes de 24 oras; mas nam a poude desfazer, porque a tinha confirmado com juramento: *Juravit ei Eſau*, *et vendidit primogenita. Et accepto pane*, *et lentis edulio*, *comedit*, *et bibit*, *et abiit parvi pendens quod primogenita vendidiſſet.* E ainda que lhe deo pouca afliçam por entam, depois lhe achou o erro, e concebeo mortal odio contra ſeu irmam Jacob. Em cada palavra e açám deſte veneram os SS. PP. os mais altos miſterios: e conhecendo iſto meſmo o ſenhor D. Joaquim nam ſe envergonha de as alegar por paridade de uma mentira do Peregrino, que ainda preſcindindo da irreverenſia, tem tanto parenteſco como o Sol com a neve.

Refere depois o cazo de Micol, quando ocultou ſeu eſpozo David; e ſe deſculpou que ele lhe tinha ameaſado a morte, ſe aſim o nam

fizeſe.

fizefe. Ninguem nega que isto fose mentira ; mas a necefidade de fe falvar a vida bem a desculpa : e no Peregrino nam fe dava inconveniente algum para que nam diséfe a verdade. Além de que, por fe acharem na Sagrada Biblia muitos exemplos de mentiras, ~~nam~~ devemos imitalos. O Istoriador Sagrado efcreveo os factos mais memoraveis daqueles tempos, pertencentes ao Povo Ebreo, fem omitir os maos por maos, ou narrar os bons por bons. Que açám mais cruel que o fratricidio de Caim? Logo, porque alí fe acha, poderá imitar-fe? Afim tambem, porque na Istoria Sagrada fe faz memoria de muitos, que faltáram á verdade, era licito ao fenhor Pina imitar este vicio no feu Eroe, que pertende inculcar por virtuozo?

Por este motivo é mal feita a comparafam, que traz o fenhor Pina, do feu Eroe com Alexandre Magno; pois em um omem inimigo do fangue umano, e perturbador de todo o mundo, nam era tanto de estranhar uma mentira como no Peregrino do poema, que (prefcindindo da ipoteze) era prégador do Evangelho. Diz o Padre Vieira que a melhor coiza, que fe leva ao pulpito, é o bom conceito dos ouvintes: e fe este faltáfe ao Peregrino, poderia convencer com a razám as feitas heterodoxas; mas quando prégáfe aos *Incoerentes*, expunhafe a lembraremlhe o cazo da cobra, que quiz ensinar a filha a andar direita. O fer a mentira oficioza nam a livra de fer culpa, ainda que leve: e quem tem obrigafam de dar exemplo, e oficio

cio de repreender, deve ſer limpo de maculas: e muito principalmente fica improprio o dizer mentiras em uma boca que préga verdades: por iſo o que em outro nam ſeria delito, é culpa em um omem que quer converter todo o mundo. Mandou Deos fazer de puriſimo oiro a tizoira do candieiro do templo Iſraelitico: *Emunctoria fiant ex auro puriſſimo*; porque avia de ſervir de cortar as ſuperfluidades da luz: e quem ouver de cortar ſuperfluidades alheias deve ſer puro como o oiro. Iſto é bem ſabido.

Tambem é atrevimento no ſenhor D. Joaquim chamar mentira ao que reſpondeo S. Franciſco a um omem, que com a eſpada na mam ſeguia outro, e lhe procurou ſe tinha paſado por alí? O Santo meteo as maons nas mangas, e diſe que por ali nam paſára. Neſta repoſta nam ſó ſe nam deo mentira, mas nem ao menos anfibologia; porque, ainda que foſe *contra a mente* da pergunta, o movimento, que fez ao meſmo tempo com as maons, o livrou de eſcrupulo; pois ſe o omem, que perguntou, nam percebeo o ſentido do Santo, foi por inadvertenſia ſua, e nam por engano, que ſe lhe fizeſe; porque a açám foi bem manifeſta, e nam oculta; que ſó entam ſe daria anfibologia.

Do meſmo modo reſpondo ao outro cazo da Rainha Santa Izabel, que ſendo perguntada por ElRei D. Diniz do que levava no regaſo, reſpondeo que eram rozas, ſendo na verdade dinheiro. Mas ja o ſenhor Apologiſta ſabe que quando a Santa deo a repoſta ainda nam es-

tava

tava feita a converſám do dinheiro em rozas? Donde lhe veio eſta noticia ? Pois devia aſim julgalo; que é obrigaſam de Catolico julgar o melhor, e nam ſupor mentiroza uma Santa de tanta virtude. Além de que, quando aſim nam foſe, baſtava que ouvéſe os motivos, que ſe deram neſtes dois cazos; pois no de S. Francisco era o intento livrar um omem da morte, que outro lhe procurava: no de Santa Izabel, evitar um deſgoſto com ſeu eſpozo. E é certo que nenhuma circunſtancia ſemelhante ſe dava no Peregrino quando mentio a Confucio, pois nem temia morte, nem diſgoſto; e foi ſómente movido de natural inclinaſam, que (com licenſa dos ouvidos pios) erdou do ſenhor Pina. Vai a prova do que digo.

Mentio o ſenhor Pina quando afirmou no ſeu poema que Deos eſcrevêra em bronze a lei, que deo por Moizés aos Iſraelitas; conſtando claramente de dois lugares da Eſcritura que a eſcreveo em pedra: o primeiro no cap. 24 do Exodo: *Dixit Dominus ad Moyſen: Aſcende ad me in montem, et eſto ibi; daboque tibi tabulas lapideas, et legem ac mandata, quæ ſcripſi*: o ſegundo no cap. 34 do meſmo livro: *Præcide, ajt, tibi duas tabulas lapideas inſtar priorum, et ſcribam ſuper eas verba, quæ habuerunt tabulæ, quas fregiſti.* Tomára ver agora ſe o ſenhor Pina, e o ſeu fiel Acates, com toda a caterva comitante de apaixonados junta, deſcobriam alguma teologia para cooneſtar eſta mentira. O lugar do poema é eſte:

Confeſo (o Peregrino continúa)
Os raios, com que a voſa lei gradúa
Toda a ſua excelenſia: reconheſo
Ser um deſenho de tam alto preſo,
Que o meſmo Deos o ordena, *e eſcreve em*
bronze:
Sei que ſe comoveo dos orbes onze
A maquina celeſte, quando ſente
Que o dava ao Povo a mam Omnipotente.
(pag. 242.)

Tanto poude com o ſenhor Poeta a forſa de um conſoante, que o obrigou a mentir em materia de Fé. A iſto é que deviam reſponder eſtes ſenhores nas ſuas apologias; e deixarem de pegar em tranſinhas; nem aproveitarſe do verſinho de Marcial: *Hæc mala ſunt; ſed tu non meliora facis.* Por iſo eu o nam faſo; e outros muitos; porque conhecemos que o nam fariamos melhor: e como iſto nam é coiza a que ninguem ſeja obrigado, ſó no proprio conhecimento pode darſe ſinal de inteligenſia. Tambem eſte é ponto, em que eſpero repoſta; e ſe nam a derem, no cazo que eſcrevam, nam me criminem de aſpera a reconvenſám.

Parece que, depois de apanhar o ſenhor Pina em uma falſidade ſemelhante, nam ſe devia falar mais neſta materia: mas como tambem ſe pode mentir contra a cienſia, e contra a razám, tocarei outros deſcuidos deſta eſpecie. Nam falarei daqueles, em que ſe conhece que ſó foi cumplice a falta de expreſám, como v. g. quando eſcreveo que as doze portas da cidade ſanta,

ta, q̃ vio o Evangeliſta, eram feitas de uma perola:

Todas as doze portas, que abre o muro,
Se formam de uma perola:

Ao meſmo tempo que o texto ſe explica tanto, que diz que nas doze portas eſtavam doze perolas; e que cada uma das portas era de uma perola: *Et duodecim portæ margaritæ duodecim ſunt per ſingulas; et ſingulæ portæ erant ex ſingulis margaritis.* Falarei ſómente daqueles, em que ſe conhece que o ſenhor Pina exprimio o ſeu conceito inteiramente; como quando chamou *regiám vazia* a do ar, que todos ſabem que é corpo, que nam conſente vacuo, e muito menos na ſua regiam; e iſto é mentir contra a Fizica:

Outra cidade q̃ parece aſſalta (pag. 240.)
Com ſoberbos torrioens a regiám vazia.

Outro crime imputa tambem a eſte elemento, dizendo que é um dos omicidas, que ha fora do corpo umano, aſim como ſam o fogo, a agua, o ferro, *et c.*

O ente, que ſe extingue; ou dentro, ou fóra
De ſi meſmo, tem forſa, que o devora:
Fóra de ſi o omem tem o incendio,
O ferro, a agua, o ar; *et c.* (pag. 176)

O fogo ſei eu que o pode reduzir a cinzas: a agua impedirlhe a reſpiraçam: o ferro oprimilo. Tudo iſto vejo que pode tirarlhe a vida, ſem lhe entrar no corpo; mas que o ar fóra dele poſa matar é para mim bem novo: e me parece tanto pelo contrario, que a falta dele pode matar; como confirma a experienſia na maquina pneumatica, e eſcreve Mr. Boyer: (Effect.

de

de l' Air. pag. 264.) *L'air eſt le principe de la vie, ſans le quel aucun animal ne ſauroit vivre un moment.* Em toda a obra, que o inſigne medico Inglez Joam Arbuthnot eſcreveo ſobre os efeitos do ar no corpo umano, ſe nam acha cazo, em que o ar fóra dele lhe poſa ſer nocivo. Nam ſei que outro eſcrevêſe com mais extenſam nesta materia: porém creio que nenhum Autor trará ſemelhante phenomeno, nem ainda em cazos de conſtipaſam: e ſó per iperbole de melindre ſe coſtuma dizer de alguma peſôa que o ar lhe faz mal.

Tambem foi mentir contra a razám o dizer o ſenhor Pina que (pag. 146) *a verdade ſó ſe pode encontrar na pluridade da ateſtaſam.* Contra iſto eſtá tambem a experienſia: pois ſam mais os que ſeguem as ſeitas heterodoxas, que os q̃ profeſam a Fé verdadeira: e iſto é totalmente opoſto ao que ſe intenta provar; pois o Alcorám tem muitos mais ſequazes que o Evangelho, achandoſe a verdade ſómente entre os poucos. Toda a ruina dos Ebreos conſiſtio em quererem ſeguir a pluridade: *Erimus nos quoque ſicut omnes gentes.* Dizia Seneca: *Æſtimes judicia, non numeres.* Excelentemente diſcorre neſte ponto o doutiſimo Feijó no ſeu Theatro Critico, tom. 1. Diſc. 1., onde ſempre aſenta que *el valor de las opiniones ſe ha de computar por el pezo, no por el numero de las almas.* E ultimamente ſempre ouvi dizer: *Stultorum infinitus eſt numerus.* Eſte lugar (ſegundo entendo) é um dos que o ſenhor Pina devia riſcar do ſeu poema.

Mentio

Mentio tambem algumas vezes ſem querer, ja por nam ſe explicar bem, ja por admitir o que nam deve, como v. g. quando admitio inſtinto nos omens, que unicamente ſe ſupoem nos brutos: e ainda neſtes eſtá em opinioens; pois muitos doutos, e mais que todos o ſapientiſimo Feijó, aſentam em que tal nam há, e que eſta palavra é um eſpantalho das aulas; e que ninguem lhe ſabe ainda a verdadeira ſignificaçam. Quiz moſtrar a liberdade, com que vivem os Ereges, e diz:

Coſtumados eſtais, ſem algum pejo,
A ſeguir toda a anſia do dezejo:
E neſte vaporozo Labyrinto
Nam ouve mais razam que o voſo inſtinto.
(pag. 305.)

Poderá reſponderme que uzou deſta palavra para oſtentar a cegueira, com que aqueles omens ſeguiam unicamente a ſua vontade como brutos. Mas a eſta repoſta replico eu com um axioma filozofico bem univerſal, que enſina que o acidente nam muda eſpecie: *atqui* o deſtino de ſeguir eſta, ou aquela ſeita, é acidente: porque aſim como eu naſci entre Chriſtaõs, podia naſcer entre Infieis: *ergo* o ſerem Ereges nam lhes faz perder a racionalidade, e ficar ſómente com inſtinto.

Agora por deſpedida quero dizer alguma coiza em um ponto, com que o ſenhor Apologiſta acaba a ſua 5. Carta; que, ainda que o tratei largamente no 2. Diſcurſo, rezervei duas palavrinhas para eſte lugar, dirigidas ao ſenhor

Velho,

Velho, com quem entam nam falei. Diz pois ſua mercê, que (pag. 142.) *Dado o cazo, que nam faláſe o Genio, ſempre tem lugar na ſcena deſte Triunfo, porque ſerve de teſtemunha ao famozo intento do Peregrino.* Neſte cazo pergunto eu: De que ſervem as teſtemunhas, que de propozito vam aſiſtir a qualquer acto? Todos me diram que de depor a ſeu tempo o que viram. Bem eſtá. Digame agora quando fez o Genio eſte depoimento; que logo eu confeſarei que, ao menos, teve eſe preſtimo. E baſte por agora, porque me ade ſer ainda percizo falar niſto no Diſcurſo 6; e me eſtá chamando a outra crize o que o ſenhor Lisbonenſe continua dizendo que (ibi) *a neceſidade das teſtemunhas até tem lugar na ſabedoria. Que importa que eu ſaiba, ſe ninguem ſabe que eu ſei? Daqui vem aquele vulgar aforismo: Scire tuum nihil eſt, niſi te ſcire hoc ſciat alter.* Eu ſuponho que eſte foi o fim, com que ſua mercê eſcreveo, ſó para nos moſtrar o muito que ſabe. E neſtes termos eide calarme? Senhor D. Joaquim, aquele, a que voſa mercê chama *vulgar aforismo*, é um verſo das ſatiras de Perſio, em q̃ ele faz zombaria dos que querem oſtentar cienſia; e lhes diz por ludibrio o que voſa mercê avalia por conſelho. Iſo é entendêlo! Ora oiça o lugar, que é da 1. ſatira:

Quo didiciſſe, niſi hoc fermentum, et quæ ſemel intus
Innata eſt, rupto jecore, exierit caprificus?
En pallor, ſeniumque: o mores! uſque adeone
Scire tuum nihil eſt, niſi te ſcire hoc ſciat alter?

Se

Se aſim entende todos os lugares de Perſio, bem pode fazer dele um comento, que pela novidade ade ter muito gaſto. Eſte texto bem ſe pode ajuntar com o de Lucrecio que traz na 1. carta: pois lá entende como preceito o que é deſculpa; e aqui julga por conſelho o que é irrizam. Nam quiz Lucrecio ſeguir em profecia o ſiſtema do ſenhor Pina, que nam podendo fazer o ſeu poema totalmente conforme ás leis da Epopeia, eſcreveo um prologomeno em que eſtabeleceo as leis conformes inteiramente ao ſeu poema; ſeguindo neſte particular a maxima de Calvino, e Lutero, que, nam podendo ſujeitar os ſeus coſtumes ás leis verdadeiras da Religiam Ortodoxa, fizeram outras leis reguladas pelos ſeus coſtumes, deixandoas como norma a ſeus mizeraveis ſectarios, como ſe vê no meſmo poema:

Todo o empenho da ſua diligenſia
Foi fazerem nos ſordidos volumes
Huma fé ſemelhante aos ſeus coſtumes
(pag. 313.)

Acaba emfim o ſenhor Lisbonenſe a ſua 5. carta pondo um exemplo das retractaſoens de S. Agoſtinho, e perſuadindo com ele aos criticos que ſe deſdigam de *preferir um Mentor gentio a um Anjo cuſtodio*; e diz que *iſto é rebentar de Humaniſtas, e eſquecerem-ſe de Chriſtaõs.* Eu tambem acabo aconſelhandolhe que ſe desdiga diſto; porque as materias de Religiam devem tratarſe com mais reſpeito; e nam ſe deve dar a meſma veneraſam ao Genio, que foi

O Anjo

Anjo ſonhado, e creado pelo ſenhor Pina, como ſe foſe verdadeiro. Para o ſenhor Pina crear um Anjo, que mereſa reſpeitos, ainda Deos lhe nam deo poder. Bem deve ſaber o ſenhor Apologista que o omem é de esfera inferior ao Anjo; como cantou David: *Minuiſti eum paullo minus ab Angelis.* Logo como pode o Creador ſer inferior á creatura? Nam vê que é axioma indubitavel dos Filozofos que nenhuma cauza pode produzir efeito mais nobre que ela meſma; pois a razám enſina que ninguem pode dar o que nam poſue? Logo como quer que uma pouca de terra, como é o ſenhor Pina, poſa crear um eſpirito puro como pertendem que ſeja o Genio? E ſe nam pertendem iſto, para que diz que os Criticos ſe eſquecem de Chriſtaős quando preferem Mentor ao Genio, a quem ſem vergonha das gentes chama atrevidamente *Anjo cuſtodio?* Devalhe iſto alguma refleſam; e aſente em que eſperamos do ſeu juizo, e docilidade que torne para ſi o conſelho, que dá aos Tranſtaganos, e publicamente ſe retrate da injuſta adoraſam, que dá, e quer que demos ao Anjo fabulozo do ſenhor Pina, que para ſer idolo de Pagode ſó lhe faltava até agora o ter ſeu Sacerdote, para cujo miniſterio ſe lhe veio voluntariamente oferecer o ſenhor D. Joaquim, querendo ſer Capelam de Anjos fantaſticos; e perſuadindo ja as gentes a que o adorem. Iſto nam é bom, ſenhor D. Joaquim Velho do Canto. Veja que, deſtruido o idolo, naő ficará ilezo o Sacerdote. Retrateſe do que diſe; que lhe

fica

fica melhor; pois S. Agoſtinho ſe nam envergonhou diſo, e modernamente o ſapientiſimo Feijó fez o meſmo. Eu aſim o eſpero: e no cazo que ſiga o contrario, acauteleſe de algum deſcuido da pena; que neſtas materias pode ter mais conſequenſias, que as de uma crize.

DISCURSO VI.

ANtes que principiemos a diſcorrer ſobre o aſunto da qualidade da fabula da Epopeia, de que trata a carta 6. do ſenhor D. Joaquim, devo eſtranharlhe o reparo, que faz na pag. 150, no principio da meſma carta, por terem os criticos louvado o ſenhor Pina em algumas coizas, e cenſurado em outras. Por certo que ſegue eſte Cavalheiro umas maximas bem eſtramboticas! Em outro lugar condenou a modeſtia do ſenhor Pina por demaziada: aqui condena o juizo dos Criticos por muito recto. Chegámos a tempo de ſer delicto o dar as coizas a quem pertencem. Deſtroeſe a maxima Evangelica, que nos enſinou Christo: *Reddite quæ ſunt Cæſaris Cæſari, et quæ ſunt Dei Deo.* Acabaſe o equilibrio na balanſa da juſtiça; e deve pender ſempre a lingua para a parte da cenſura, ou do louvor. Criminaſe o juizo remunerativo, dizendo (pag. 150) que *iſto é o que faz a inteira incorruptivel equidade dos dois Cenſorinos Catoens: venha o minino á palmatoria quando merecer o caſtigo; mas quando gánhar o trofeo, vá o rapaz para ſua caza, carregado com o pezo da bandeirola.* Quer o ſenhor Lisbonenſe que, chegando a cenſurar, ſe diga mal de tudo; e, principiando a louvar, nada fique por engrandecer. Nam ſei que mais efeitos poſa produzir a cega paixam do odio, ou a do

amor!

amor! Quem cegamente ama, em tudo vê perfeito o objecto amado: quem cegamente aborrece, tudo acha odiozo no objecto aborrecido. A ſimpatia, e a antipatia ſam os dois tyranos do mundo. Ao amante reprezentam-ſe belezas as maiores deformidades: ao inimigo parecem vicios as maiores virtudes. Niſto nos moſtra o ſenhor Apologiſta a maxima, que ſegue na ſua crize contra os Tranſtaganos; pois principiando a dizer mal das ſuas criticas, deve impugnar, com razam, ou ſem ela, quanto nelas aparecer; ſob pena de incorrer (a pezar do direito de legislador) no crime de inconſtanſia de genio, ou hipocrizia de palavras, de que os acuza dizendo (pag. 150.) que *ou foi muita inconſtanſia de animo*, *ou foi a lingua hipocrita do que dizia o coraſam.*

O maior atributo de Deos, cujo conhecimento nos é precizo *neceſſitate medii* para a ſalvaſam, é o ſer Remunerador: *Credere enim oportet accedentem ad Deum quia eſt, et inquirentibus ſe remunerator ſit*: nos diz o Apoſtolo (Hebr. 11). Eſte atributo eſenſial da Divindade conſiſte em premiar as obras boas, e caſtigar as más. Sejame licito uzar agora deſte exemplo, ja que nos é recomendada a imitaçam das Divinas açoens: *Eſtote ergo imitatores Dei* (Epheſ. c. 5). A maior ſemelhanſa, que Adam teve ao Altiſimo, foi a de conhecer o bem, e o mal; como diſe o meſmo Deos: *Ecce Adam factus eſt quaſi unus ex nobis, ſciens bonum, et malum* (Geneſ. c. 1.) E ſe avaliar o bem, e o mal, ſegundo

gundo o merecimento, é açám, que faz que um omem ſeja como Deos: *Quaſi unus ex nobis*: como crimina o ſenhor Presbitero Lisbonenſe que os Tranſtaganos louvem o bom, e dezeſtimem o mao? A açám, que Chriſto ade obrar quando vier ao mundo com toda a gloria de ſeu eterno Pai, ade ſer a geral remuneraſam de pena, ou premio, conforme aos merecimentos de cada um: *Et tunc reddet unicuique ſecundum opera ejus* (Matth. 16). E porque razám nam ſeguiremos nos noſos juizos os procedimentos daquele Divino Meſtre, ſe temos obrigaçam de o imitar? Dirá a iſto o ſenhor Apologiſta que ninguem nos conſtituio juizes. Eu digo que neſta materia nos deo S. Paulo liberdade: *Vos ipſi judicate.* Deo-nos depois exemplo: *Laudo autem vos fratres, quod præcepta mea tenetis.... Non laudans quod non in melius* (Cor. c. 11). E finalmente reflectindo no que era digno de louvor, ou de repreenſam, repartio conforme o merecimento: *Laudo vos? In hoc non laudo.* No meſmo capitulo nos perſuade a que o imitemos: *Imitatores mei eſtote, ſicut et ego Chriſti.* Julgue pois o ſenhor Velho a quem devemos ſeguir; ſe a ſua mercê em medir tudo pela meſma medida; ou a S. Paulo em louvar, ou nam louvar, conforme o merecimento. Nam o reputo tam ſoberbo que ſe avalie em mais que o Apoſtolo: mas ainda que iſo foſe, eu nam quero que em mim aſente o texto de Izaias: *Væ qui dicitis malum bonum, et bonum malum* (cap. 50): Ai dos que chamais bem ao mal, e mal ao bem!

Aſen-

Aſentando pois em dizer o que entendo, quero por um pouco unirme á opiniam do ſenhor Pina a reſpeito da fabula da Epopeia (ainda que podia ſeguir o contrario, viſto ter muitas autoridades para iſo) ſem que eſta uniám me impoſibilite para depois impugnar o que nam me pareſer acertado. Iſto digo, nam concordando em que a fabula deva ſer fingida, mas ſim em que nam ſeja defeito ſubſtanſial o nam ſer fundada em facto iſtorico: ainda que aſim o diſe o Eborenſe, fundado no exemplo dos maiores Epicos, além da opiniam de muitos doutos, que o podia livrar de ſer eſta ſua propoziçam repreenſivel. Digo com o ſenhor Pina que ninguem lhe deve cenſurar por defeito capital a eleiſam, que fez da fabula fingida: mas nam concordo com ele em que eſta ſeja a opiniam mais acertada: poſto que nam a condeno, viſto que neſta materia na ha preceito infalivel, e ſó uma opiniam fundada em probabilidade. Eſtribamſe os ſectarios da fabula fingida em que, devendo a açám do poema Epico ſer iluſtre, exemplar, e admiravel, nam podem todas eſtas qualidades unirſe em um ſuceſo verdadeiro, ſendo preciza a concurrenſia da ficſam para aperfeiçoar os factos iſtoricos. Eſta razám, além de ſer frivola, tem outras muitas em contrario. Dizem que a açám ade ſer illuſtre, admiravel, e digna de imitaſam. Eu digo o meſmo: mas pergunto: ou eſa açám iluſtre é poſivel aós omens, ou nam? ſe é poſivel, pode acharſe nos ſuceſos verdadeiros: e ſe é impoſivel,

vel, nam é digna de imitaſam; porque ninguem deve intentar impoſiveis. Mais. A fabula deve ſer veroſimil; e nam ſei que poſa ter eſte predicado um ſuceſo, que nam pode aconteſer: logo, ſe é naturalmente poſivel, que dificuldade ha para que nam tenha acontecido, viſto que nos diz Salomam que nenhuma coiza ſe pode chamar nova, que nam tenha acontecido nos ſeculos antigos: *Nihil ſub ſole novum: nec valet quisquam dicere: Ecce hoc recens eſt: jam enim præceſſit in ſæculis, quæ fuerunt ante nos.* (Eccl. c. 1). Mais. Os predicados, que ſe requerem na fabula Epica, ſó ſe podem encontrar em factos verdadeiros; porque ſó eſtes, ſendo eroicos, ſam admiraveis; pois os fabulozos a ninguem cauzam admiraſam. Depois de ſe ſaber que o Eroe de um poema nam exiſtio no mundo, e que é mentira o que dele ſe eſcreve, ninguem ſe admira de que matáſe v. g. dois mil omens, quando o matar vinte mil lhe nam cuſtava ao Poeta mais que uma cifra. Por ventura admirouſe algum leitor da mortandade que fez o Peregrino no exercito dos Libertinos? Sabendo que aquela açám é fabuloza, e nam verdadeira, ninguem a reputa admiravel. Nunca Saul invejaria a gloria de David, ſe reconhecêſe fabulozo o triunfo, e as aclamaſoens das filhas de Siám: *Percuſſit Saul mille. David decem millia* (1. Reg. c. 18).

Deve a açám do Poema ſer exemplar, e de tal qualidade, que mova os animos a imitaſam. Eſta é a principal eſenſia da fabula; por

ſer

ser o unico preſtimo, que ſe pode atribuir á introduçam de um fingimento; e, de outra ſorte, deviam ſer os Poetas degradados por embuſteiros, eſcrevendo ſem outro fim que enganarem os leitores. E ſe nam, digam-me que utilidade ſe pode ſeguir ao publico de um embuste? Pergunto agora: Qual moverá mais os animos á imitaſam, uma açám, que ſe ſabe ter acontecido, ou outra, que ſe conheſe por fingida? Reſponda por mim a maxima dos Sabinos, e a induſtria dos Romanos, que, para incitarem ao valor os ſeus ſoldados, traziam nas bandeiras o ſinal rememorativo das ſuas victorias, e dos progreſos de ſeus anteceſores. De Caſſio contam as iſtorias que quando entrava nas batalhas trazia no dedo um anel com a repreſentaſam de uma das peleijas, em que ficára vencedor: na batalha contra Caio Cezar cahiolhe do dedo; e de ſorte perdeo o animo, que pedio a Pindaro, ſeu pagem, lhe tiráſe a vida. Só por imitar ao grande Alexandre conquiſtou ſegunda vez todo o Oriente, deſde os muros da China até os bosques da Moſcovia, o valorozo Quinguí Rei da Tartaria. Por iſo digo que, ſe o fim da Epopeia é perſuadir á imitaſam, melhor ſe conſeguirá com um exemplo verdadeiro, do que com um ſuceſo fingido.

Diram que, prégando Chriſto Senhor noſo, nam explicava a ſua doutrina com factos iſtoricos, mas com parabolas ſupoſtas. A iſto respondo que as parabolas, ainda que ſupoſtas, eram tam verdadeiras, que todos os dias eſtam

 aconte-

acontecendo. A do rico avarento como ſe vê executada continuadamente! A do outro rico deſcuidado com que exceſo ſe pratica! E finalmente todas as mais parabolas do Evangelho nam conteſem milhares de vezes a cada hora? Logo nam podem reputarſe cazos fingidos os que eram ſuceſos verdadeiros.

Deve tambem a açám ſer perfeita. Eſa perfeiſam ſe acha melhor na natureza, que na arte. Nam pode aver açám iluſtre, que nam ſeja perfeita em ſi; pois, nam o ſendo, nam deve chamarſe eroica. Dirám que nunca eſta virá acompanhada daquelas qualidades verdadeiras, com que ſe deve ornar o poema para agradar aos leitores. Neſtes termos me parece que tem o ſeu lugar o preceito de Ariſtoteles; porque aſim poderá a arte ajudar a natureza: *Perſpicuum autem ex dictis, et quod non ea, quæ facta ſunt, dicere; hoc Poetæ opus eſt; ſed qualia utique fieri debuerunt; et ea, quæ effici poſſunt, ſecundum veroſimile, et neceſſarium.* Deve-ſe entender o texto a reſpeito dos epizodios, com que ſe adorna a fabula: ainda que o ſenhor Pina diz que *nam lhe darám baſtante razam para que ſó ſe entenda naqueles, e nam neſta.* Vejamos ſe eu a acho. Só ſe deve admitir a fiſam quando ouver neceſidade: *atqui* nam é precizo fingir a açám: *ergo* ſó nos epizodios ſe podem admitir os fingimentos. Provo agora o ſilogiſmo. Todo o fingimento, ainda que ſeja veroſimil, nam deixa de ſer falſo; e a mentira ſem neceſidade deve evitarſe: *ergo* et c. Tambem

bem é ſuperfluo fingir a açám, quando no mundo ſe tem obrado as mais eroicas, que ſe podem tomar por aſunto. Mais. Ou a açám ade ſer veroſimil, ou nam? Se nam é veroſimil, faltalhe uma das circunſtanſias mais eſenſiaes, e recomendas por Ariſtoteles; e nam pode ſer admiravel, nem digna de imitaçam: ſe é veroſimil, ade ter exemplar verdadeiro, a quem ſeja ſemelhante; pois, nam ſendo pareſida a alguma açám ja executada, nam é veroſimil; pois o que eſtá ainda contingente, e futuro nas açoens dos omens, nam é verdadeiro; mas incerto, e duvidozo. Eſe privilegio ſó tem as coizas Divinas, que ſam verdadeiras antes de acontecer, por eſtarem *ab æterno* prezentes á mente do Altiſimo.

Julgo que eſta razám é ſuficiente: e no cazo de o nam ſer para o ſenhor Pina (que iſo pouco importa) vai a experienſia que eſtá contra ele. Pergunto, ſenhor Poeta: ou a fabula deve ſer fingida, ou verdadeira? Se verdadeira, acabouſe a queſtam, porque iſo é o que eu digo, e voſa mercê nam ſegue: ſe fingida, errou em eſcolher para aſunto do ſeu Poema uma açám, q̃ é a mais verdadeira que pode aver no mundo, qual é o Triunfo, que a Religiam Criſtãa conſegue ſobre todas as outras falſas Religioens. Deſta ſegunda parte do meu dilema naſce outra questam, que é de ſer, ou nam ſer o *Triunfo* a açám do Poema. E vai ſegundo dilema: Ou é, ou nam é? Se nam é, eſtamos no que diſe o Eborenſe que *o triunfo nam é açám, mas ſó o premio dela*;

e que as victorias sam as que podem ter o nome de açoens : e ahi temos o Poema do senhor Pina com oito, ou nove açoens, e lá vai a unidade tam recomendada, e indispensavel no conceito dos Mestres: e além deste erro (que é o maior que ha na Epopeia) tem o de nam ter acertado no titudo do Poema. E se o triunfo é açám, estamos no que eu digo, que errou em a escolher por asunto, visto que na sua opiniam só é propria a fingida, e nam a verdadeira.

Venham agora os exemplares dos maiores Epicos, referidos pelo senhor Pina no § 22 do seu Prolegomeno; onde diz que „ A *fabula* das „ quatro principais *Epopeias* se reputa por ver- „ dadeira, e nam fingida; porque está na opi- „ niam de sucesso istorico a expugnasam de „ Troia; e a reduçam, que Ulises fez desta ci- „ dade para Ithaca; se bem que a castidade; e „ os amantes de Penelope tem suas duvidas; „ e nenhuma a conquista de Jeruzalém por Go- „ dofredo de Bulhoens; nem o descobrimento „ da India por Vasco da Gama „. Disto mesmo se desdiz depois o senhor Pina na pag. 22. da sua apologia, dizendo que é verdade ter dito que *a fabula das quatro principaes Epopeias se reputa por verdadeira*: *mas que uma coiza é reputar*, *outra ser*. Pertende aqui negar o que além dise: e tanto, que afirmou que *o exemplo destas quatro Epopeias podia dezatar a questam*, *se a fabula deve asentar na verdade*, *ou no fingimento*; depois de ter dito que *nenhuma duvida tinha a conquista de Jeruzalém*, *nem o descobrimen-*

to da India, que ſam duas daquelas quatro principaes Epopeias, de que agora diz que *uma coiza é reputar*, *outra ſer*. Aqui torno eu a dizer que na repoſta aos Tranſtaganos ouve muita malicia, e pouca cienſia. E ſe niſto ha ainda recurſo, eu eſpero que o moſtre ou o ſenhor Pina, ou o ſenhor D. Joaquim; de outro modo, julgarei que nam puderam fugir.

Finalmente digo que de pouco importa tambem para um poeta Criſtam que deixe de obſervar algum preceito, que nam for muito coerente aos bons coſtumes da Criſtandade, que encontram a alguns, que nam ſe reputavam maos entre o Gentiliſmo. Dos meſtres deſte tempo ſabemos que fundavam nas fabulas todas as ſuas moralidades, como explica Moya, moſtrando o ſentido moral de cada uma; e ainda muitas deſtas, ou quazi todas eram fundadas em factos iſtoricos. Nas de Ezopo, e Fedro (que ſam as meſmas em ſubſtanſia) reſplandece bem a moralidade, porporcionada á inſtruſam dos omens mais do que ao divertimento dos leitores: fim, que tinham tanto diante dos olhos os antigos Eſcritores, que ainda as ſuas ſatiras eram dirigidas a reformar os coſtumes; como muito eſpecialmente ſe vê nas de Perſio, e Juvenal. Os Gentios obravam conforme o ſeu coſtume: nós devemos eſcrever á proporſam dos noſos aſuntos, quando ſam mais ſerios, e mais ſagrados. Tanto ſe deve atender a iſto, que bom ſeria que o ſenhor Pina diſpenſáſe na parte eroica do Poema do *Triunfo*, por nam

introdu-

introduzir uns amores profanos, e pouco exemplares á Criſtandade dos leitores, em um livro, cujo aſunto é tam ſagrado. Para os antigos era indiſpenſavel eſte adorno; porque tinham niſo um deleite, entre eles licito: entre nós, que nam ſomos, ou nam devemos ſer como eles, nam pode ter lugar. E emfim, ſe a neceſidade dos Epizodios é para encher, e ornar a extenſam do Poema, nam faltam outras imagens, com que oneſtamente ſe poſa recrear a curiozidade dos leitores; e ainda eſtas ſem o ſocorro do fingimento, que eu evitaria ſempre, achando mais deleitavel a liçam de um ſuceſo verdadeiro, por nam ſer daqueles de que fala S. Paulo, que deixam de ouvir a verdade, por ſe agradarem mais da fabula: *Et a veritate quidem auditum avertent, ad fabulas autem convertentur* (Tit. c. 4).

O ſenhor Apologiſta meteoſe a falar niſto ſem entender coiza alguma; poſto que nos diga que tem lido ſobre eſta materia: e querendo defender ao ſenhor Pina, poem-ſe contra ele, dizendo que *a fabula do Triunfo da Religiam é uma verdade vulgariſima nas iſtorias*; para o que alega por exemplo a variaſam das Igrejas proteſtantes de Boſſuet; a iſtoria Cronologica dos Papas *et c.* O ſenhor Pina quer que a ſua fabula ſeja fingida; e diz no § 22 do ſeu Prolegomeno que *depois de varias reflexoens, ſe rezolveo a conſpirar com os votos da fabula fingida.* Aja agora quem decida a duvida, e diga qual dos dois tem razám. Ambos falam da fabula do

Poema

Poema do Triunfo da Religiam; e um diz que é *fingida*; outro que *é uma verdade vulgarissima nas istorias*. O objecto é o mesmo: os pareceres totalmente opostos: logo algum deles ade ser falso. Eu nam me meto em decidir, para que o senhor D. Joaquim me nam chame (como aos criticos) *Juiz da balansa*. Digolhe só que dezempenha bem o oficio de *Defensor*, visto que trabalha por provar o contrario do que intenta o defendido. Feliz afilhado, que tem tam bom padrinho!

Prosegue logo fazendo um grande elogio ao Poema; e diz com grande pasmo: „ Ora „ aquele Peregrino, aquele Genio, aquelas jor- „ nadas, aqueles encontros, em uma palavra, „ aquele todo está tam dentro dos limites da „ verosimilhansa, que a fiçam parece que se „ desmente de fiçam, e se converte em realidade „. Eu confeso que, se nam fizera tam bom conceito da sua sinceridade, avia julgar que estava metendo a bulha o poeta: porém, como fala serio, vamos por partes. Vejamos primeiro a verosimilhansa *daquele Peregrino* desde o seu nascimento. Nasce: e apenas principia a dar as primeiras respirasoens, quando vem uma loba, e o rouba com a maior avareza, estando ainda aos pés de sua mãi, levandoo para a sua cova, onde o cria depois com o seu leite. De Romulo, e Remo fingiram os Romanos serem criados por uma loba. Isto foi mentira: e aqueles, que a querem cooneftar, dizem que os achára no campo um pastor, chamado Faustulo, e que

os

os dera a ſua mulher, que tinha o nome de *Lupa*, ou Loba, para que os criáſe. Valha a verdade: mas eu nam creio que ſem milagre criáſe uma fera indomita uns mininos entre os ſeus cachorros. Para acreditar que ſe deo, nam conſta a neceſidade dele. Logo ſe ſó por milagre podia acontecer iſto, nam deve chamarſe eſte ſuceſo naturalmente veroſimil: e muito menos com a circunſtanſia de vir de propozito a loba roubar a crianſa; o que nam coube nem ainda na ideia dos Gentios para o prodigio de Romulo, que foi cazualmente achado pela fera, e nam eſpontaneamente procurado, e roubado (como o Peregrino) a ſua meſma mãi.

Creſce eſte: e mais bruto, que a meſma loba, vive dentro na cova até á *idade mais florente*. Via ſair para fóra a fera, e os cachorros; e nam lhe dizia o coraſam que ſahiſe tambem; mas que eſtiveſe metido no eſtojo tantos anos; até que quando ſe rezolveo a ſair era ja omem, e nam coube pela porta *da funeſta alcoba*. Iſto ſerá veroſimil; mas nam o pareſe. Sae emfim, por um *prodigio*, com que milagrozamente tremeo a terra, e ſe desfez a gruta. Iſto podia acontecer naturalmente; e ficava aſim mais veroſimil, do que acontecendo por modo ſobrenatural: pois para o que pode acontecer ſem o ſocorro dos milagres, é eſcuzado inquietar prodigios, quando ainda Deos os nam obra ſem neceſidade. E ja que o ſenhor Pina furtou eſta ideia de Lourenſo Gracian, podia imitala em tudo, e nam a desfigurar; que niſo conſiſte a abili-

abilidade. Principia logo o Peregrino a aprender artes, e ciensias; a cujo estudo eu o deixo agora entregue; porque, sendo *Ars longa, vita brevis*, teremos tempo de lhe averiguar a vida, em quanto ele se aplica á disciplina. Venha pois o segundo pasmo do senhor D. Joaquim.

Aquele Genio! Aparece a primeira vez ao Peregrino; dizlhe quem é; oferecese para lhe asistir, e o acompanhar: e prometelhe que sempre terá nele um bom amigo. Poem-se ambos a caminho, chegam ao bosque dos Hottentots; e logo na primeira admoestasam, que faz, é dezobedecido; como ja notei com mais extensam no Discurso 2. Aqui vai o primeiro defeito. Com muitos cuidados indagou o Peregrino ao principio, e antes de fazerem a primeira jornada, se o Genio era bom, ou mao; e depois de exacta averiguasam, asentou firmemente que era bom. Logo com que razám um omem de virtudes dezobedeceu aos conselhos expresos do seu Anjo custodio? Isto é açám imitavel? Obrar contra os influsos do Genio pode ser virtude, sómente quando ele é mao: mas nam o seguir quando é bom, é grande erro. Promete Deos ao seo povo um Anjo custodio, e dizlhe: *Eu mandarei o meu Anjo que vá diante de ti, e te guarde no caminho, e te introduza no lugar, que te tenho aparelhado. Obedecelhe, e ouve a sua voz; e nam fasas pouco cazo do que ele te diser... Se o ouvires, e fizeres tudo o que te digo, serei inimigo dos teus inimigos, e castigarei aqueles, que te maltratarem. Irá diante de ti o meu Anjo, e te intro-*

 duzirá

duzirá nos paizes Amorreos, *Eteos*, *Ferezeos*, *Eveos*, *e Jebuzeos*, *os quaes todos eu deſtruirei* (Exod. 23). Nam ſei que lugar mais oportuno ſe poſa dezejar para norma do Genio, e do Peregrino. Se o ſenhor Pina o imitáſe, poderia conſeguirlhe a veroſimilhanſa, ja que lhe naõ é poſivel a realidade. Para que o povo entráſe a deſtruir os Amorreos, Ferezeos, Cananeos, etc. lhe punha Deos a condiçam de atender, e obedecer á voz do ſeu Anjo. Para o Peregrino entrar nas povoaſoens dos Ateos, Libertinos, Ebreos, etc. viſto ter um Anjo, que o governava (preſcindamos de ſer fabulozo) devia obedecerlhe. Fazer o contrario é açám indigna de ſer imitada, e ſó acredora de caſtigo. Em todo o livro primeiro nam diz o Genio mais palavra alguma: e com razám ſe amuou, vendo que nam fazia fruto com o ſeu conſelho.

No ſegundo torna a fazer ſua figura: e ahi teve medo de uns roncos, que ouvio ao longe; e ſem ſaber o que era, perſuadio ao Peregrino a fuga. Ora acha o ſenhor D. Joaquim que iſto é açám digna de louvor, e imitaſam? Dirá que tambem ás vezes o fugir é prudencia; e que eſta virtude deve ter o Eroe. Eu tambem aſim digo que deve ſer prudente: mas tambem ſei que fugir, ſem ſaber de que, ſó é açám de um omem criminozo: como nos enſinou Salomam: *Fugit impius*, *nemine perſequente* (Prov. 28). Se ſua mercê entende que é louvavel, empregue ahi a ſua retorica: e ſe é digna de imitaſam, faſa o meſmo; que deixará nome á poſteridade.

ridade. Semelhante açám ſó podia ſer veroſimil em um omem fraco como o Peregrino, e nam em um Anjo como querem que ſeja o Genio. Eſtando Tobias lavandoſe á margem de um rio, ſahio um grande peixe para o devorar: temeo aquele Peregrino a morte; e gritou para que lhe acodiſe o ſeu Anjo: dizlhe eſte que nam fuja; mas que vá direito ao peixe, e o tire para fóra: ele lhe obedece, e ſem repugnanſia executa o preceito: *Apprehende brachium ejus, et trahe eum ad te. Quod cum feciſſet, attraxit eum in ſiccum, et palpitare cœpit ante pedes ejus.* Que bem ſe parece uma com outra açám! Mas iſto naſce da qualidade do Genio. Se o do Poema foſe verdadeiro Anjo como era o de Tobias, ele lhe infundiria animo para que nam fugiſe, ainda vendo o perigo: mas como o nam era, logo lhe perſuade a fuga, antes de ver de que. E pode ſer iſto veroſimil? Nada mais obra, ou diz o Genio no ſegundo livro.

No 3. torna a fazer o ſeu papel, e por ſinal que foi papel de tolo; porque neceſitou de que o Peregrino lhe enſináſe o meſmo que ele via; como notei no Diſcurſo 2. Recebeo o ſenhor Genio o documento, e nam articulou palavra antes, nem depois. E acha o ſenhor D. Joaquim que iſto é proprio de um Anjo cuſtodio? Em vez de enſinar, neceſita de ſer enſinado. Iſto é veroſimil? Aſim é que tem veroſimilhanſa; mas ſó em Anjos deſta qualidade. Principia Zacarias a ter as ſuas vizoens profeticas; e aparecelhe logo um Anjo. Perguntalhe

o profeta que era aquilo, que estava vendo: e ele se lhe oferece para lhe explicar tudo. *Et dixi: Quid sunt isti, Domine mi? Et dixit ad me Angelus, qui loquebatur in me: Ego ostendam tibi quid sint hæc.* Continuáram as vizoens; e sempre que o profeta recorria á explicasam do Anjo, o achava pronto. Isto é o que fazem os Anjos verdadeiros; mas obram asim, porque sabem: e mal o podia fazer o Genio, que era um ignorante. Nam se fala mais em Genio neste livro 3.; e asim no 4., e 5. Lá andou o Peregrino por onde quiz; foi á guerra; matou; fez as pazes; convenceo tres seitas; e o Anginho sem aparecer.

No 6. livro se diz que *novamente se entregou o Eroe ao globo do mundo acompanhado do seu Genio.* Pouco tempo lhe durou a sociedade; porque nam se salta mais que um verso para chegar a ver uma boca do Inferno, que se abrio junto a um lugar, em que tinha adormecido, e onde o deixou o Genio entregue ao sono, e aos demonios, que estavam ajustando-se para o arruinarem; dezaparecendo por muitos tempos, como claramente diz o Poema que *se auzentou.* Andou o Peregrino por alguns dias perdido: entrou na Persia, no Indostan, na Tartaria: pasou á Siria: até que foi achar o seu amigo Anginho nos lugares Santos, onde lhe fez sua caramunha; e ele se lhe tornou a oferesér para *Auxiliador.* Ora julga o senhor D. Joaquim que fez bem a sua obrigasam o tal Custodio? Isto é verosimil? Se ele é Custodio, dêve guardar sem-

pre,

pre, e em toda a parte. Asim o dise o profeta Rei: *Angelis suis mandavit de te, ut custodiant te in omnibus viis tuis* (Ps. 90). Aparesa outra vez o noso exemplar, que para o noso intento é singularisimo. Chega a ocaziam mais perigoza de Tobias perecer á violencia do demonio na noite do despozorio, como tinha acontecido aos outros sete maridos, que antes dele intentaram a consumasam do matrimonio de Sara: entam S. Rafael prendeo o demonio em uma terra dezerta no Egypto, para livrar asim a vida do seu Peregrino: *Tunc Raphael Angelus apprehendit dæmonium, et religavit illum in deserto superioris Ægypti* (Tob. 8.). Que bem se parece esta com aquela açám! Grande Genio, senhor D. Joaquim! Grandes ofertas de socorros! Porém na ocaziam mais apertada logo mostra ser coiza do senhor Pina, que na descripsam, que faz da alma espiritual, e seus predicados, conforme as diferentes partes, que aníma, lhe dá a qualidade de *agil* sómente nos pés:

Agil nos pés; nas vozes eloquente;
Livre no coraçam; no peito, ardente.
(pag. 151).

Nada mais dise, ou fez o Genio no 6. livro: pasou em claro o 7., e 8., e só no 9. se transformou de omem em Anjo de procisam; porque fez esa figura na do Triunfo: nascêramlhe azas como ás lagartas; e diz o Poema que, *batendo uma, e outra*, se foi sem dizer *a Deos*, talvez por nam deixar saudades. Nam fez asim o Anjo S. Rafael: manifestou a verdade (até en-

tam

tam oculta) de ſer Anjo, e nam omem: diſe que Deos o tinha mandado para livrar do demonio a Sara: que era Rafael, um dos ſete Anjos, que aſiſtem diante do Altiſimo (Thob. 12), que era tempo de tornar para onde tinha vindo: e deſpedindoſe, dezapareceo, deixando todos proſtrados por eſpaço de tres oras: *Cumque hæc audiſſent, turbati ſunt, et trementes ceciderunt ſuper terram* et c. Nam foi o Genio aſim; porque, depois de ter eſtado ſempre em ſilenſio na ultima funſam do Triunfo, em que dizem que ele foi teſtemunha, nam ſe converteo em eſpirito, mas ſempre ficou material, pois neceſitou de *bater as azas* para ſubir ao eſpaço imaginario, e foiſe como um paſarinho. Iſto é veroſimil, ſenhor D. Joaquim? Iſto é admiravel? E tam pouca admiraſam cauzou a prezenſa de um Anjo, que ainda quando vizivelmente ſe moſtra gloriozo, ninguem faz cazo dele! Iſto é poſivel? Mas vamos a diante.

Aquelas jornadas! Eſte é o terceiro objecto da admiraſam do ſenhor Apologiſta: e para mim um dos motivos principais de rizo. Aquelas jornadas em tudo ſe parecem com as jornadas de comedia, que em um inſtante tranſportam uma figura a mais diſtanſia de trezentas legoas ſem mais trabalho que embarcar em uma ſcena, e dezembarcar em outra. Eu nam ſei que veroſimilhanſa aja em que um omem ja *no meio do caminho da ſua vida*, principiando a peregrinar, caminháſe apé todo o mundo, ſem lhe eſcapar cidade, vila, ou reino, como ſe lê no liv.

9.,

9., consumindo em cada povoasam algum tempo em averiguar, e confutar os ritos, e seitas de todas as nasoens Infieis: e nam contente em entrar nos povos, penetráse tambem os mais inacesiveis bosques, como o dos Hottentots, para converter os Ateistas; o dezerto, em que achou Confucio na Azia; a caverna de Mahumed, que estava guardada de mais monstros que a porta do Inferno; a gruta do Rabino *et c* Estas jornadas feitas apé por um omem de idade crescida, é crivel que fosem concluidas em tempo de ter o pai vivo, sendo principiadas no meio do caminho da vida, e depois de ter estudado todas as ciensias, e artes? Isto é verosimil?

Aqueles encontros! Esta é a 4. admirasam. Por querer ser concizo, nam falo em muitos, que me ofereciam materia, como o de Mahumed, que para se chegarem a falar foi precizo dispensa do Gram-Turco. Escolherei sómente para exemplo o cazo dos medos. Encontrouse o Peregrino com uma caterva de monstros, os mais orrorozos, que poude descrever a eloquensia do senhor Pina; e meteo logo mam á espada, que lhe servia de bordám (que, como tinha o oficio de Apostolo das gentes, devia ter tambem no montante a insignia de S. Paulo). Suponho que o alto genitor do Peregrino descendia de *Guilherme da longa espada*, e lhe vinha esta folha na de partilhas por eransa. Com a colera perdeo logo o noso Eroe as estribeiras; e por nam faltar á regras de Cavalaria, apé se despi-

deſpicou á eſpada, porque era cazo diſo: ferio, e matou; e emfim nada lhe poude reziſtir, ſem pagar com a vida o atrevimento. Outro tanto nam fez Hercules, a quem os antigos aclamáram nume do valor, e forſas: quiz com a espada matar a hydra; e como eſta a cada golpe multiplicava as cabeſas, conheceo ele que nam a vencia por forſa, e valeo-ſe de induſtria: tomou o arco; e deſpedindo a ſeta, na felicidade do tiro conſeguio a victoria da empreza. Nada diſto foi precizo ao noſo Peregrino; porque quando os monſtros vinham a devoralo, metiaſe debaixo deles, e com o montante lhe dava o primeiro, e ultimo golpe, com que ficavam estendidos. E entam ſenhor D. Joaquim ſerá iſto veroſimil?

Acabados eſtes paſmatorios, continûa o ſenhor Velho a ſua carta; e para engrandecer mais a felicidade do ſenhor Pina em ſeus eſcritos, aſim de proza, como de verſo, poem em odio a Oratoria com a Poezia, atribuindolhe qualidades mutuamente excluzivas. Que bem concorda iſto com o que diz Teofraſto, que a liçam dos poetas dá grande utilidade aos oradores! Quintiliano afirma que muitos ſeguem eſta opiniam, e ele nam menos a aprova: *Plurimum dicit Oratori conferre Theophraſtus lectionem poetarum: multique ejus judicium ſequuntur: neque immerito* (Inſt. Orat. lib. x. c. 1). Cicero, meſtre dos Oradores, recomenda muito eſte estudo: ainda que a ele lho nega o ſenhor Apologiſta, dizendo que ſó fez um, ou dois verſos.

Bem

Bem moſtra ter lido pouco nos AA., de que fala. Em Quintiliano Dialog. de Orat. n. xxi. podia ter viſto que, falando de outros Eſcritores famozos, diz que nam fizeram melhores verſos que Cicero: *Fecerunt enim carmina non melius, quam Cicero.* Iſto lhe baſtava para ſaber que tinha feito mais de um, ou dois verſos; quando nam foſe tam vulgar a notiſia do ſeu Poema da Traduçam de Arato, que ele fez na ſua mocidade, como refere Walchio; *Adoleſcens Cicero vertit ex Græco Aratea.* No ſeu Faciolati verbo *Arateus* pode ſua mercê ver que obra é eſta, viſto nam lhe ter chegado á mam, nám obſtante nam ſer muito rara: *Arati phænomena a Cicerone in Latinum converſa carmine heroico.* Foi diſcipulo de Archias, poeta Grego: e os dois verſos, que o ſenhor Lisbonenſe diz que ſó ha dele, ſuponho que ſam uns, que ſe lhe notam pelo defeito de uma grande jactanſia, e louvor proprio; que por iſo diz Quintiliano que *In carminibus utinam peperciſſet, quæ non deſierunt carpere maligni* : Cedant arma togæ, concedat laurea linguæ, *et c.* O fortunatam natam, me conſule, Romam: *Quæ ſibi ille ſequutus quædam Græcorum exempla permiſerat.*

Acaba finalmente o ſenhor Lisbonenſe a carta 6. com as ſuas coſtumadas chufas de iſtorias de papagaios, em que é muito bem inſtruido, em contos de Abades da Beira, e mais arengas, que lhe contava a avó em pequeno, as quaes eu dou aqui por copiadas, e aplicadas a ſua mercê: e muito principalmente lhe lembro

a recomendaſam, que faz de que *o critico ſe acautele de toda a falſidade, ou impoſtura ſobre a materia criticada; porque o leitor prudente, e advertido, vendo a mentira, reconheſe a paixam, poem de parte o livro, e perde o conceito do Autor.* Agora acabo eu com as ſuas palavras, dizendolhe que á viſta deſte dictame prudentiſimo meta a mam na conciensia, e veja nam ſó as impoſturas, que eſcreve ſobre a crize, mas ainda aquele falſo teſtemunho tam evidente de que tratei no ſegundo Diſcurſo: e daqui pode inferir o bom conceito que de ſua mercê devem fazer os leitores, e a eſtimaſam, que podem dar ao ſeu livro.

DIS-

DISCURSO VII.

ACaba o ſenhor D. Joaquim a carta antecedente horrorizando a falſidade em qualquer critico; e principia logo eſta 7. levantando dois falſos teſtemunhos a dois Autores. Diz que *Aſinius Gallus* eſcreveo contra Cicero uma invectiva ſatirica, a que deo o titulo de *Ciceromaſtix*; ſendo que eſte Autor nam eſcreveo tal livro, de que o foi Largio Licinio; e o mais que fez foi antepor ſeu pai Aſinio Poliam ao eloquente Cicero; como pode ver em Walchio cap. 9. § 8. *Aſinius Gallus, cujus idem Seneca meminit, editis libris patrem Ciceroni præferre non dubitavit.* E no meſmo lugar: *Largii Licinii liber ferebatur infando titulo Ciceromaſtix.* Veja agora o ſenhor Lisbonenſe ſe lhe pareceria bem que outro qualquer mentiſe tam livremente?

Continûa dizendo que *Aſinius Pollio* é de tam diverſo dictame, que diz: *Ille ſe profeciſſe ſciat, cui Cicero valde placebit*: citando por teſtemunha a Quintiliano. Dele ſam eſtas palavras, com que acaba de explicar o conceito, que faz de Cicero no livro x. das Inſtit. Orat. cap. 1; nam de Aſinio Poliam, que tal nam diſe; antes foi inimigo declarado de Cicero, como refere Walchio cap. 9. § 15; onde diz que *Infeſtiſſimus famæ Ciceronis fuit*: e em outro lugar do meſmo cap.: *Iniquus fuit in Ciceronem, ac Cæſa-*

rem : e ultimamente no § 8. fala mais claro, dizendo que foi tal o seu odio contra Cicero, quê nam poude sofrer que depois de morto lhe dése louvores Cornelio Severo : *Iniquo tulit animo Ciceronem jam occisum, laudatum esse a Cornelio Severo poeta.* Veja agora como se parece uma coiza com outra. Ora envergonhese, senhor D. Joaquim ; e veja que o trucar de cacha só é bom para jogadores de taverna. Eses livros, que vosa mercê alega, nam sam unicos na sua livraria : ha mais quem os tenha, e quem os leia mais : e nam queira perder o credito de omem grande por tam pouco.

Sae daqui a tratar da unidade da açám do Poema criticado, que lhe negou o Eborense, e censurou por defeito substansial. Concede sua mercê que *seria justo o reparo, se nam fose falso* : e para provar a falsidade traz um exemplo, que é o seguinte : „ Hum General venceo em bata-
„ lha ao exercito inimigo ; depois de o vencer ;
„ foi perseguindoo , e acabou de o derrotar ;
„ depois de derrotado voltou a senhorearse do
„ campo ; feito senhor do campo , ouve ás maõs
„ a caxa militar ; recolheo , e repartio entre os
„ soldados o despojo ; mandou meter nos arma-
„ zens todas as munisoens de guerra , e boca ;
„ depois de tudo isto remeteo á sua corte a no-
„ tisia ; e para testemunhas da victoria , vinte ,
„ ou trinta bandeiras , e outros tantos estan-
„ dartes ; depois ordena que se cante o *Te Deum*
„ em açám de grasas ; depois agradece , e en-
„ grandece aos soldados o esforso , e boa dis-
ciplina ,

„ ciplina, que tiveram. Quem nam dirá que
„ eſtas açoens todas ſam entre ſi diſtintas, e
„ e iſto nam ſó *numerice*, ſe nam tambem *ſpe-*
„ *cifice*„?

Eſtá notavel paridade! Tem grande parenteſco uma coiza com a outra! Digame, ſenhor Apologiſta: ſe eſe General, depois de conſeguida a victoria, paſados alguns tempos, for dar batalha a outros inimigos, e dahi outras em diverſos lugares, e tempos, dirá voſa mercê que tudo é uma ſó açám? No exemplo do ſeu General conclue voſa mercê dizendo que aquelas ſe devem reputar por uma ſó, por ſerem dirigidas ao meſmo fim: mas do Peregrino nam ſe pode tal dizer; porque venſeo os Ateiſtas no boſque dos Hottentots, que é no Cabo de boa eſperanſa; e dali foi vencer os Politeiſtas á China, que tendo boa viagem por mar ſe gaſta neſte caminho um ano. De lá caminhou por um dezerto, que diz o meſmo Poema que *durou muito tempo* o caminho; e na verdade aſim avia de acontecer para tornar outra vez á Europa, onde o ſenhor Pina lhe ſituou a cidade dos Deiſtas, donde ſahio a dar batalha aos Libertinos: peleijou com valor; mas nam venceo: veio a noite, e deixou indeciza a victoria: emfim foi por Embaixador á cidade dos Libertinos, onde ajuſtou a paz: convenceo de caminho os Cirenaicos: e aqui ſe feſtejou logo um triunfo. Vai dali á Perſia, e Tartaria, que é maior caminho que á China, entra no Indoſtan, volta á Siria, vizita os lugares Santos, e mete-

ſe

ſe em um dezerto da Arabia Feliz, onde aconteceo a briga dos monſtros, até que chega a argumentar com Mahumed, e convencer nele a todos os ſequazes do Alcoram. Dali vam ambos buſcar outro eremita, que vivia em uma ſerra vizinha, que era um Rabino Hebreo, em quem convenſe a todo o Hebraiſmo. Paſa logo a Genebra; e ahi combate as ſeitas de Lutero, e Calvino: e vindo ſegunda vez á cidade dos Deiſtas, faz o ultimo triunfo. Eſtes ſam todos os movimentos, que ſe podem conſiderar como açoens diſtintas, aſim *numerice*, como *ſpecifice*. Antes que entremos a ſeguir o ponto, admiremos a bela ordem deſtas jornadas, e a veroſimilhanſa que ha em que um omem foſe apé da Europa á China, da China outra vez á Europa; dali logo á Tartaria *et c.* Diga agora, ſenhor D. Joaquim: *Aquelas jornadas*! Paſme com o queixo caido, que tem muito de que. Nam diſe eu que eram jornadas de comedia? Pareceme que ſó na aguia de Ganimedes, ou no cavalo de Perſeo, ſe podia caminhar tanto; mas no cavalo dos frades de S. Antonio nam creio que ſe poſam fazer taes jornadas.

Tornando pois ao ponto da unidade da açám, vejo eu que o meſmo Autor do Poema deſconfiou dela, pois ſe prevenio no § 21 do ſeu Prolegomeno, dizendo que *repartindo o Poema em 9 livros, e ao parecer, em diferentes combates, facilmente ſe pode imaginar que cada combate produz uma açám; e que nam é uma, mas que ſam muitas as fabulas do Poema.* Eu nam digo que

ſejam

fejam nove ; mas nam creio tambem que é ſó uma. E ſe nam, digam-me : ou o Triunfo é a açám do Poema do ſenhor Pina, ou nam ? Se nam é, errou em lhe dar eſe titulo ; e tambem errou em ſe querer defender da acuzaſam, que lhe fez o Eborenſe de que *o Triunfo nam é açám ; mas premio dela* ; *e que as victorias ſam as que podem ter o nome de açoens*. Mas como trabalha muito o ſenhor Pina por perſuadir que a açám do ſeu Poema é o *Triunfo*, quero darlhe que aſim ſeja ; e depois infiro deſte modo : logo ſe o triunfo pode ſer açám, tantas ham de ſer as açoens, quantos os triunfos. Como eſta ilaſam é inegavel, vou moſtrar que no Poema ouve mais de um Triunfo, ainda que nam foſem 9.

Primeiramente, ſe conſiderarmos o Triunfo como em outro tempo os Romanos, que era quando ſe feſtejava a victoria com publicas aclamaſoens, e aplauzos ao vencedor, acharemos que eſtes foram no Poema dois ; um no liv. 5., e outro no 9. E ja no cazo de quererem que o Triunfo, conſiderado deſte modo, ſeja açám do Poema, temos duas açoens A primeira foi quando ſe acabáram de convenſer os Deiſtas, e Libertinos, como ſe vê neſtes verſos, que nam me deixarám mentir :

Vós

Vós me tendes chegado ao dezengano:
(Lhe diz o Libertino) as minhas Tropas
Todas vos seguirám: tambem conspira
Nos outros a mudansa: o campo gira
Em sucesivos jubilos: os ares
Se inundam de clamores populares:
Repetemse nos circulos velozes
Vivas, aclamasoens, aplauzos, vozes.

Nam ouve procisam com andores; nem *carros orientantes*; mas fizeram-se muitas festas, e nam sei se tambem cavalhadas; porque aquilo de *circulos volozes* em ocaziam de festejos asim se constroe. Com o segundo Triunfo nam é precizo gastar tempo, que foi aquela procisam dos *Epinicios*: e este nam se nega, nem se disputa.

Mas ja que falámos agora na tál procisam, nam é justo que nos pase pela porta sem a vermos com curiozidade desde o principio, com toda a mais funsam. Acabando o Eroe de converter o mundo, tornou á cidade dos Deistas para vir buscar o premio no Triunfo, cuja diresam tinha encomendado ao pai quando dele se despedio: e por final que nese lugar confirmou o Peregrino o que eu digo, que ouve mais de um Triunfo; pois no livro 6. lhe dise:

Na vosa diresam, e patrocinio
Fica o Triunfo, que oje aqui se alcansa
Com perfeita, com firme seguransa.

Chegou pois o noso Eroe á cidade: e é coiza bem galante que até, para ficar a funsam mais completa, ouve, sem ser esperada, sua torre de fogo; que o nam era na realidade, mas as

expre-

exprefoens, com que eftá reprezentada, a fazem parecer tal; porque diz que

Entre tudo, o que avia mais diftincto,
Era um templo, que a regra de Corinto
Edificado tinha: o feu defenho
Enchia de efplendor todo o orizonte:
Cornijas, capiteis, faftoens, cimalhas,
Claraboias, colunas, e medalhas
Defpediam de raios hum diluvio.

Eu lhe perdoára os *faftoens*, vifto que nos Autores de Arquitetura fe nam acha efe adorno na ordem Corintia, e fó é proprio da Compozita, que tem adquirido toda a liberdade, efpecialmente entre os Francezes. Eu bem vejo que ifto nam é da profifsam do fenhor Pina; mas quem nam fabe calafe, e nam faz cefia com fuperficies: fe queria falar nos termos da faculdade, podia, ainda que nam eftudáfe no Vinhola a pratica, ver em Vitruvio a teorica; pois é Autor eftimado entre os curiozos de Latinidades, ainda que Olau Borriquio lhe note o eftilo de plebeio, e peregrino nas palavras; coiza, que Sciopio lhe confiderá preciza, atendida a novidade da materia; e do mefmo modo Walchio. Alguem dirá que ifto em mim é demaziada miudeza: mas nam me fofre o corafam ouvir cefias fantafticas: além de que tambem Feijó nam era muzico de profifsam, e com tudo foi impugnado pelo amigo do fenhor D. Joaquim, o fenhor Pomba, em um ponto que tocou no Teatro Critico, a refpeito de Muzica, de que fe publicou um Difcurfo, onde moftrou fer infigne profefor.

Deixando porém eſte reparo, em que fui mais extenſo do que queria, torno ao ponto, que deixei. Publicouſe pois a vinda do Peregrino; e concorrêram todos a darlhe os parabens, *em quanto ſe cuidava no aparato da funſam*; cujas diſpoziſoens nam duráram tam pouco, que nam ouvéſe tempo de *virem tambem os Chins* a ver a feſta, como na pag. 302 poderá ver quem quizer rir, e admirar a facilidade com que chegou á China a notiſia da prociſam, ainda antes de feita, e a curiozidade com que eles *corriam* a ver. Muito veroſimil é iſto, ſenhor D. Joaquim! Chegou emſim *o dia da glorioza pompa*; e foi toda a nobreza buſcar o Peregrino, e todo o povo com aplauzos, e vivas. Ah Peregrino, Peregrino; e quam pouco te lembras do que diz S. Gregorio Papa Homil. 11. in Evang.: *Bona, quæ agitis, cum magna cautella teneatis: ne per hoc, quod a vobis rectum geritur, favor aut gratia humana requiratur; ne appetitus laudis ſubrepat, et quod foris oſtenditur, intus a mercede vacuetur!* Por bem pouco quiz o ſenhor Pina que o ſeu Eroe perdêſe o credito de virtuozo, e ainda o merecimento dos ſeus trabalhos, aceitando louvores e aplauzos umanos. E pode ſer iſto digno de imitaſam, ſenhor D. Joaquim?

Emſim vejamos a prociſam; porque nam poſo demorarme mais: nem dela referirei mais que um grande deſcuido, que deixa totalmente defectuozo o Triunfo, ou aclamaſam dele: vejamos primeiro o texto, e depois irá o comento:

A

A Erezia na ſetima carroſa
Sobre um dragam ſe aſenta, ou ſe entroniza:
Com as garras peſtiferas deſtroça
Tudo o que a Igreja ordena, e ſoleniza *et c.*

Sem duvida devemos crer (porque aſim ſe faz, e fez ſempre) que todas as figuras, que vam neſta prociſam, ſam aluzivas ao Triunfo. Digam-me agora como fica proprio que o dragam da Erezia vá deſtroſando tudo o que a Igreja ordena, e ſoleniza? Se a Igreja aqui vai triunfante da Erezia, como tem eſta ainda poder para ir deſtroſando as determinaſoens da ſua vencedora? Eu nam ſei qual das duas moſtra aqui mais vencimento. O Triunfo é da Igreja: e quem faz o deſtroço é a Erezia! Eſta, ſenhor Pina, nam eſcapa a um cego. Faziam os Romanos os ſeus Triunfos, e neles iam as reprezentaſoens das victorias conſeguidas: iam os inimigos prezos; as bandeiras arraſtadas; os Generaes cativos, ou prizioneiros *et c.* mas voſa mercê cá leva a Erezia ainda *entronizada*; e o ſeu dragam deſtruindo a Igreja, ou deſtroſando tudo quanto ela ordena. Boa caſta de victoria! Senhor Franciſco de Pina, Epopeia de dois mezes ainda nam é para voſa mercê. Silveira tem uma grande gloria de trabalhar com continua fadiga no ſeu *Macabeo* por eſpaço de 22 anos: voſa mercê vem fazer a ceſia de que fez o ſeu Triunfo em 2 mezes. Alguem poderia mandarlhe ajuntar certidam do Paroco: eu ſó pergunto quem o obrigou o fazelo tam de preſa? Aſim expoem um omem o ſeu credito,

ſó pelo apetite de abreviar uma obra? Ora conheçaſe; e nam ſe repute ainda maior que todos. Veja que ſó é ſabio aquele, que continuamente ſe lembra do que lhe falta para ſaber. Emfim nam falo mais em tal prociſam, depois de moſtrar tam patente eſte defeito, que é o maior, que podia ter; e de que eu eſpero tambem ſatisfaſám na repoſta do ſenhor D. Joaquim, ou de algum curiozo, que queira tomar eſe trabalho; porque ja tenho notiſia de que ſam ſinco os meus opozitores.

Tornando agora ao fio da crize principal, que por um pouco interrompi com eſta digreſſam: temos que, ſe o Triunfo ſe conſidera no tempo em que ſe celebra, que entam ſe reputa premio das victorias, há no Poema dois Triunfos, como ja moſtrei; e eſte nam quer o Autor que ſeja o que ſerve de açám ao Poema; mas ſó conſiderado como *victoria*; pois diz na ſua apologia que *imaginava que até os rapazes de carta, e ponteiro, ſabiam que nós uzavamos de* triunfo *como ſinonimo da victoria.* Aſentando pois em que o triunfo, que ſerve de açám ao Poema, ſe deve conſiderar como victoria (em tudo lhe quero fazer as vontadinhas) torno a inferir ſegunda vez: Logo ſe o *Triunfo* é o meſmo que *victoria*, tantos amde ſer os triunfos, quantos os vencimentos. Ninguem pode negar iſto: e infiro mais: Logo ſe a victoria é a açám do Poema, quantas forem as victorias ſeram tambem as açoens. Bem eſtá. Vendo nós agora quantos foram os triunfos, ou vencimentos, ſaberemos quantas ſam as açoens. Triun-

Triunfa o Eroe a primeira vez no livro 5, acabando de convencer os Libertinos Religionarios, e Cirenaicos, e os Deiſtas, que eſtes todos ſe devem unir, porque ouve mutua dependenſia da converſám de uns, e outros: de ſorte, que o Peregrino, para eſtabelecer a paz entre eles, os unio todos, depois de convenſidos, perſuadindo-os a ſeguir a Fé Catolica Romana. Triunfou ſegunda vez quando convenſeo o Hebreo, de cuja converſám dependia a do Turco, que vendo que o Rabino ja confeſava o engano, em que tinha vivido, ſe rezolveo a ſeguir o meſmo dictame, como ſe vê no fim do 7 livro. Triunfou 3 vez quando convenſeo os Luteranos, e Calviniſtas, cedendo publicamente o miniſtro, que por eles falava. Eſtas açoens ſam todas realmente diſtintas entre ſi: ficando aſim o Poema nam com as 9 açoens, que receava o Autor no § 21 do Prolegomeno, nem com uma, como ele quer, mas com 3 muito diferentes, e divididas. Vamos a provar iſto.

Em primeiro lugar devo dar a razám, porque nam conto por victoria a contenda contra os Ateiſtas no livro 1, e contra os Politeiſtas no 2. Verdade é que os Ateos ſe caláram, e nam inſtáram mais as doutrinas do Eroe: mas o ſilenſio nam é ſinal evidente de ficar vencido; ainda preſcindindo do proloquio, que diz: *Quem cala vence.* Devia darſe outra demonſtraſam certa de que tinham abjurado as ſeitas do Ateiſmo, e Idolatria, e abraſado a Fé Romana: mas o ſenhor Pina o mais, que diz no principio

cipio do livro 2, é que as vozes do Peregrino fizeram alguns ecos nos Ateos figurados nos troncos ſecos do boſque:

Deſtes vehementes brados varios ecos
Formou a refraſam nos troncos ſecos.

Logo parece que nam ficáram convenſidos, quando as vozes apenas lhe fiziam eco, e nam impreſam. Além diſto, provaſe tambem o ficarem como dantes; porque o Peregrino, e o Genio

Julgando ſuſpeitozo um clima, aonde
A lei com a razám nam correſponde,
Se apartáram de um ſitio, em que podia
Ser virtude a traiſam, e a aleivozia.

E ſe o Eroe, quando ſe apartou dos Ateos, os deixou em eſtado de obſervarem uma lei, que nam concordava com a razám, é certo que ainda depois de ouvirem os argumentos, e ſe calarem a eles, nam abraſaram a Fé verdadeira, que em tudo é coerente á razam, e ficaram inuteis as prégaſoens do Peregrino.

Pelo meſmo motivo nam conto por açám a do livro 2; porque Confucio, que defendia a cauza dos Politeiſtas, nam recebeo a Fé, antes conſta do Poema que

.... o aſombro, a ira,
O enredo, a confuzam, no meſmo eſtado
Talvez, que o deixaria ſepultado.

Onde eſtá logo aqui o vencimento, e o fruto da miſam do Eroe? O ſeu fim foi converter a Idolatria; mas deixando-a *no meſmo eſtado*, nam conſeguio o intento. E ſe diſer o ſenhor Pina

que

que *talvez* nam é certo; e dizer que *talvez que o deixaria*, nam é o mesmo que afirmar que *o deixou*; respondo com o mesmo Poema em quatro versos mais abaixo, onde diz que

Entre as sombras deixando a Idolatria,
Seguem a estrada por contraria via.

Julgo que, depois de ler isto, ninguem dirá que o Peregrino fez fruto nos sequazes destas duas seitas; porque os primeiros ficáram observando *uma lei oposta á razám*; e os segundos permanecêram entre *as sombras da Idolatria.* Isto é entendelo, senhor Pina! Cuida que nam ha mais que fazer Epopeias em dois mezes? Vá conhecendo os perigos da espada. A nosa Fé sempre triunfa em toda a parte: mas vosa mercê fez a coiza de sorte, que parece que ficou indeciza a victoria, dizendo que os Infieis ficáram como dantes. As armas sam muito fortes; mas o Peregrino nam soube uzar delas. Melhor seria que as despise, como fez David com as de Saul, e se pegase ao çurrám, e cajado, tomando outro oficio, visto que a nosa Fé nam necesita deste socorro, porque o Poema nam traz argumento algum, que seja novo, e nam esteja nos livros Polemicos.

Ajuntei eu os Deistas, Libertinos Religionarios, e Cirenaicos, para formar o primeiro triunfo; porque, além de o fazer tambem asim o senhor Pina, sam seitas, que tem conesam mutua, e que conduz muito para converter uma o ter convensido as outras. Se entre todas as mais ouvése esta mesma cerrelaçam

(como

(como averia, ſe o ſenhor Pina lha ſoubéſe achar) entam digo eu que eſtava conſeguida a unidade da açám; mas venſendo a cada uma ſeparadamente, faz outras tantas açoens, quantos combates. E ſe nam, pergunto: Ou a Religiam triunfa perfeitamente em cada um deſes vencimentos, ou nam? Se triunfa; em cada ſeita, que vence, temos uma açám ſeparada; porque em cada uma ſe dá triunfo completo. E ſe nam triunfa em cada uma, nam pode triunfar em todas juntas; porque de partes defeituozas nam ſe pode conſtituir um todo perfeito. Daqui ou o ſenhor Pina ade conceder uma propoziſam eretica; ou confeſar que o ſeu *Triunfo* tem muitas açoens diſtintas, que lhe destroem a unidade, que é o maior defeito, que podia ter.

Uni eu tambem para a ſegunda açám o Mahometiſmo, e o Hebraiſmo; porque eſtas duas ſeitas tem tal parenteſco entre ſi, que nam ſe pode contrariar o Alcoram ſem incluir o Thalmud; porque como os Mouros, ou Agarenos, deſcendem de Ismael, filho de Abraham, que era Hebreo, ſempre ficáram conſervando em parte alguns principios da lei do ſeu patriarca, que depois corrompêram com os ſeus vicios, e mais com o credito ás ampliaſoens do maldito Mafoma, ſeu principal profeta, filho de mãi Hebrea, e pai Gentio, de cujas ſeitas fez mistura, tirando de uma alguns principios, de outras muitas ſuperſtiçoens. Por iſo com acerto fingio o ſenhor Pina que Mahumed, ja inclinado

do á doutrina do Eroe, lhe dilatava ſómente o total credito, em quanto nam via convencido o Hebreo: confeſando depois ambos juntos o engano, em que tinham vivido. Aqui é onde tem lugar a paridade do ſenhor Apologiſta ſobre o cazo do General, que venceo a batalha; dominou o campo; repartio os deſpojos, *et c.* e no fim mandou cantar o *Te Deum.* Aſim é, como diz o ſenhor Lisbonenſe, que as açoens ſam diſtintas *ſpecifice*; mas ſe o General nam tiveſe vencido, nam chegaria a dominar o campo: ſe nam domináſe o campo, nam recolheria os deſpojos *et c.* emfim para conſeguir o ultimo complemento do Triunfo, deviam preceder eſtas açoens encadeadas umas nas outras; o que nam ſe deo nas do Peregrino.

Concede o ſenhor Pina que *ſe nam pode formar uma Epopeia dos trabalhos de Hercules*: e a razam, que dá, é: *porque cada um deles pela ſua dezuniam pode fazer uma açám principal.* Bem eſtá. Ora *ſic aſſumo*: *Atqui* cada uma das victorias, que conſeguio o Peregrino, podia fazer uma açám principal: *ergo* nam ſe devia formar a Epopeia, que compoz o ſenhor Pina. Ele meſmo me dá a prova de q̃ qualquer dos combates do Eroe podia fazer uma açám principal, quando defendendo o titulo do ſeu Poema, diz que *Mr. Nolin, famozo Geografo do Rei de França, na ſua deſcripſam da Africa, tratando da victoria, que alcanſou o Concilio Niceno da ſeita de Ario, lhe poem o titulo de Triomphe de l'Egliſe Catholique.* Logo, ſe a victoria, que conſeguio

o Concilio contra uma ſó ſeita muito menos numeroza, que qualquer das confutadas no Poema, foi baſtante para que Nolin, tratando dela, déſe ao ſeu livro o titulo de *Triunfo da Igreja Catolica*; ſeguese que cada uma das ſeitas, que combateo o Peregrino, como mais numerozas que a de Ario, podia por ſi ſó ſervir de açám principal a uma obra ſeparada, com o meſmo titulo de Triunfo da Religiam. E daqui infiro ſegunda vez com as palavras do ſenhor Pina, que aſim como ſe nam pode formar Epopeia dos trabalhos de Hercules, por ſerem açoens ſeparadas, tambem ſe nam podia formar do combate das ſeitas eterodoxas, ſendo açoens realmente diſtintas. Nam me dirá que alego com mortos: brigo com as ſuas meſmas armas, que ſam neſtes cazos as mais fortes; porque contra um Autor ha outro; e contra ſi meſmo nenhum quer ſer.

Diſputada a unidade da açám, e provada, ſegundo me parece, a falta dela no Poema, quero ſatisfazer brevemente ao eſcandalo, que recebeo o ſenhor Pina de que chamaſem ao ſeu Peregrino *D. Quixote Religiozo*. Nam é o cazo para aſoites, como ſua mercê quer. E ſe nam, digame: Que diferenſa tem as aventuras daquele, e as brigas deſte com os monſtros? Apareſe o primeiro bicharoco tam feio que podia meter medo a um Sanſam, com *as orelhas tronchas*, que pareſe que alguem lhas tinha cortado em pequeno, como cam dogue; mas o Eroe ſem medo, eſperou que ele inveſtiſe (que até

niſo

niſo quiz obſervar as regras de tourear) e encoſtandolhe o ferro, matou a alimaria. Veio logo a *Quimera* com os dentes acezos, como dedos das maons de finado, de que falam as velhas. Depois o *Minotauro*, que tinha vindo de arribaſam do labirinto de Creta para aquele boſque. Seguiramſe logo as Gorgonas: e averia muito mais que ver, ſe os bichos nam escarmentaſem em cabeſa alheia. Monſtros eram eles, mas brutos nam. Viram arder as barbas do ſeu vizinho, e deitáram as ſuas de remolho. Até niſto faltou o ſenhor Pina á veroſimilhanſa. Menos ferocidade inculca um toiro, e com tudo recebe o primeiro, ſegundo, e terceiro rojám, e muitos mais, e ſempre inveſtindo até que ſe lhe acaba primeiro a vida que o furor. Por certo que acho abilidade no ſenhor Pina para converter o cam Cerbero em cachorrinho de eſtrado. Quem vê toda aquela bulha fica aſuſtado, e poemſe a eſperar quando vem o lagarto de Penha de Franſa fazer a ſua figura: até que indo ver nas notas do Poema a explicaſam deſte ſuceſo, acha que *a victoria, que alcanſou o Eroe dos monſtros, ſimboliza a que conſeguio das dificuldades orrorozas, que ſe lhe figuravam na imaginaſam.* Digam-me agora que mais fez D. Quixote? Vio uns moinhos de vento: reprezentáramſelhe gigantes; e inveſtio com eles. Vio um rebanho de carneiros: pareceolhe um exercito; e foi direito a eles. E aſim nas mais aventuras. Ainda eu acho peior o Peregrino; porque D. Quixote via objectos materiaes, que

se lhe reprezentavam diversamente do que eram em si; mas o Peregrino só tinha objectos fantasticos. Mais. D. Quixote formava ideia de gigantes, que tem avido no mundo, e de exercitos, que tambem existem: mas o Peregrino via a Quimera, Minotauro, Gorgonas, e bichos, que nam ha, nem ouve.

Além disto é improprio o lugar, onde vem esta pendensia: porque se esas dificuldades, que lhe pareciam orrorozos monstros, lhe ocorresem antes de principiar a empreza, bem estava: mas ja no 6 livro, depois de ter combatido sinco seitas, isto é fraqueza. Bem se lhe podia dizer o que Christo a S. Pedro: *Modicæ fidei, quare dubitasti*? ou o mesmo Senhor a S. Camilo de Lelis: *Eja pusillanimis, quid times? inceptum sequere opus*. Mais. Que ele receáse contender com as outras naçoens, cujas seitas, ainda que falsas, tem ao menos algum aparente fundamento para a defensa de seus falsos dogmas, era fraqueza; mas podia admitir desculpa: porém temer o combate contra o Alcoram, cujas futilidades, e incoerensias podem conhecer os rapazes, isto é coiza digna de rizo. O certo é que o senhor Pina escreveo as coizas quando lhe lembráram, e nam quando deviam ser; a pezar do senhor Apologista, que diz que os Epizodios vem muito em seu lugar.

Em quanto a unir o Eborense ao nome de *D. Quixote* o atributo de *Religiozo*, nam lhe cauze espanto; porque esa é a unica diferensa, que tem este Eroe daquele cavaleiro andante,

dante, no paſo dos monſtros, e outros taes: de ſorte, que o Manchego andava vingando agravos, e dezagravando ofenſas, como a do Marquez de Mantua, ſeu tio, que lhe cuſtou o juramento de *nó comer pan a manteles haſta vengarla*: e o Peregrino vencia todos aqueles bichos com o fim de chegar a executar uma obra Religioza: por iſo neſtas brigas fantaſticas foi *D. Quixote*; e no fim, para que as executou, era *Religiozo*. Além de que, *D. Quixote* nam é nome excluzivo de virtudes; e pode um omem ſer ſanto, e chamarſe D. Quixote. E neſte cazo pode o ſenhor Pina rezervar os aſoites para quando vierem a tempo.

Continúa o ſenhor D. Joaquim com a ſua repreenſam aos Criticos; e pergunta: *Se o Pina tem* imagens beliſimas, *e* raſgos bem poeticos; *como dizeis que lhe falta a Peripecia*, *e roſnais nam ſei que ſobre os epizodios*? Para aqui queria eu o rizo dos Pizoens, ou de Perſio, que nam podia conterſe em vendo deſtas: *Quid faciam? ſed ſum petulanti ſplene cachino.* Tanto ſabe o ſenhor D. Joaquim que coiza é *peripecia* (ſegundo moſtra) como eu ſei o que neſta ora ſe faz na India. Que parenteſco tem cá Judas com a alma dos pobres? *Peripecia*, ſenhor Apologiſta, é o meſmo que *mudanſa de fortuna*, ou de mal para bem, ou de bem para mal. Veja agora que coneſam tem uma coiza com a outra. Pode aver em um Poema a *peripecia*, e faltaremlhe as *imagens beliſimas*, e os *raſgos bem poeticos*: e ao contrario, tendo todas

das esas qualidades, faltarlhe a *peripecia*, como se vê no do senhor Pina. Ora aprenda primeiro; e depois falará. Saiba antes o que diz; e escuzará de dizer o que nam sabe. E vem cá falando em *pilhar a dente*, e em *ripios*! O Eborense achou de menos, ou, por melhor dizer, nam achou a Peripecia, porque a conhecia: mas vosa mercê fala nela sem saber que prestimo tem. Veja qual dos dois pilhou a dente a palavrinha, se vosa mercê, ou se ele.

Voltemos agora para o senhor Pina, que a respeito deste ponto diz na apologia que, se o Eborense *nam acha a Peripecia no Triunfo*, *veja se a pode descobrir lendo o* § 31 *do Prolegomeno.* Eu, que sou muito bem mandado, fui ver o tal lugar com curiozidade; e achei que *principiou a mudarse a fortuna quando conheceo o Peregrino que Polifilo era seu pai*; *e soube a sua istoria*, *e o seu ilustre nascimento.* Em pouco estava a sua infelicidade! O certo é que omem pobre com pouco se alegra. Isto aconteceo no livro 5, depois de ter combatido sinco seitas. *Dali em diante*, diz o senhor Pina que *foram felices todas as suas açoens*, *até fazer triunfar das seitas a Religiam*, *que era o fim da sua empreza.* Logo as açoens antecedentes ficam sendo infelices. Esta ilasam é certa; pois, sendo a Peripecia *mudansa de fortuna*, e esta mudou para felicidade, devia antes ter sido infeliz. Logo se o Peregrino foi desgraçado nas suas açoens até áquele tempo, seguese que nam conseguio até entam victoria contra os inimigos da Fé; pois, sendo ese o seu

unico

unico fim, nam merecia o nome de infeliz, ſe o tiveſe alcanſado. Bem eſtá. Logo como poderemos dizer que ele fez triunfar a Religiam em todas as ſeitas eterodoxas? E neſtes termos, pergunto: Ou o Peregrino triunfou de todas as ſeitas, ou nam? Se triunfou, em todas foi feliz, porque conſeguio o fim propoſto: ſe nam triunfou, ahi temos que por culpa ſua ficou incompleto o Triunfo da Religiam; pois ſó convenſeo as tres ſeitas, que ſe ſeguem dali por diante; ficando por converter as 5 primeiras, e antecedentes ao lugar da Peripecia. Além de que, ſe niſo eſtava a infelicidade do Eroe, nam devia alí entrar a Peripecia, porque ja a eſe tempo tinha convertido ao menos tres, que eram os Deiſtas, Religionarios, e Cirenaicos. E ſe era infeliz até entam por padecer trabalhos, muito mais o foi dahi por diante; porque logo no principio do 6 livro ſe vio dezamparado do Genio, metido entre os demonios, e rodeado de monſtros indomitos, que o queriam devorar. Eſtes trabalhos nam experimentou ele no tempo, que lhe conſinam de infelicidade; e ſó depois ſofreo tanto, que ficou provada a ſua conſtanſia, de que o Genio lhe paſou carta de aprovaſam abſoluta para poder vencer dali ao diante todos, e quaeſquer trabalhos, dizendolhe:

Sem fadiga, e trabalhos nunca a gloria
(Reſponde o Genio) e as luzes da memoria
Se podem conſeguir: mais pronto, e forte,
Para vencer o acazo, o fado, a ſorte
Te conſidero agora *et c.* Neſtes

Neſtes termos devemos aſentar firmemente em que nam ha tal Peripecia no Poema; porque, ſe o ſenhor Pina, ſendo o Autor, nam lha poude achar em outra parte, conhecendo nós que nam pode aqui ter lugar, onde ele a acha, devemos aſentar em que ſó ſe lembrou dela no Prolegomeno, e nam quando eſcreveo o Poema. Iſto digo, porque o ſenhor Pina nos dá eſta liberdade no § 31 dizendo que *os instruidos nos eſtudos Poeticos é que devem julgar ſe tem ſatisfeito ao caracter da Peripecia.* Eu nam me quero inculcar por um deſtes: mas a continuaçam de ler o ſeu poema nam pode deixar de me comunicar algum conhecimento deſtas coizas. Aſim confeſou de ſi Hipocrates ſendo chamado pelos Abderitas para curar a Democrito da loucura, que lhe ſupunham. E dando conta depois aquele grande Medico a ſeu amigo Damageto, lhe diſe: *Non inſanit Democritus, ſed ſuper omnia ſapit, et nos ſapientiores effecit.* E eu poderei tambem dizer que a liçam do Triunfo *me ſapientiorem effecit*, e quazi capaz de julgar ſobre o caracter da Peripecia.

Proſegue o ſenhor D. Joaquim a ſua crize, avaliando por falſo teſtemunho que o Eborenſe diſéſe que os amores de Polifilo com a Dama *foram alacaiados, porque logo paſáram ás do cabo.* Aqui chega a tal extremo a paixam do ſenhor Lisbonenſe, que nam ſatisfeito de chamar uma, e muitas vezes ao Eborenſe *falſo, falſiſimo, blasfemo, impoſtor*, etc. diz ultimamente que *leva o empenho de vincular á ſua pena o*

morga-

morgado das impoſturas. Pareceme que iſto merecia reconvenſam mais forte, em que ſe faláſe Portuguez; mas quero com a minha moderaçam repreender a ſua imprudenſia. Só copiarei agora uma das razoens, com que ele pertendendo defender o ſeu afilhado, o crimína mais orrorozamente; e é a ſeguinte: „ Para arguir a „ falſidade de tam inſolente impoſtura, nam é „ neceſario andar buſcando provas, ſe nam fa- „ zer uma madura reflexam na materia, que „ eſcreve, e no alto Mecenas, a quem dedica „ a obra. A materia é a mais Sagrada; pois tem „ por objecto o Triunfo da Religiam. O Me- „ cenas nam é menos que um Vigario de Chris- „ to, e ſuceſor de S. Pedro „. Eſta reflexam, com que pertende averiguar a impoſtura, é a que faz mas feio eſte erro. A verdade é que parece impoſivel; mas tambem é certo que aſim aconteceo. Por iſo eu diſe no Diſcurſo 6 que de boa vontade diſpenſaria no Poema a parte erotica, viſto ſer a materia tam ſagrada, e oferecerſe o livro ao Pontifice; e em ſemelhantes circunſtanſias nam ſe devia admitir eſte adorno poetico; por evitar a narraſam de uns amores profanos, que, ſe nam ſe reprezentam com viveza, ficam ſem graſa; e ſe acazo ſe deſcrevem com ternura, e veroſimilhanſa, facilmente lembrarám aos leitores o que ſempre lhes deve esqueſer: e iſto deve evitar o poeta Chriſtam, que nam quer ſer reputado por pouco exemplar.

Para averiguarmos a verdade, ou falſidade da acuzaſam devemos ver primeiro o lu-

gar do Poema, e depois a defensa do seu Autor, ponderando ultimamente com atensam se os amores merecêram o nome de *alacaiados*: e de caminho satisfarei ao dezejo do senhor Lisbonense, que diz que *deviam os Criticos indigitar o sitio, em que estes amores abitam v. g. em tal, ou tal verso; em tal, ou tal palavra.*

A purpura das faces inflamava,
Se alguem de amor, ou Venus lhe falava;
E nese mesmo incendio, que respira,
Entre a vergonha disimula a ira.

Eu nam sei que o lacaio com a cozinheira faça mais do que logo no tempo da pertensam entrar a falar de Venus: se fose só o falar de amor, ninguem poderia dizer que iam *ás do cabo*; porém falar de Venus, iso só acontece quando o cazo está muito adiantado: ou, por melhor dizer, as pesoas de alta esfera, como era a dama, nam devem falar de Venus, ainda quando tratam de amores. Eu capacitome de que o senhor Apologista sabe muito bem que *falar de Venus* é o mesmo que dizer palavras dezonestas, e que provocam a luxuria; porque Venus nam é outra coiza que o deleite carnal; como todos sabem, e explica Moya Fil. Secr. lib. 1, c. 10. Por iso dise muito bem o Eborense; pois, nam podendo chegar os amores profanos a outro fim mais que ao acto venereo, entrando Polifilo a falar logo deste, é certo que *foi ás do cabo*, e principiou por onde outros podiam acabar. E além disto, do modo, com que o senhor Pina se explica neste lugar, se pode inferir que a tal dama

nam

nam ouvia aquelas petulansias a Polifilo sómente, pois diz que *se inflamava a purpura das faces, se alguem lhe falava de Venus.* Aquele termo *alguem* nam se pode referir sómente ao mesmo Polifilo, que estava narrando o cazo; e certamente denota que avia outro, que tinha a liberdade de lhe falar na mesma materia: e pareceme que isto nam é improprio aos *amores alacaiados.*

Finalmente o modo, com que a tal dama se portava em semelhantes ocazioens, nam é muito grave; pois diz o Poema que quando lhe falavam de Venus, ainda que se envergonhava, nam mostrava aborrecimento, porque dissimulava a ira; como se vê nos ultimos dois versos sobreditos. Nam deve deste modo proceder uma senhora distinta; pois, vendo ofendido o seu respeito, está obrigada a conspirar com indignasam manifesta contra o ofensor da sua onestidade: e bem pode ser que, se ela asim o fizese ao principio, nam viese a cair mizeravelmente, e deixarse venser da palavra de cazamento, que lhe deo o amante quando a encontrou no jardim, onde lhe *permitio rizonha* o que até entam lhe negava vergonhoza. E com tudo isto pergunta o senhor Pina ao Eborense *que mais queria ele que fizese a donzela mais onesta da sua familia?* Por certo que nam cuidava eu que este lugar pudese servir de norma á onestidade das donzelas: mas se asim é, senhor Pina, pratique-o, mas nam o aconselhe: e as donzelas da familia do Criti-

co nam eſcrevêram contra o ſeu Poema, para voſa mercê as vir tirar a terreiro. Emfim nada mais digo ſobre eſte ponto da oneſtidade da mãi do Peregrino, porque me reporto ao Diſcurſo 3, onde ſe diſputou eſta queſtam.

DIS-

DISCURSO VIII.

BEm podia eu diſpenſarme de reſponder á 8 carta, viſto que o ſeu aſunto é tam impertinente para o noſo cazo; e em nada diz reſpeito ao Poema: mas como tambem o ſenhor Pina na ſua apologia fez cazo dele para o arguir, é juſto que eu tome o trabalho de o defender. Pudera, ſeguindo o coſtume ordinario, deſpicar o reparo com outros ſemelhantes, feitos nas cartas do ſenhor Velho, e ainda na do ſenhor Pina: porém é uzo, que me aborreſe; porque, moſtrando eu que os mais erram, nam emendo os meus defeitos. Conſiſte o delito em dizer o Eborenſe que *parto de dois mezes nam coſtuma gozar vitalidade*, aludindo ao tempo em que diz o ſenhor Pina que fizera o ſeu Poema. Sobre iſto eſcreve o ſenhor Lisbonenſe uma carta grande; mas como o ſenhor Pina, dizendo pouco, diz muito mais, merece repoſta em primeiro lugar. Diz pois que *Gaba a galantaria da comparaſam*; *mas que pudera lembrarſe o Critico que a diuturnidade da concepſam nam prova a vida do feto, nem a grandeza do ſeu eſpirito. Bem de vagar emprenham os montes, e ſaem quazi ſempre com um rato.* Eu tambem lhe gabo a galantaria: mas tomára que me diſéſe donde adquirio a notiſia de que os montes emprenham de vagar; pois Horacio, que é quem fala neſte parto dos montes, ſó diz: *Partu-*

Parturiunt montes, nascetur ridiculus mus.

Em quantó ao ponto principal, em que diz que *a diuturnidade da concepsam nam prova a vida do feto, nem a grandeza do seu espirito*, nada convense; porque no que se fala agora é em *parto de dois mezes*; e nam deve vir respondendo com *concepsam diuturna*; pois nam é o mesmo o *parto*, que a concepsam. E quem lhe meteo na cabesa que a *concepsam* pode ser *diuturna*? Suponho que foi carapetam de algum estudante de Medicina. A concepsam, senhor Francisco de Pina, nam ocupa mais tempo, que aquele, em que se recebe a materia, de que se deve formar o feto: e nisto nam pode aver diuturnidade. Se asim fose, muitos nasceriam sem orelhas, ou nariz, por esquecimento dos pais, ou por falta de tempo na tal diuturnidade, que só pode admitirse na gerasam, ou formasam do feto, até receber a ultima forma, que lhe dá o ser.

Voltemos agora para o senhor D. Joaquim, que entra a alegar exemplos de produçoens repentinas, que prezenceou; entre os quaes vem o de um poeta do seu tempo, e patria, que em 15 dias escreveo 500 oitavas. Foi forte escrever! Se tiver o jejum como o oitavario, eu afirmo que o senhor Lisbonense lhe nam seja tam devoto. Queira Deos nam ande por aqui o Poema Indico, que tem mil, e oitocentas. Outro poeta *fulminou* oitavas de repente até lhe dizerem *basta*: coiza, que sem dificuldade me poderia acontecer; porque os ouvintes abor-

recidos

recidos me pediriam que me caláſe; dizendo nam ſó uma, mas mil vezes *baſta*. Outro falou em romance Eroico por eſpaço de uma ora. Reſta ſaber ſe falou bem; que é onde eſtá a dificuldade: o certo é que falou muito, e nam deixaria de errar muito; porque *quem muito fala muito erra*. Invejolhes a vaſtidam a éſes poetas, e nam o coſtume Na poezia vocal é prenda a prontidam: na eſcrita é vicio perigozo: porque *verba dicta tranſeunt, ſcripta autem permanent*. Além de que, nam é o meſmo fazer muitas oitavas, que compor uma Epopeia. Os maiores omens, que tem eſcrito, ſe jactam de conſumir nos ſeus Poemas muitos anos de trabalho; e com tudo nam puderam evitar todos os defeitos. Virgilio trabalhou 12 anos na *Eneida*: Taſo quazi outros tantos com a ſua *Jeruzalém*: Camoens perto de 18 com as *Luziadas*: Sanazaro mais de vinte com o Poema *De Partu Virginis*: Silveira 22 com o *Macabeo*: etc. E no fim de tudo iſto, depois de notar defeitos em todas as mais famozas Epicas, ſae o ſenhor Pina dizendo que *para merecer deſculpa nos ſeus erros baſta o dizer que o ſeu Poema foi obra de dois mezes; a tempo, em que eſtava combatido das maiores afliçoens do corpo, e eſpirito*. Pois quem o obrigou a que o imprimiſe tam de preſa? Quem quer ſair a publico a ſer admirado, deve ir prevenido, e evitar quanto lhe for poſivel todos os defeitos. Além de que, ſem certidam do Paroco nam eſtamos obrigados a crer que a criança foi de dois mezes, principiada em 23 de Maio, e

acaba-

acabada a 23 de Julho, nem mais ora, nem menos ora; e iſto entre afliçoens de corpo, e espirito. Admirome de que no tempo, em que nam padeſe eſtas afliçoens, nam faz maiores milagres. Se aſim foſe, nam caberiam ja nas livrarias as ſuas compoziſoens. Bem parece que foi efeito de melancolia o ſair a brigar com todo o mundo; viſto que nam pertenſia ao ſeu eſtado aquela empreza.

Continuando agora com o ſenhor Velho do Canto, que principia a zombar do Eborenſe com as ſuas ordinarias chufas, tenho alguma coiza, que dizer. Concede ſua mercê ao Eborenſe que poſa dizer para ſeu dezafogo, *que aſim como a crianſa dada á luz em dois mezes de concebida nam pode naturalmente viver, aſim tambem a produçam da crianſa da Epopeia gerada, e parida em dois mezes, naõ pode gozar da vitalidade.* Porém no cazo de que iſto diga o Critico, replíca logo o ſenhor Velho, muito alegrinho da ſua vida, e ſatisfeito com a ſua agudeza: *Nam é iſto o que reſponde? Pois ſaberá que nada tem reſpondido. Eſſe parto de dois mezes nam ſe chama parto, ſe nam aborto.* Diſe voſa mercê maravilhas ſenhor Lisbonenſe. Ora ja que ſe veio meter a deſtro, apare lá o *duo contra.* O parto de dois mezes nam é *aborto*, é *aborſo.* O aborſo é nos primeiros mezes; e o aborto é quazi no fim do tempo ordinario da prenhez. Veja o Faciolatí (verbo *Aborſus*) que diz: *Differt tamen, quia aborſus eſt in primis menſibus; abortus prope tempus pariendi. Deinde abortus ducitur ab*

ab-

aborior; *et aborſus ab* ordior. Por eſta nam esperava voſa mercê; mas veio buſcar lãa, e foi toſquiado. Veja quando torna por cá com outra diſtinſam; que lhe pagarei o ſeu trabalho. E além diſto o parto *eſt actus pariendi*: e ſe o aborto, e aborſo ſe fazem do meſmo modo, tudo é parto. O parir nam é outra coiza que lançar o feto, e ſe entende tanto nos animaes viviparos, como nos oviparos; como eſcreve o meſmo citado Autor: *Parere eſt fætum, vel ovum emittere.*

Nam á neſta 8 carta mais coiza alguma, a que deva darſe repoſta. O ſenhor Pina tambem nam diz mais ſobre a materia. Quem quizeſe oſtentar erudiſam em Medicina, e Fizica, poderia dizer muito ſobre o ultimo ponto da animaſam do feto, que o ſenhor Apologiſta trata no fim deſta carta, ſómente por ſatisfazer a um eſcrupulo, que conſiſte em ignorar a razam, porque o varám ſe anima aos 40 dias, e a femia aos 80. Diz a iſto que *ninguem foi lá eſpreitar naquela recondita oficina de tam prodigioza fabrica o tempo da animaſam de um, e outro ſexo.* Ainda que aſſim nam o afirmaſem os melhores Fizicos, e tiveſem obſervado os mais perſpicaces Anatomicos, a Eſcritura Santa nos perſuade que entre o feto varám, ou femia, ha grande diferenſa nas circunſtanſias dos ſeus tempos. No cap. 12 do Levitico determinou Deos a Moizés a purificaſam das mulheres, e lhe diſe: *Si peperit maſculum, immunda erit ſeptem diebus. Sin autem fœminam, duabus hebdomadibus.* E no mesmo lugar confina ao parto de varám 33 dias de

 puri-

purificaſam; e ao de femia 66 dias; duplicando ſempre na femia os dias: e parece que a opiniam de duplicarlhos tambem na demora da animaſam, nam é coiza, que poſa cauzar *remorſos na conſienſia* ao ſenhor Lisbonenſe.

Mas ja que é tam eſcrupulozo neſta materia, quizera eu que o foſe em outras, que lhe lembrarei agora. Diz o ſenhor Pina no ſeu Poema, tratando das delicias, que eſtam guardadas para os bemaventurados, que

.... nas ſubſtanſias,
Em que borbulham celeſtiaes redomas,
Ha de encontrar um goſto conducente
O noſo paladar

Acarreta logo para provar iſto a S. Agoſtinho, S. Anſelmo, S. Lourenſo Juſtiniano, e S. Proſpero. Mas o texto, que refere, nam lhe faz muito bem; porque diz: *Indicibilis quædam cæleſtis omnis delectabilium melliflua jucundabit oris palatum.* Pareceme que iſto nam é o meſmo que dizem os verſinhos do Poema. Além de que, o Santo Padre conſiderou como inexplicavel o modo, com que ſe gozará eſta delicia: *Indicibilis*; mas o ſenhor Poeta meteoſe a deſtro, prézumindo ter melhor dom de clareza; e prezumindo poder explicar o que o Santo reputou por impoſivel de ſe dizer: para o que ajuntou *ſubſtanſias borbulhantes*, *redomas celeſtiaes* etc. Nam ſei como nam lhe pôz o mel pelos beiços; viſto que aquele *melliflua* podia patrocinar a interpretaſam. Eu nam vi quem ſeja mais liberal! Ora pergunto, ſenhor Pina: Ou avemos entender iſto

literal-

literalmente, ou misteriozamente? Se misteriozamente, venha o comento das *subſtanſias*, e a definiſam das *redomas*; viſto que nam ſe poderá achar eſa expoziſam nos SS. PP. E ſe deve entenderſe iſto literalmente; pergunto mais, ſem alterar as formaes palavras de um lugar do Poema p. 224.

.... neſta bemaventuranſa
Ha fome, e ſede, ou nam? Se ha ſede, e fome,
Triſte gloria ſerá: ſe o Beato come,
Ou ſe bebe, ſem ela, comó alcanſa
Quem bebe, ou come, o goſto, ſem q̃ o excite
Das taças, dos manjares o apetite?

Eſte argumento pôs o Peregrino para convenſer o Moiro, e moſtrarlhe a falſidade da gloria, que lhe promete Mafoma: e 8 paginas adiante reprezenta a gloria, que Deos omnipotente, e verdadeiro, tem deſtinado para os bemaventurados, e poem logo a meza de ſubſtanſias nativas, que eſtam fervendo, e borbulhando nas redomas, como o melaſo em fraſcos. Eisaqui porque o Eborenſe teve razam em dizer que eſtes aſuntos nam deviam tratarſe em verſo. Bom ſeria que a explicaſam deſte lugar devêſe algum eſtudo ao ſenhor D. Joaquim, para que ſe preveniſe o reparo de algum leitor pouco inſtruido nas materias da Religiam, que vá entendendo as coizas como filozofo natural; que a iſo ſe expoem quem eſcreve na lingua vulgar ſemelhantes controverſias; que ſendo dirigidas a convenſer abuzos, devem desfazer as agudezas de um erege maliciozo, e as ignoranſias de um Chriſtam mal inſtruido; que, por fal-

ta de inteligenſia, duvida como filozofo diſcorrendo, o que devia crer como Catolico Romano, cativando o entendimento *in obſequium Fidei.* Devia o ſenhor Pina advertir que um livro escrito no idioma vulgar pode chegar ás maons de muitos ignorantes, que entendem literalmente tudo o que acham eſcrito, para nam traduzir neſte ſentido o que os SS. PP. diſeram por alegoria, metafora, ou miſterio, para educaſam dos inteligentes.

Depois de nos expor o ſenhor Apologiſta eſte lugar, poderia muito bem declarar o ſentido de outros, em que ha alguma duvida, procedida de impropriedades da narraſam: como v. g. onde diz o ſenhor Pina:

Do Solio, aonde Deos ſempre prezide,
Puriſimas correntes ſe deſprendem.

Eſtas correntes, que diz que ſe deſprendem do Solio de Deos, ſam as aguas da vida, que vio S. Joam no Apocalipſe: *Fluvium aquæ vitæ, procedentem de Sede Dei*; as quaes nunca eſtam, nem eſtiveram prezas *ad ſanitatem gentium*, para que entam pudeſem deſprenderſe. E além diſto *deſprender correntes* mais indica dezatar cadeias, do que manar aguas: e foi mal eſcolhido para aquele lugar o verbo *deſprender.*

Em outro lugar, reprezentando uma boca do inferno, introduz o ſenhor Poeta um demonio orador, perſuadindo aos mais demonios a diligencia de perſeguir o Peregrino, e impedir as ſuas victorias; viſto o muito proveito que delas rezultava ás almas dos Catecumenos. Mas

é

é para admirar o dezembaraſo, com que o tal diabinho, falando com outros como ele, por dizer a verdade, diz mal de ſi, do ſeu artificio, das ſuas obras, e da ſua tirania. Por bem pouco que nam pertendeo o ſenhor Pina converter tambem os demonios, viſto que os poem em termos de confeſar as ſuas culpas; e ſe pudeſe darlhes a condiſam de *cordis contritio*, como lhes concedeo a de *oris confeſſio*, entrando a penitenſia onde falta a ordem: *ubi nullus ordo, ſed ſempiternus horror*, chegaria a redenſam aonde nam ſe eſperava: *ubi nulla eſt redemptio.* Oiçamos o lugar do Poema:

Daqui a pouco tempo algum vaſalo
O abiſmo nam terá, em que ſe veja
Contra a luz Evangelica da Igreja
Proſeguir a ſoberba tirania
Da noſa antiga infauſta monarquia.
Donde eſtam os impulſos turbulentos,
Com que dais nova furia aos elementos?
Donde aqueles adulteros concurſos,
Que pervertem dos omens os diſcurſos?
Donde aquele execravel artificio,
Com que triunfa da virtude o vicio?

Nem *el diablo predicador* podia dizer mais verdade. A iſto é que ſe chama cortar direito. O demonio confeſando a ſua *ſuberba*, *tirania*, *impulſos turbulentos*, *adulteros concurſos*, *execravel artificio* et c., e reconhecendo todas as ſuas maldades. Outro tanto nam fazem muitos omens, que ſempre inconſitentes ſuſtentam os ſeus erros, chegando deſte modo a exceder ao demonio na ſuberba.

Tambem

Tambem nam poſo perceber o fundamento, com quem o ſenhor Pina deſtinou o ardor do ſeu dezejo a compreender a lei Divina:

Que ardor mais digno de imortal cadenſia,
Que aquele, em que o dezejo ſe deſtina
A' ſabia compreenſam da lei Divina?

David fazia a ſua continua meditaſam na lei de Deos: *Lex tua meditatio mea eſt*: pedia ao Senhor que lhe déſe entendimento para a inveſtigar: *Da mihi intellectum, et ſcrutabor legem tuam*: mas nam ſei que chegáſe com toda eſta aplicaſam a compreender a lei do Altiſimo; antes ſe umilhou reconhecendoa incompreenſivel: *Ego vero legem tuam meditatus ſum: Bonum mihi quia humiliaſti me, ut diſcam juſtificationes tuas.* Talvez lhe aconteceo o meſmo que a S. Agoſtinho quando intentava a compreenſam do miſterio altiſimo da Trindade de Deos; que, recebendo de um Anjo o dezengano, ſe umilhou dentro no ſeu coraſam, crendo ſó o que ouvia; como David: *Ego autem in toto corde meo ſcrutabor mandata tua. Bonum mihi lex oris tui.* Nam ſe contenta o ſenhor Pina com a contemplaſam da lei, ſe nam á uma *compreenſam ſábia*; ſem advertir no que diz S. Paulo: *Incomprehenſibilia ſunt judica ejus.* E Jeremias: *Magnus conſilio, et incomprehenſibilis cogitatu.* Nam ignora ſua mercê iſto; e o diſe na pag. 68.

E ſe é demenſia de um objecto umano
Pertender alcanſar o umbroſo arcano,
Que ſerá deſe objecto, em que naufraga
Da triſte fantazia a ideia vaga,
E que inda eſtá mais longe á negligenſia
Da noſa limitada inteligenſia?

Diſe bem; mas explicouſe mal: pois, tendo dito que a fantazia naufrága no objecto Divino, diz que ainda eſte diſta mais da inteligenſia. Daqui poderemos inferir que os brutos conhecem o creador melhor que os omens, pois nos diz que ao entendimento, que ſó ſe acha neſtes, eſtá mais diſtante o conhecimento, que á fantazia, que tambem ſe dá naqueles. Ora ſempre lhe ficamos muito obrigados. Poderia diſimularſe que nos puzeſe em paralelo com os irracionaes; mas fazer a potenſia intelectiva inferior á fantazia, é lograſam.

Tambem me deixa alguns eſcrupulos o que afirma o ſenhor Pina na ſua apologia a reſpeito da palavra *thalamo*, dizendo que ſó ſignifica o *leito conjugal*; para provar com iſto que, para explicar que o Peregrino era filho de legitimo matrimonio, baſtava o ter dito no Poema que quando ele naſceo ſe fecundou o talamo. E aſim dezejo que o ſenhor Lisbonenſe me explique como avemos de entender o himno de S. Joam onde diz: *Senſeras Regem thalamo manentem.* O Rei, que eſtava no talamo, era Chriſto ſenhor noſo no ventre puriſimo de MARIA ſantiſima: e como a Senhora é Mãi, e nam eſpoza de ſeu ſantiſimo Filho, ficame algum eſcrupulozinho, viſto que tam ſeguramente nos afirma o ſenhor Pina que eſta palavra nam pode ter outro ſignificado. Alguns

Alguns me ficam tambem em que o ſenhor Poeta diga que frutos das arvores da vida, que eſtavam pela margem do rio da cidade celeſtial, eram de ouro:

Da vida varias arvores ſe extendem
Pelas margens do rio: carregadas
De aureos pomos ſe vem *etc.*

Por certo que é muito bom modo de pôr a gloria no jardim das Heſperides, depois de reprender o Moiro de ſituar a ſua bemaventuranſa nas ortas de Epicuro. Talvez que, ſe os pomos da arvore da vida do Paraizo foſem como eſtes ſe descrevem, nam ſeria neceſaria a expulſam de noſos primeiros pais: *Ne forte mittat manum ſuam, et ſumat etiam de ligno vitæ, et comedat. Emiſit eum Dominus Deus de paradyſo.* E ſem que Adam foſe Midas, que por eſpecial dom os convertêſe em ouro, ficaria ſendo Tantalo, que dezejáſe, e nam pudeſe comelos. Senhor Franciſco de Pina, nam é o meſmo deſcrever poeticamente um edificio terreſtre, que uma cidade celeſtial. As vizoens, as profecias, e emfim todos os lugares da Eſcritura, que ſam admirados por miſteriozos, devem uzarſe ſem ornato, que os desfigure; e ſó ſe poderia admitir mais alguma liberdade nos paſos iſtoricos, em que pela maior parte nam ſe incluem tantos miſterios nas palavras, como nos factos. Bom fôra que niſto nos déſe o ſenhor D. Joaquim alguma expoziſam, que nam ficava impropria do ſeu oficio; e gaſtava melhor o tempo, do q̃ em criticas de Poemas, para que lhe ſinto negaſam em quanto obſervar as coizas como pareſem, e nam como ſam em ſi. DIS-

DISCURSO IX.

ESColheo o ſenhor Velho para aſunto deſta carta a voz *ulular*, de que uzou o Eborenſe quando louvando o ſenhor Pina de ter imitado a Virgilio, fazendo ulular as Ninfas quando ajuntou os amantes: e tambem a palavra *gazofilacio*, de que uzou o Critico de Vila Viçoza. Principiando pois pela primeira, diz o ſenhor Pina que *quem ſe rezolveo a dizer* ulular *bem podia conſentir que ſe tiveſe dito* orientar *e* analizar. Aqui reſpondo eu que ſe nam deo a meſma razám, que podia aver para que o Eborenſe uzáſe daquela palavra, que ſendo a dominante do lugar de Virgilio, que quiz trazer á memoria, lhe pareceo que baſtaria ſó ela, ſem referir as formaes do Poeta. Poderia o ſenhor Pina fazer eſta paridade, ſe lhe tiveſem condenado algumas, com que no ſeu Poema pratíca o meſmo uzo; como v. g. quando diſe *ſuperſeminar*, que é verbo, que nunca ſonhou naturalizarſe em Portugal; e com tudo foi louvavel o ſeu uzo, porque aſim traz á memoria mais facilmente a parabola do omem inimigo, de quem diz o texto que *venit, et ſuperſeminavit zizaniam*:

Creſcendo o gram nos aridos caminhos,
Sem que ſuperſemine o infame arrojo
Do inimigo comum com mam groſeira
A zizania infeliz na ſementeira.

Em outra parte uza do adjectivo *inconſutil*, que

nam é Portuguez; mas tambem nam merese crize, porque com ele faz melhor lembrar *a tunica inconsutil*, de que ali fala, por ser esta a palavra de que uza o texto: *Erat autem tunica inconsutilis, desuper contexta per totum*:

Vós rasgastes a tunica inconsutil
Da Igreja com a seita.

E do mesmo modo se deve reputar o uzo da voz *trisulcada*, que serve para lembrar a imitasam de Virgilio, quando descreveo as serpentes furiozas: *linguis micat ore trisulcis*.

.... A lingua trisulcada
Da colera parece fulminada.

Persuadome de que bastam estes tres exemplos, sem sair do Poema, para que nam se posa censurar tam rigorozamente a voz *ulular*, nas circunstansias, em que a uzou o Eborense, que sirva de unico asunto a uma das cartas do senhor D. Joaquim, que é quem menos podia falar nesta materia, em que tem mais erros, que o senhor Pina descuidos. Digo *descuidos*; porque nam poso acreditar que muitas coizas fosem escritas com advertensia, quando sam de tal qualidade, que os indoutos as sabem: como v. g.

Reparai nos aneis, com que as videiras
Se enlasam nos espeques das parreiras.

Como se a arvore, que dá as parras, e se chama *parreira*, nam fose a mesma que tem as vides, e se pode chamar *videira*: ou como se disése com Alciato:

Arentem senio, nudam quoque frondibus ulmum
Complexa est viridi vitis opaca coma:

Asim

Aſim tambem *a fluxivel afluenſia*; que, além de pleonaſmo, nam ſe une bem com *a ſubſiſtenſia*; porque aquilo, que corre, nam ſubſiſte:

Nas aguas ſe figura a ſubſiſtenſia
De tam fluxivel, provida afluenſia.

A agua, que corre, exiſte, nam ſubſiſte. *Correr*, e *ſubſiſtir* ſam contraditorios. Grande ſeria a noſa felicidade, ſe iſto foſe poſivel: eſcuzariamos de chorar perdido tanto tempo, que ja paſou, e nam pode tornar; correo, e nam poude ſubſiſtir. Do meſmo modo que o tempo é a agua, nem ha coizas mais ſemelhantes. Diſcretamente o diſe Ovidio:

Ipſa quoque aſſiduo labuntur tempora motu,
Non ſecus ac flumen; neque enim conſiſtere flumen,
Nec levis hora poteſt etc.

Nam percebo tambem como pudeſe o Peregrino eſtar elevado no abiſmo de uma profunda ideia:

Quando mais elevado neſte abiſmo
De tam profunda ideia, a mente inflamo.

Ser elevado a lugar profundo, nam ví ainda. Dirá que a ideia nam é lugar; e que iſto é modo de dizer: mas eu reſpondo que é mao modo; e podia dizer *arrebatado*, *abſtracto*, *aplicado* etc. Replicará a iſto que muitos AA., para explicarem o mar profundo, lhe chamam *alto*; como Virgilio: *Poſtquam altum tenuere rates*: porém iſto nam faz exemplo; porque o mar, ſendo plano na ſuperficie, que conſerva em nivel por natureza do liquido, ſó pode ſer alto onde é fundo, conſiderando a altura a reſpeito da ſuperficie da

terra. Além de que a palavra *elevado* em Portuguez é o mesmo que *levantado*; e nam ha licensa de a uzar na significasam contraria, como faziam os Latinos, que com o verbo *elevo* explicavam umas vezes o mesmo que *tollere in altum*, outras o mesmo que *extenuare*, *minuere*. E a palavra *abismo* tambem denota significasam inconexa com a elevasam; ainda que algumas vezes posa limitarse; posto que nam na prezente.

O verbo *anteceder* em lugar de *antepor*, ou *avaliar por melhor*, é tambem para mim bem novo Dele uzou em proza o senhor Pina nas notas do seu Poema pag. 60, onde diz que *Dionizio Longino compoz em Grego um tratado* de sublime, *que os Francezes julgam por texto da verdadeira eloquensia, e o antecedem a Aristoteles*. Quem construise este lugar segundo a significasam do verbo, sem se lembrar da época, diria que os Francezes faziam este Autor mais antigo que Aristoteles, que iso é em bom Portuguez *anteceder*.

Tambem é muito mal entendido o nome de *Guiam* falando de muzica; e nam percebeo, nem soube traduzir o senhor Pina o texto de Aristoteles: *Quod in navi gubernator: quod in curru agitator: quod in choro præcentor: quod denique lex in civitate, et dux in exercitu, hoc Deus est in mundo*. A traduçam que lhe faz é esta:

Aristoteles diz que o Nume excelso
He como o picador na picaria,
O piloto no mar, na melodia
O Guiam, o decreto na cidade etc.

Nam quero notar que diga que *agitator in curru*

é

é o picador na picaria; que nunca tal foi, nem ſerá: ſó eſtranho o ſignificado de *Guiam da melodia*, que ſuponho que cuidou que era como o Guiam das irmandades, que guia os irmaõs aos enterros: pois nam, meu ſenhor; errou voſa mercê em tomar a coiza pelo tom. O Guiam na Muzica é um ſinal, que ſe poem no fim da linha, que ſerve como de chamada para moſtrar o ſigno, em que principia a linha ſeguinte: nam ha outro guiam; e cahio ſua mercê mizeravelmente, por falar no que nam entendia. Agora quero enſinarlhe o que é *Præcentor*, viſto que o ignora: vale o meſmo que *meſtre de capela*, que é o que eſtá diante dos muzicos fazendo o compaſo, com que ſe governa o coro. *Præcentor*: *qui canendo præcedit*, diz o Calepino: e ja que é curiozo de Grego, verá que χοροσ, *choroſtates*, que ele traz, é o meſmo que eu digo.

Tambem cuſta a entender aquele *mizero garrote*, com que diz que os Hebreos ſam desprezados em todo o mundo:

Nam padeceis o mizero garrote,
Com que todo o univerſo vos deſpreza?

Porque ſe o *garrote* ſe toma pela qualidade da pena, com que ſe coſtumam caſtigar os delinquentes de ſemelhante culpa, iſo nam acontece em todo o mundo; e ſó ſe pratica em uma pequena parte da Chriſtandade com aqueles, que naſcêram Chriſtaõs, ſendo caſtigados como ereges, e nam por Hebreos. E ſe o *garrote* ſe conſidera como deſprezo, tambem nam é univerſal; pois em muitas partes vivem livres, muito á ſua

vonta-

vontade, ainda que nam em reino propriamente ſeu. Eu julgo que o tal *garrote* ſó veio ſervir de conſoante a *ſacerdote*, que nam tem muitos, e fazer figura como boneco de jogo da péla. Podia darlhe um *piparote*, que tambem é deſprezo: e ſe os quizeſe afogar de outro modo, metelos de gigote em algum vazo, cujo nome acabáſe em *ote*, por lhe ſair tudo ao conſoante.

Paſemos agora outra vez á carta do ſenhor D. Joaquim, que continûa dizendo, *que nam é muito licito, antes ſuperfluo, introduzir na lingua palavras eſcuzadas, quando ela tem outras para exprimir os conceitos*. Veja logo ſua mercê quantas ſuperfluidades deſtas ſe acham no Poema do *Triunfo*: ſe nam podia dizer *ſacrificar*, quando eſcreveo *imolar*; *deſtruido*, quando diſe *deſolado*; *excelente*, quando uzou de *preſtantiſimo*; e outras muitas. Rariſima é a ocaziam, em que no Poema ſe lê palavra introduzida por neceſidade: e com tudo alí ham de ſer licitas, porque ſam do ſenhor Pina; aqui cenſuradas, por ſerem dos Criticos? Mas ja que vem cá meterſe a eſperto, ha de tirarme de uma duvida. Diz voſa mercê que em lugar de *gazofilacio* podia o critico de Vila Viçoza eſcrever *tezouro*, que ſignifica o meſmo. Sendo iſto aſim, quizera eu que me diſéſe porque razám no livro 2. de Eſdras cap. 12. ſe faz diſtinſam entre *tezouro*, e *gazofilacio*: *Recenſuerunt quoque in die illa viros ſuper gazophilacia theſauri*? Se tudo é o meſmo, para que ſe diz: *os gazofilacios do tezouro*? Se voſa mercê cuidáſe mais no que lhe toca, nunca chegaria eu a fazerlhe guerra

com

com os livros da ſua profiſam, de que eu ſou um pobre leigo.

Diz mais voſa mercê que *nenhum eſcritor da primeira nota faz vulto no conceito de Quintiliano para a licenſa de introduzir palavras.* E em outro lugar da carta 3. diz que *todas as vezes que um omem como Franciſco de Pina deo uzo a uma palavra, fica ja caracterizada para o uzo de todos.* De ſorte que quer voſa mercê aprovar no ſenhor Pina o que Quintiliano nam tolerou nos maiores omens. Por iſo voſa mercê tomou a liberdade de dizer *expungir*, *indultar*, *indigitar*, *prematurar*, *alindar*, *arrulhar*, *lauta*, *opipara*, *bilis*, *ginetarios*, *ripio*, *probidade*, *pintiparado*, *equeſtre*, *periódico* et c. Por ventura quando diſe que *as palavras uma vez uzadas por omem de tamanha esfera ja ninguem ſe atreve a expungilas do idioma*, teve alguma neceſidade para nam dizer em lugar de *expungir*, expulſar, rejeitar, deſterrar, lançar fóra *et c.*? Quando eſcreveo *indultar*, nam podia dizer *conceder*? O ſubſtantivo *indulto* eſtá oje recebido no noſo idioma; mas do verbo *indultar* nam ha neceſidade. O meſmo digo de *indigitar*; pois temos *apontar*, *ſinalar*, *moſtrar com o dedo* et c. que explicam muito bem. E finalmente em nenhuma das ſobreditas palavras, e de outras que me nam lembro agora, ouve neceſidade para o ſeu uzo: e mais que tudo me admiro de que tam depreſa ſe eſquecêſe o ſenhor Lisbonenſe do que diſe em toda a carta primeira, provando a liberdade da introduçam de termos; e aqui ja diga o contrario. Iſto tudo, e a pouca neceſidade, com

que

que das palavras exoticas uzou aſim o ſenhor Velho, como o ſenhor Pina, deixo eu ao exame dos curiozos; que eu, por nam ſer importuno, nam continûo eſte Diſcurſo.

DISCURSO X.

NA ultima carta intenta o ſenhor Apologiſta completar a ſua crize, ajuntando nela alguns pontos, que diz nam devem ficar ſem nota. O primeiro deſtes conſiſte em ter dito o Eborenſe que o ſenhor Pina escolheo para o ſeu Poema um aſunto *arido, descarnado, e ſem doçura.* Neſte ponto faz o Autor do Poema grande bulha; e agora o ſeu apologiſta grande gritaria. Principia, como coſtuma, dando inveſtida; e logo dizendo que ja lhe perdoa o *arido*; mas que o termozinho *deſcarnado* nam lho pode perdoar. Entra a conſiderar materialmente eſta palavra com o ſignificado literal; e ſobre iſto diz maravilhas. Alí tras a *carne ſem oſos, guizada com ſeus agilis mojilis*; e varias coizinhas mais, todas ſuas. Diz mais que *a carta do Eborenſe é que é carne, e juntamente ſangue.* Em outro lugar lhe chama *peixe*, ainda que *podre.* Ao menos ficará o Tranſtagano conſolado, ſabendo que da ſua carta ſe nam pode dizer que nam é carne, nem peixe. Diz o ſenhor Lisbonenſe que *é carne bem magra, em que nam ha coiza de ſubſtanſia.* Aqui havia muito que dizer; porque eu julgo que a ſubſtancia nam eſtá na gordura, que é uma ſuperfluidade do corpo. Diz tambem que a carta do Eborenſe *é ſangue; porque o faz nos golpes, que iniquamente dá.* Parece que achou onde cortar, viſto que com os ſeus golpes fez

sangue. Nam se inquieta a Lua com o ladrar dos caẽs, porque estes lhe nam podem morder:

En latrat, sed frustra agitur vox irrita ventis,
Et cursus peragit surda Diana suos.

Critica, que faz sangue, nam merece o nome de *peixe podre*. Mas o certo é que tambem se pode dizer por louvor o que em outras ocazioens se diz em vituperio. Será carne magra; mas é por ser toda fevra, e nam ter superfluidade: será peixe podre; mas é porque ao senhor Pina lhe soube mal, e nam a poude engolir, ficandolhe na garganta atravesada a espinha. Foi em si carne magra pelo que teve de solida: para o criticado, peixe podre pelo que lhe achou de dezagradavel. Porém deixemos metaforas, que de nada servem ao noso cazo.

Pasa o senhor Apologista da carne, em que se ceva a gula, para a carne, em que se recreia a lascivia; que, como falou em carne, era justo que se esbrugáse a metafora até ao oso. Prosegue dizendo que o Eborense *quer que o Pina escolhêse uma fabula mais carnuda, ou que só escrevêse sobre a materia vasta: mas iso era muito alheio dos anos, da Cristaddade, e da sezudeza do Pina.* Ora ja que nos fala tam farto, eu lhe falo tambem claro. Senhor D. Joaquim, se o Eborense quizese tomar o termo *descarnado* na significasam, em que vosa mercê o toma, certamente nam chamaria descarnado ao Poema. Nele se acha toda a casta de carne. Ha carne morta, e carne viva. Ha carne da gente morta na batalha dos Deistas, em que o Peregrino se fez cortador de cabesas.

besas. Ha carne de vaca, ou de toiro, no lugar dos monstros, onde se matou o Minotauro: ha carne de cabra, de serpente, e de toda a casta de bicho, que alí rendeo a vida aos golpes do montante do Eroe: e emfim ha carne de quiméra, que vale por muitas, porque consta de diversas especies de animaes, como a pinta Ovidio:

.... *mediis in partibus hircum,*

Corpus, et ora leæ, caudam serpentis habebat.

E finalmente até ouveram *carnes tollendas* (e tam *tollendas* que eram dignas de se tirar do Poema) pois pasáram os amores de Polifilo por jogo de entrudo, tomando a liberdade que permite o abuzo dese tempo. E se nam ouve desta carne, digame como foi aquilo de *falar de Venus*, e o *efeito constante do empenho* do senhor amante mór, executado no jardim ocultamente. Ninguem repare em que eu lhe chame *amante mór*; porque *Polifilo* é nome Grego, composto de ταιης, *poly*, que significa *muito*, e de πολυ., *philus*, que quer dizer *amigo*. Este nome deo o senhor Pina ao pai do Peregrino; e julgo que nam seria sem misterio, visto que é curiozo da lingua Grega: porém depois dezempenhou-o mal; porque era amor de cada canto. Principiou a amar muito um Francez, que tinha por companheiro, de sorte que ficaram a perder de vista os maiores exemplares de amor excesivo, que tem avido no mundo, *deixando escurecidos os afetos de Pylades, e Orestes.* Mas sendo indispensavel a separasam, sentio Polifilo a despedida com tal extremo, que

Com menos afliçam divide a morte
Do corpo a alma, do que a auzenſia dura
Rempeo deſta amizade a ligadura.

Até aqui moſtrou ſer *Polifilo*, iſto é, ſer *muito amigo*: mas pouco depois, vendo uma Dama, ſe preocupou de tal ſorte do amor laſcivo, que lhe fez eſquecer o natural; trocando o licito da amizade do Francez pelo ilicito da mancebia da femia:

Entre o orror deſta ſubita triſteza
Acazo vi um dia a chama aceza
De etherea luz no angelico ſemblante
De uma rara mulher.. ...

Nam foi precizo mais para ficar perdidinho. Comeſou logo a eſquecerſe do amigo, e empregou todo o cuidado *na empreza da conquiſtada Dama.* Bem ſe lhe podia dizer com Petronio: *Quam facile mulieres adamarent; quam cito etiam philorum obliviſcerentur*: Quam facilmente ſe rendeo ao amor de uma Dama; tam de preſa ſe eſqueceo do amor do amigo, como depois o meſmo Polifilo confeſou, que *o novo exceſo do amorozo incendio lhe foi riſcando tudo quanto outro objecto eſtá lembrando.*

Tornando agora outra vez ao ponto, que deixei, quero dizer ſobre ele alguma coiza ao ſenhor Pina, que entra a tratar dele, inculcandoſe profeta, como ſe pode ver nas ſeguintes formaes palavras da ſua apologia: „ Porque eu
„ bebi o entuziaſmo, nam daquelas correntes,
„ que fabularam os poetas entre os penhaſcos
„ do Pindo, mas daquele rio de agua viva,

„ *ſplendi-*

„ *ſplendidum tamquam cryſtallum*, *procedentem de* „ *Sede Dei*, *et Agni*, é que julga o ſenhor Critico „ que o aſunto é *arido*, *e deſcarnado*. Quem po- „ deria imaginar que tal proferiſe um Catoli- „ co? *Deſcarnado*, *e arido o aſunto* da noſa Fé!„ Tá, ſenhor Pina; menos bulha: nam grite; que nam fala com lapoens: nam tome as coizas a vulto. Se voſa mercê diſéſe que tinha bebido as doutrinas neſa fonte, acreditaria eu a ſua verdade, porque me dizem que é grande Teologo: mas dizer que bebeo o *entuziaſmo*, iſo é mais: nam me conſta que o Eſpirito Santo lhe eſtiveſe dictando ao ouvido; viſto que nam era precizo iſto para voſa mercê copiar o que achou nos livros, ſem acreſcentar um ſó argumento importante para o intento, que ſeja ſeu.

Em quanto á admiraſam, que faz de que o Eborenſe diſéſe que o aſunto era *arido*, *e deſcarnado*, devo julgar que quiz fazer o cazo muito feio, e fazer patacoada. Ora digame, ſenhor: em que falava o Critico? Nam era em Poemas? Pois porque razám nam diria que para eſtes era improprio aquele aſunto? O Poema deve ſer reveſtido de adornos, que o enfeitem; de epizodios, que recreem; de imagens, que agradem *et c.*: e por ventura damſe eſtas qualidades propriamente no aſunto de convenſer as ſeitas? As batalhas ſempre ſam orrorozas: e as diſputas ſam batalhas. E em quanto ſe diſputa ſobre a noſa Fé nas controverſias dos Infieis, nam devemos nós ter muito recreio; porque quando a ſeguranſa do Triunfo nos conſola, a caridade com

o

o proximo nos entriſtece. Temos a gloria de ver triunfar a noſa Religiam; mas como profeſores dela devemos ſentir amargamente que tantos Infieis ſe nam queiram ſujeitar á obſervanſia, acreditando ou a verdade da revelaſam, ou a evidencia da luz natural, com que tanto ſe conformam os preceitos da Lei. Em outro qualquer aſunto poderia com o venſimento ficar completo o goſto; mas neſte entam ſe aumenta a compaixam quando ſe vê inutil a doutrina. Triunfa a Religiam Criſtãa; e diſto ſe nos ſegue grande goſto: mas como nam vemos ſujeitos á ſua obſervanſia os vencidos, mais lugar nos fica á laſtima, que á gloria. Quem poderá alegrarſe com a perfidia dos Ereges? Quem com a cegueira dos Moiros? Quem com a obſtinaſam dos Judeos? *et c.* Eu julgo que ninguem: e aſim digo com o Critico que o aſunto por ſi é *arido, descarnado, e ſem doſura.* Além diſto, ſe o Poema (como ſuas mercês querem) deve ſer todo adornado de fingimentos, nam ſe deve miſturar a mentira com as mais ſerias verdades. Nam ha coiza mais bela que a verdade: ſe a quizerem adornar de mentiras, nam a ornam; antes a desfiguram: e ſe a pintam como devem, ham de pintala nua: e aſunto, que de ſua natureza é nû, e nam ſó deſpido de adornos, mas impoſibilitado para os receber, nam é proprio para um poema Epico: e diſe bem o Eborenſe quando lhe chamou *arido, e deſcarnado*; e falou muito materialmente o ſenhor Pina quando reputou iſto por erezia, e ſe admirou de que um Catolico tal diſéſe.

Segue-

Seguese a repreensam, que leva o mesmo Critico por dizer que o Poema nam serve ao publico de utilidade. Eu disera o mesmo, se estes senhores me desem licensa: pois para converter os Infieis, nam é bastante; para ilustrar os Cristaõs doutos, nada traz de novo; e para instruir os ignorantes, nam só é inutil, mas nocivo. Digo que é *inutil*; porque o estilo nam é proprio á inteligensia de taes leitores, que nam podem perceber muitas palavras, e menos os discursos: que é *nocivo*; porque, dado que alguns o percebam, na gente indouta deve a fé ser cega. E se nam, digame a razám porque é proibida em lingua vulgar a Sagrada Biblia? Achase nela alguma coiza contra nosa santa Fé, ou bons costumes? Sem duvida que nam. Pois muito mais o devem ser as Controversias para quem nam as estudou, nem aprendeo ao menos a conhecer a forsa de uma solusam, ou o sofisma de um argumento.

Aqui agora se justifica o senhor Lisbonense, dizendo que nam é capaz de levantar falsos testemunhos; sendo certo que obra repetidas vezes o contrario, como temos visto, e notado nesta obra. Aqui se torna a ratificar em que *leo as cartas originaes dos Criticos*, *que por um raro caminho chegáram á sua maõ.* Em outro lugar diz que lhas *fiou de Coimbra um Eclesiastico auctorizado*, que é o mesmo, a quem o senhor Pina dirigio a sua apologia, e a quem o Critico de Vila Viçoza escreveo a sua carta, e remeteo a de Evora. Pareceme que nisto há embrulhada; porque

eu

eu nunca vi que foſe *caminho raro* de conſeguir as coizas, quando eſtas ſe recebem da maõ de um amigo, que as poſue. Muito pouco coſtumado eſtá o ſenhor D. Joaquim aos favores dos ſeus amigos, viſto que a um ſemelhante modo de empreſtimo chama *caminho raro*. Grande memoria é preciza para evitar incoerenſias!

Mas vamos ver o que ſae deſta juſtificaſam. Que ha de ſair? o coſtumado: outro teſtemunho falſo; e em materia tam grave como é fazer erege o Critico de Evora: pois diz o ſenhor D. Joaquim que ele eſcreveo que *Eſte Poema é arriſcado*; *porque pintando com tam vivas cores as opinioens eterodoxas*, *mais facilmente ſe perverterá o fiel*, *do que ſe converterá o impio*. Quem ouvir iſto julgará que o Critico com mais facilidade ſe inclinaria a ſeguir os ſofiſticos argumentos dos Infieis, do que os ſolidos fundamentos dos Criſtaõs. Oiçam agora os meus leitores as formaes palavras, como foràm, e *de verbo ad verbum* copiou o ſenhor Pina na pag. 41. da ſua Apologia, e ſam as ſeguintes: „ *Publicarſe um Poema vulgar neſte aſunto*, *além da inutilidade*, *tem o perigo de que*, *pintandoſe muitas vezes*, *por forſa do entuziaſmo*, *as ſeitas eterodoxas com cores mais lizongeiras*, *que a crenſa ortodoxa*, *ſe pode mais facilmente perverver o fiel*, *que convertér o impio*. Vejaſe agora a grande diſtanſia, que vai de uma coiza á outra. Atendaſe á malevolenſia do ſenhor Apologiſta. Senhor D. Joaquim, nam é o meſmo dizer que *ha perigo de que ſe pintem*, que afirmar que *ſe pintam*. O meſmo é ſer *in*

actu,

actu, ou *in potentia?* O mesmo é tambem *mostrarem cores mais lizonjeiras*, ou existirem *com cores muito vivas?* Com a omisam de algumas palavras, e mudansa de outras pertende vosa mercê arruinar o credito do Eborense, e com tanta cegueira, que nam tem pejo de se abater ao vil recurso de tam evidentes imposturas.

Muito me admiro tambem de que chamem estes senhores *novo* ao argumento; e digam que com ele *cahio o Critico da ponte de Aristoteles mais mizeravelmente, que ninguem até agora tem cahido*; quando os fundamentos, que ele teve, sam tam certos: eu direi alguns, que alega na sua defensa, e me tirarám o trabalho de responder a muitos. E vai o primeiro: „ O direito Ca-
„ nonico proibe com pena de excomunham que
„ nenhum leigo publicamente, ou em particular,
„ posa disputar da Fé Catolica. (Habetur in
„ cap. 2. § *Inhibemus*. de Hereticis in 6. his ver-
„ bis): *Inhibemus quoque ne cuiquam laicæ perso-*
„ *næ liceat publice, vel privatim de Fide Catho-*
„ *lica disputare: qui vero contra fecerit, excommu-*
„ *nicationis laqueo inodetur.* E se quer saber quaes
„ sam os perigos, que ha, ou pode aver, leia o
„ Cardial de Lugo explicando as condiçoens,
„ que deve ter quem entrar nestas disputas. (De
„ virtut. Fid. Div. disp. xxii. sect. v). 4. *Con-*
„ *dicio ex parte auditorum, ne forte illis nocere pos-*
„ *sit disputatio audita: quod magis cavendum est*
„ *quando non sunt docti, vel ita perspicaces, ut*
„ *rationes nostræ Fidei callere non possint, sed simpli-*
„ *ces, et rudes; qui aliàs in Fide quieti degebant;*

„ *et fieri facile potest ut argumentis contra Fidem*
„ *cōmoveantur, non ita facile solutionis vim capien-*
„ *tes, vel certe turbari incipiant, cogitantes posse*
„ *in dubium revocari ea, de quibus antea numquam*
„ *dubitarunt.* Os PP. deputados pelo Concilio
„ Tridentino para fazerem as regras do Index,
„ tambem temêram perigo nos livros de Con-
„ troversias em lingua vulgar; e por iso orde-
„ nam Regul. vi. que *libri vulgari idiomate de*
„ *controversiis inter Catholicos, et Hereticos nostri*
„ *temporis differentes, non passim permittantur;*
„ *sed de his servetur quod de Bibliis vulgari lingua*
„ *scriptis statutum est.*

Pareseme que estes textos tam terminantes bastam para que o Eborense se defenda inteiramente, e convensa sem contradisam asim o senhor Velho, como o senhor Pina. Que muito que ele disése que avia perigo de se pintarem por forsa do entuziasmo as seitas eterodoxas com cores mais lizongeiras, depois de ter dito o citado Cardial, *que facilmente pode acontecer que os ouvintes se comovam dos argumentos contra a Fé, nam percebendo com tanta facilidade a forsa da solusam?* Duas coizas devemos advertir na razám do Cardial; e duas na propoziçam do Critico. Diz este, que *ha perigo de se pintarem*: e atribue este perigo á *forsa do entuziasmo*: e aquéle escreve que *facilmente pode acontecer*; pondo a razám desta facilidade em *nam perceberem a forsa da solusam.* O Eborense poz o perigo em contingensia, dizendo que pode ser que o poeta nam se explique bem: o Cardial poem o seu em facilidade,

afirman-

afirmando que é facil que os ouvintes entendam mal E se ele achou neste perigo tanta facilidade quando se trata a questam em proza, quanto mais razám ha para se temer quando se disputa em verso? E para que o senhor Pina nam fique totalmente ivento deste receio, lembrese daquele lugar do seu Poema, que notei no Discurso 8, onde diz que os bemaventurados amde exercitar o paladar em *substansias burbulhantes* que estam em *redomas*: e alegando para isto textos de SS. PP. ainda é mais facil que alguem entenda que tambem no Ceo se come, ou bebe: e querer certificar estas coizas a quem só as pode, ou sabe entender literalmente, é abrir caminho a dezordens, dar motivo a duvidas, e fomentar controversias. E asim em outros muitos lugares, em que os *simplices*, *et rudes*, *qui aliàs in Fide quieti degebant*, movidos de alguma instansia, que lhe subministre a sua tosca ideia, ou diabolica iluzam, contra o fundamento mal entendido por eles, ou pouco explicado pelo poeta, nam sabendo disolver a propria duvida, *turbari incipiant cogitantes posse in dubium revocari ea, de quibus antea numquam dubitarunt.* E se nam, lembrese da ilusam, que eu lhe lembrei no 8 Discurso; pois pode algum prezumido de esperto dizer com as formaes palavras de outro lugar do Poema: Que é isto? Tambem no Ceo se come? Pois pergunto: ou lá ha fome, e sede; ou nam? Se ha sede, e fome, triste gloria será: e se comem, ou bebem sem apetite, é muito maior tormento; e ahi temos os bemaventurados com

fastio *et c.* E deste modo poderá ir inferindo mil loucuras, de que fica sendo culpado o poeta.

Eisaqui porque o Eborense dise bem que o Poema necesitava de uma crize para bem da Nasam, para que nam julgasem os indoutos que aquele era um dos esforsos da nosa Religiam. Nam poso eu lizongearme de que esta minha pode servir para ese fim: porém ao menos lembrará a algum erudito a necesidade, que ha de repreender em algumas coizas o senhor Pina, persuadindo-o á docilidade de emendar, e nam sustentar os defeitos. Este o motivo, que me obrigou a tomar a pena, sem temor de reconvensam; pois, como nam me rezulta desdouro de ficar vencido, terei o proveito de ser ensinado, ainda que seja á minha custa; ficando tambem o senhor Pina advertido á sua: e do mesmo modo o senhor Apologista; a quem advirto que na reposta, que der a estes meus Discursos, ha de satisfazer a todas as duvidas, e erros, que lhe noto asim no Poema, como nas suas cartas: de outro modo, julgarei que ou nam soube, ou nam teve que responder. Constame que está escandalizado de mim, porque quando lhe remeti manuscrito este papel, muito mais extenso, me notou a liberdade na pena, e que o envestía como se fose um rapaz. Pouca razám lhe acho em querer que o respeitem pelo senhor D. Joaquim: . . . . . depois de sair mascarado com o cognome de *Velho do Canto.* Neste papel falei com o *Velho do Canto*; e uzei a prudensia de lhe nam tirar a mascara. Se acazo se descobrir, eu

estou

eſtou pronto a fazer o meſmo: entam poderei tratalo com mais reſpeito, ſe o ſeu eſtilo o merecer, porque conforme a muzica deve ſer a danſa. Eu nam ſei que o ſenhor Lisbonenſe queria que fizeſe um rapaz como eu, depois de ver que um omem *Velho*, e prudente como ſua mercê, deo toda a liberdade á pena, inveſtindo os Criticos com dicterios; e iſto depois de ter notado o ſenhor Pina de *demaziadamente modesto*, ſendo certo que diſe algumas graſas bem pezadas, como aquela de oferecer a um deles para exemplar da oneſtidade das donzelas da ſua familia o procedimento da Dama que emprenhou no jardim; e outras taes. A iſto chama o ſenhor D. Joaquim *demaziada modeſtia*? Eu no que eſcrevi, em nada toquei ſobre peſoa, ou coſtumes: diſe contra o Poema, e contra as apologias: e como nam tenho donzelas na familia, estou muito pronto a continuar as repoſtas neſta materia, nam ſó ao ſenhor Pina, e Velho, mas a qualquer ſequaz ſeu, que queira defendelo, ou impugnarme.

FIM.